AMELIA CARDIA

EPISODIOS

DA

GUERRA

IPAIS DE LISBOA

PORTUGAL-BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA

7/5-1

Episodios da guerra

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Codigo Civil Portuguez* ; no Brazil, nos termos do convenio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 3.577 de 17 de Janeiro de 1912 ; nos paizes convencionados, em harmonia com a Conferencia de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911.

IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61

Amelia Cardia

82P-31
CAR

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

M

AMELIA CARDIA

Episodios da guerra

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA
17392
142258

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, R. GARRETT-R. DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

821.134.3-31

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Ás mulheres da minha terra

A Vós cujas delicadezas de sentimento, surpreendidas em flagrante, numa intimidade de vinte e sete anos entre clientes e medica — por ventura medica de alma ainda mais vezes que de corpo — a Vós, Senhoras, dedico este livro.

Reunidas em volume, as singelas narrativas que ides ler foram escritas para a «Ilustração Portuguesa» no momento em que o gládio, brandido pelas ambições dos homens, derramava ondas de sangue por toda a terra e rasgava feridas de morte no coração das mães, das esposas, das filhas, das irmãs, das desposadas de heroes que na defeza da sua pátria e do seu lar caíam pela maior parte sem vida nos campos de batalha.

Assisti em espirito ao desenrolar das scenas de tremenda desolação que a guerra originou; o meu coração doeu-se das dores que soluçaram nos peitos de todas as mulheres e a minha voz fez-se eco dessas notas doridas na hora em que era preciso amparar as almas vacilantes, avigorar as energias debeis com exemplos de isenção.

Agora que a peleja findou, sepultos os que sucumbiram deixando tanta saudade, quero, antes de abandonar tambem o corpo aos vermes, acordar ainda esse eco dolorido para reavivar em Vós, minhas irmãs, o sentimento de fraternidade que deve unir-nos a todos os que sofrem, identificando os seus com os nossos males, afim de triunfarmos d'eles melhor; assim caminharemos fortalecidos em espirito pela misteriosa telepatia que aproxima as almas de sentir unanime, onde quer que se encontrem.

Sabeis compenetrar-vos piedosamente das dores alheias, Senhoras. O que talvez não saibais é que a reação oculta do sentir alheio atenua as vossas.

Amar é ser amado.

Revelando-vos esta lei do mundo moral que nos assegura da existencia de um auxiliar invisivel em cada alma que sente o Bem, venho afirmar-vos a minha incondicional solidariedade e o meu preito de amor no modesto livro que vos consagro.

Embora os vossos olhos me não vejam crede-me agora e sempre, junto de Vós.

1919.

Amelia Cardia.

Mulher...

Os filhos do sr. Sestier, funcionario consular francês em Kovnó, apesar de estudiosos, quer o rapazito quer a menina, deram uma detestavel lição de geografia. E a de ciencias naturaes tinha marcado pela mesma bitola.

Não era que Hilda Orlof, a mestra interna que, havia tres anos, tomára a direção dos seus estudos, fazendo-os progredir rapidamente, não tivesse um real merecimento e excelente metodo de ensino. Mas o certo é que em toda a manhã, e sem surpresa sua, não conseguira obter oportunamente meia duzia de respostas acertadas dos seus discipulos desatentos.

Explicavam o facto duas razões filiadas na mesma causa: a sensibilidade afetiva de Luiz e de Suzana, os dois estudantesinhos confiados aos cuidados de Hilda Orlof.

De madrugada tinha chegado um grande comboio de feridos da frente ocidental e tendo-se improvisado

rapidamente hospitaes por toda a parte para os alojar, a noticia levára o pesar a todas as habitações.

Por sua parte Hilda tinha recebido uma mensagem do tenente medico Pedro Orlof, filho de um irmão de seu pai, avisando-a de que se achava entre os feridos e queria despedir-se dela antes de morrer. E como Hilda era muito querida pela familia Sestier, a má nova penalisára todos em casa sinceramente.

Só ás doze horas era permitida a entrada aos visitantes dos feridos. E Hilda, observadora dos seus deveres, aproveitára o tempo que ainda tinha disponivel para deixar as lições tomadas aos seus pupilos, embora sem grande aproveitamento, como estava reconhecendo.

— Então, Suzana! Que distraída!

— Vamos, descreva com mais exatidão a situação geografica de Liège.

— Não posso, por mais que deseje, Mademoiselle. Antes queria estar a fazer ligaduras para os feridos.

— Mas como não é isso que nos compete fazer agora, continuemos a nossa lição.

— Digo-lhe que não posso — replicou Suzana com voz tremula. — Aflige-me muito a lembrança dos feridos. E que faria se o Luiz já tivesse idade de combater...

— Quem me déra! Só queria poder tirar desforço dos que nos feriram os nossos — obtemperou Luiz muito exaltado. — Gostaria que fosses mais corajosa, Suzana.

— O que não me impediria de me afligir quando

alguem sofresse. Muito forte é a nossa querida Mad.elle Orlof! Tendo um desgosto tão grande, não sei como pode pensar em outras coisas! Eu cá não podia...

— Pois bem, minha filha — juntou Hilda brandamente para tentar um ultimo esforço. — Tome o meu exemplo. Se a minha dôr me não impede de cumprir o meu dever, estando alcançada de tão perto, o seu pesar tambem não a deve impedir de cumprir o seu. Cada qual no seu campo não deve ter outro alvo, para estar bem com a sua consciencia primeiro que tudo e para merecer a estima dos outros depois. A minha Suzana, que tão bem compreende tudo, vae fazer uma tentativa para me ser agradavel. Voltemos á situação geografica da Belgica e das suas cidades; estavamos em Liège.

* * *

Faltava ainda um quarto de hora para se poder visitar os feridos e nem dez minutos eram precisos para transpor a distancia entre a legação franceza e o hospital onde Pedro Orlof tinha sido alojado. Hilda já pronta no seu quarto, relia a mensagem de Pedro que no seu eloquente laconismo — «Gravemente ferido, desejava despedir-me de ti antes de morrer», — acordava na sua alma uma sincera dor e um mundo de reminiscencias da sua infancia e da sua adolescencia, passada com o desditoso rapaz, tendo sofrido juntos a provação da perda dos paes e tendo-

se acompanhado nos seus primeiros trabalhos escolares até ao momento em que Pedro entrou numa escola superior, derivando ela para o professorado.

E não eram despidas de encanto essas reminiscencias todas impregnadas de um suave perfume de saudade ligada á recordação da amisade, da gentil deferencia depois, da estima, e por fim, do amor sinceramente confessado de Pedro e por ela regeitado com toda a franqueza da sua alma de espontaneidade e de verdade.

Tivera sempre em verdadeiro apreço as qualidades de carater de Pedro, a sua seriedade, elevação e firmeza, a sua delicada sensibilidade, a sua notavel inteligencia; estimava-o e admirava-o; mas não o amava com o sentimento que ela entendia ter um marido o direito de lhe exigir. Podiam acusal-a de idéas romanescas; mas não conseguia alterar a sua conceção do casamento, o seu modo de sentir. Faria dois infelizes, a seu vêr, se casasse sem experimentar um sentimento que ela não conhecia ainda mas que dentro de si mesma qualquer coisa lhe presagiava que havia de conhecer um dia e sem o qual nunca se daria a um homem por mais belos dotes que lhe reconhecesse.

E tudo isto Hilda lhe expozera francamente quando Pedro se declarára.

Afastaram-se amigos, ela com uma amizade sã, fraternal, ele com uma adoração profunda, apreciando-a mais ainda e erguendo-lhe na sua alma um altar onde a imagem de Hilda se ampliou aureolada

de uma luz purissima a iluminar o seu espirito sempre em busca do aperfeiçoamento, a inspirar as suas mais nobres ações.

Daí em diante Pedro Orlof entregou-se ainda com mais afinco ao estudo.

Terminado o seu curso ficou tendo a subdireção dum hospital militar, dispondo de um bem montado laboratorio onde passava as suas melhores horas em experiencias delicadas e pacientes estudos que encheram as revistas cientificas de descobertas importantes e tornaram o seu nome universalmente conhecido e glorioso.

Algumas vezes o éco desse renome chegou até Hilda causando-lhe legitima ufania a justa admiração consagrada a Pedro Orlof.

Logo que a Russia tomou parte na guerra actual Pedro trocou os trabalhos de laboratorio pelo serviço das ambulancias que exercia com a mais caritativa humanidade e nelas foi surpreendido por um ataque barbaro que a bandeira da Cruz Vermelha não impediu, caindo com os seus doentes sob o fogo mortifero do inimigo.

Transportado com uma leva de feridos, jazia num catre do improvisado hospital com o rosto completamente envolto em ligaduras e foi assim que a mulher que ele tanto amava o foi encontrar.

Quando Hilda se lhe aproximava do leito Pedro adivinhou-a e estendeu-lhe a mão.

— Obrigado, Hilda, por teres vindo hoje mesmo. Ignoro a extensão do meu ferimento, mas sofro dô-

res intoleraveis e creio que não é possivel resistir a esta tortura. E' de enlouquecer. Deve esperar-me uma meningite e antes de entrar num periodo de inconsciencia quero agradecer-te a ação benefica que exerceste na minha vida. Será curta mas foi fecunda em resultados proficuos á humanidade. A ti o devo. Se não tivesse tido a tua imagem a iluminar-me, os olhos da minha alma não se teriam aberto a tão claras idéas. Foste o farol que me alumiou o caminho, digo-to cheio de reconhecimento — concluiu Pedro extenuado, apertando ternamente as mãos que lhe tomavam a sua.

Hilda permanecia de pé inclinada sobre o leito envolvendo Pedro num olhar de profunda piedade e esforçando-se por dar á voz um tom de firmeza que a comoção desmentia, insinuou :

— A gravidade que atribues ao teu estado é talvez uma falsa idéa devida ao muito que sofres. Já foste pensado depois que chegaste ?

— Ainda cá não puderam chegar — respondeu Pedro resignadamente — talvez daqui a pouco o façam mas não quero que vejas. Devo estar horrivelmente desfigurado e desejo que não conserves de mim uma recordação repulsiva. Sinto o movimento do pessoal que se aproxima. Vai. Se eu não tiver partido, ámanhã voltarás. Se tiver... evoca-me algumas vezes. O meu amor fará baixar á terra o meu espirito para te envolver em efluvios de carinho. Adeus, Hilda, vai.

Sem uma palavra, reprimindo um soluço, Hilda

afastou-se vagarosamente ao passo que se aproximava o cirurgião acompanhado pelos enfermeiros e pelo carro dos pensos.

A' porta da sala deteve-se. Queria esperar, queria falar ao cirurgião. De longe viu levantar as ligaduras, tirar um chumaço de algodão; depois o cirurgião pegou numa pinça e levantou com ela uns pedaços de gaze ensanguentados, arrancando um grito estridulo ao paciente. Confrangida até aos intimos recessos dalma, Hilda, como se os seus olhos fossem atraidos por uma força desconhecida, fixou-os atentamente em Pedro, cujas orbitas eram dois buracos vasios. Cambaleou horrorisada e encostou-se á parede para não cair, dominada por um profundo abalo, por uma comoção que se apossára dela acordando na sua alma um indefinivel sentimento, mixto de piedade e ternura, como nunca sentira.

— Infeliz — murmurou Hilda sem expressão no olhar, como se tambem dos olhos dela tivesse desaparecido para sempre a luz.

* * *

Tres semanas depois, Pedro Orlof, conhecendo já a extensão da sua desdita, sorria resignadamente, sentado ao lado do leito, ao sentir aproximarem-se-lhe uns passos muito seus conhecidos.

— Meiga consoladora — exclamou ele estendendo a mão á espera de encontrar outra que lha tomasse.

— Não me recriminas pela minha ausencia? Tive

tanto que fazer estes ultimos dias, que não pude vir. Mas tens umas grandes melhoras, ao que vejo, já sem ligaduras... Sempre sais então hoje...

— A minha carta dizia-to. Terás arranjado, como te pedia, uma criatura, que não seja boçal e queira servir de moço de cego para me acompanhar ?

— Parece-me que sim.

— E saberá ao menos lêr correntemente ? Não fazes idéa do tormento que seria para mim sentir-me sequestrado do convivio inteletual dos homens de estudo; não fazes idéa, Hilda ! Privado do meu querido laboratorio, da verificação dos meus trabalhos junto do leito dos doentes, já é muito; cerrados tambem os olhos do espirito á unica luz que ainda pode aquecer-me... é demasiado. E' insuportavel, minha filha. A mutilação do cerebro é a morte para um homem como eu.

Era para lamentar que Pedro Orlof não podesse ver a expressão enternecida com que Hilda o fitava ao dizer-lhe comovidamente :

— Essa morte não será a tua, meu querido Pedro.

— Trouxeste essa pessoa ? — perguntou ele vivamente interessado.

— Apoia-te ao seu braço, que é firme — respondeu Hilda com voz que desmentia a apregoada firmeza do braço sob o qual ela tomára a mão de Pedro carinhosamente.

— Tu ?!...

Pedro Orlof oscilou tomado de vertigem e firmando-se no braço a que se apoiára, murmurou baixi-

nho: — Ha na justiça eterna reparação para todo o infortunio.

O capelão do hospital que se aproximára de mansinho, metido por Hilda no conluio para lhes abençoar a união, completou-lhe numa sintese evangelica o pensamento:

— «Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados.»

Como se fazem heroes

— Tenho de te dizer embora me custe minha querida Luiza que se verificam os teus presentimentos.

— Vaes na expedição? — perguntou Luiza com voz maguada e tremula.

— Não te aflijas, mas é caso decidido — respondeu tomando-lhe as mãos enternecido o alferes Viana, rapaz de seus vinte e sete anos, estatura regular, olhar brilhante, fisionomia aberta e franca expressão de energia no semblante. — Não te amo menos por isso Luiza. Antes posso afirmar-te que o teu amor é um dos fortes estimulos que me impelem para a Africa...

— Custa a compreender...

— Não custa.

— Vaes arriscar a vida num país que dizem insalubre, onde as febres vitimam mais homens que os combates, onde os inimigos conhecem o meio, sabem valer-se de todas as traições e dispõem de forças muito mais numerosas; vaes por gosto visto que não

pertencias aos corpos expedicionarios; e dizes-me que o fazes em parte por amor de mim! E se não voltasses? Que prova de amor tão singular me terias dado: tirar-me a esperança de ser tua mulher, a esperança de ser feliz. Não custa a perceber?!

Mais interessante ainda, iluminado e quente o olhar, as faces em fogo, transfigurada pela eloquencia do seu afeto que a exaltára da sua reserva habitual, Luiza pareceu mais bela que nunca ao seu namorado que, fundamente abalado e cativo dos dotes e encantos de Luiza, mal conseguiu dominar a dôr do que julgava uma injustiça.

— Talvez percebas um dia. Basta que te dê a minha palavra de honra de que o teu amor não é estranho á minha resolução. Conheces-me pouco. Ha três meses apenas que me permitiste falar comtigo no regresso do colegio onde lecionas e isso por pouco tempo para que te não tomem por leviana. Nada sabes da minha vida por assim dizer.

Eis a razão porque não compreendes o meu procedimento. Mas... repito, não te aflijas.

Além disso cumpro o meu dever. Mais cêdo ou mais tarde seria chamado o corpo a que pertenço. Antecipo-me eu pedindo a colocação num dos que seguem agora. O dever do soldado é combater pela patria. Nem eu quereria que a minha mulhersinha pensasse de modo diferente. E eu espero que has-de ser a minha querida mulhersinha, não é verdade?

— Essa esperança me dá animo, meu querido Alberto. Mas tranquilisa-te. Embora sinta imensa tris-

tesa ao lembrar-me de que vaes partir, não te tirarei a coragem sensibilisando-te com os meus temôres exagerados talvez pelo estado do meu espirito nestes ultimos dias tão atormentado de inquietações. Minha pobre mãe peorou, ainda t'o não disse. O medico achou-a hontem muito mal. Já hoje faltei ás lições da manhã no colegio para não a deixar. Ela sente-se tão feliz tendo-me ao pé de si e eu tão triste com o receio de a perder, tão confrangida para não lhe deixar adivinhar a minha desesperança, que chego a perder a presença de espirito nas situações mais banaes, que direi n'esta espectativa de te vêr partir!?

Emfim, farei das fraquesas forças. E por agora preciso de te deixar. Fui ás lições só para ter o ensejo de saber que resolução tomavas, mas não sem o remorso de me afastar de minha mãe. Não sei agora quando nos veremos, tudo depende do seu estado.

— Não serei eu que te desvie dos teus deveres de filha. Mal sabes que grande amôr tenho tambem a minha mãe. Vae, minha Luiza, oxalá encontres a tua doente melhor.

E selaram a despedida com um terno aperto de mão e um olhar cheio de amôr.

* * *

Em casa de Sebastião Viana, pai de Alberto Viana, um dos oficiaes expedicionarios, não havia grande alegria desde muito.

Sebastião Viana, ex-sub-diretor duma companhia

de seguros, fôra fulminado por uma hemorragia cerebral de que lentamente convalescêra paralisado das pernas; e vegetava havia três anos numa cadeira de rodas que a dedicada esposa, mãe de Alberto, passeava no tempo que lhe sobrava dos arranjos da casa, num pequeno quintal do rés-do-chão que habitavam em uma das ruas transversaes do Campo dos Martires da Patria. Por vezes inconscientemente irascivel, por outras sensivel até ás lagrimas como todos os doentes daquele genero, necessitado de todo o auxilio, Sebastião Viana era um encargo adorado mas penoso para a esposa e para o filho.

Lográra vêr concluido o curso militar do filho e caíra na altura em que este começava a fruir o parco sôldo de alferes.

A companhia onde fôra sub-director continuou a dar-lhe o ordenado emquanto esteve de cama. Depois deu-lhe a cadeira e um pequeno subsidio que administrado parcimoniosamente com o sôldo do filho por D. Albertina Viana, mal chegava para a modesta subsistencia dos três.

E a pobre senhora, cançada da lida de todo o dia, sentava-se ao serão ao lado do seu impaciente invalido trabalhando em artigo de malha para uma fabrica que lhos pagava... por preço de fabrica. E assim conseguia, trabalhando três ou quatro horas cada noite, angariar mais uns tostões para algum acepipe suplementar que pudesse fazer diversão á monotonia dos pratos baratos que ela podia oferecer aos seus com os magros recursos de que dispunha. E logo ao

principio do serão, Alberto, que se sentava ao lado de sua mãe na firme intenção de fazer um bocado de companhia á animosa mulher que ele tanto venerava, sentia-se possuido de uma piedade infinita por aquele obscuro heroismo, marejavam-se-lhe os olhos de lagrimas e para ocultar a sua comoção pretestava um serviço no quartel, a necessidade de se informar dum assunto relativo á sua profissão, ou uma reunião de camaradas, e saía revolvendo no espirito um mundo de ideias em busca duma orientação que lhe facultasse os meios de dar descanço á velhice de sua santa mãe

Creado no amor da familia, acordava nele ao mesmo tempo o desejo de a constituir, inato por assim dizer em todo o homem de bem. Mas seria esse desejo realisavel? E quando o fôsse, onde acharia ele uma rapariga como a fantasiava, á imagem de sua mãe, sem outras aspirações que não fossem a felicidade dos seus em que fazia consistir a sua propria?

No cerebro de Alberto flutuavam imagens indecisas, meros produtos da sua fantasia, que nunca sonhára vêr tomarem corpo na terra até ao momento em que viu Luiza de Freitas, rapariga esbelta e bela, de vinte e dois anos quando muito, correta nas maneiras, discreta nos gestos, reservada no falar, elegante sem atavios, respirando modestia e distinção; o quer que fôsse de alheio ao vulgar, que em nada se parecia com as raparigas cujos dotes os seus amigos lhe encareciam com elogios, sempre a seus olhos imerecidos, o que lhe valera o epiteto de *desdenhoso*.

Ele que nunca se lembrára de seguir mulheres dei-

xou-se ir inadvertidamente na esteira d'aquela. Decorreram alguns mezes n'esse enlevo sem Alberto pensar sequer em manifestar-se, até que um dia, casualmente, vieram á fala. E desde então nunca mais Alberto Soares Viana, informado de que Luiza lecionava linguas e geografia n'um dos melhores colegios de Lisboa, deixára de lhe ir ao encontro três vezes por semana quando ela regressava das lições. Paravam uns momentos á conversar, a *trocar impressões*, como é de uso dizer-se agora; ele reconhecendo-a dia a dia mais sensata, instruida e bondosa; ela, cativando-se das qualidades de caracter que se revelavam a cada passo na conversação de Alberto; ambos eles tendo a presciencia de que fariam uma união feliz.

E quanto mais a tinha, mais angustiosamente Alberto perguntava todos os dias a si mesmo: Mas como ?!

Em que circumstancias poderia ele constituir familia ?

Para ser feliz não lhe exigiam grandezas os seus gostos modestos; mas se queria uma esposa á imagem de sua mãe, não a queria sacrificada em tempo nenhum como a veneranda mulher que lhe déra o ser. Nem por outro lado, se julgava com o direito de dar o bem estar a outrem emquanto para aquela não obtivesse primeiro o descanço que julgava ter o dever de lhe proporcionar como tributo sagrado da sua ternura filial e da sua gratidão. E voltando a pensar em Luiza, na necessidade que ela tinha de recorrer ao trabalho para se manter e manter sua mãe (pres-

tes a deixal-a só no mundo, como o coração da filha acertadamente presagiava) nas suas grandes aptidões, tambem não concebia que um homem de caracter pudesse formar planos de vida domestica sobre o subsidio financeiro que a esposa viesse trazer ao lar, produto do trabalho remunerado. Que a força das circumstancias levassem o marido a aceitar a cooperação da mulher na solução das dificuldades ulteriores do casal para a manutenção dos filhos, admitia-o; mas aproveitar de semelhante cooperação em beneficio da sua propria ventura seria uma vileza inconcebivel para o seu cerebro.

Alberto queria uma esposa que o tornasse feliz, mas queria tambem retribuir essa felicidade, subtraindo a mulher eleita pelo seu coração aos contactos vulnerantes dos meios monetarios para a envolver n'uma atmosfera de intimos desvelos e homenagens.

Queria o amor e a ventura domestica como ele a entendia e de nenhum outro mundo.

Que fazer ?!...

* * *

A guerra desencadeára-se por todo o mundo.

A sua patria contraíra tambem compromissos de honra e tinha reivindicações a fazer porque fôra afrontada. O alferes Soares Viana era adentro d'alma um verdadeiro soldado. Só pensava em honrar a farda quando se tratava da defeza do seu país. Por outro lado, como homem, os seus sentimentos de humani-

dade, ofendidos pela crueldade selvagem dos tiranos que pretendiam recalcar o mundo inteiro, revoltavam-se incitando-o á luta. Lendo os relatos dos inumeros crimes e atrocidades perpetradas pelos beligerantes contrarios, a sua mão procurava instintivamente o punho da espada n'um impeto generoso de desagravo que lhe não consentia ficar por mais tempo inativo. A par d'estes sentimentos, as suas preocupações dominantes, a felicidade dos que amava, a sua propria, incitavam-no a tomar parte nos combates que se estavam travando, a ir em busca de arrojadas aventuras guerreiras de que lhe adviria a gloria, a subida de postos rapida, a nomeação para missões de confiança, e com tudo isso a realisação dos seus mais formosos ideaes.

Era este triplice incentivo, o amor da patria, da humanidade, da familia, que o levava á Africa como ao seu unico campo de ação.

A Africa! Era ali que ia honrar o seu paiz.

Era ali que ia ganhar a aposentação da sua mãe na duplicação do soldo; era ali que ia ganhar a sua aliança de noivado.

Dominado pelo ardente entusiasmo que fez os grandes heroes do passado, com o cerebro povoado das formosas ilusões da mocidade, cego por uma d'essas miragens que arrastam os homens aos mais sublimes feitos, tantas vezes á morte, algumas vezes á vitória, Alberto ia partir sem que alguem podesse demove-lo do seu designio. Iria engrandecer o seu nome. Partia cheio de esperança, havia de voltar coberto de gloria

para se dar aos seus grandes amores de filho e de esposo.

E se por lá caisse?

Devia prevêr a hipotese. Pois bem: ficaria aos seus uma memoria honrosa e a pensão de sangue que sua bondosa mãe partilharia com Luiza para lhe aligeirar as canceiras, emquanto outro mais ditoso lhe não admirasse os dotes de corpo e de alma e lhe désse a independencia pelo casamento.

Não ha feridas de coração que o tempo não cicatrise e Luiza merecia bem ser venturosa afinal, como ele mereceria a consagração da patria, sua outra mãe.

Para o soldado era aquela a melhor ocasião de morrer.

E demais, aqui, no seu papel de inutil, tambem poderia morrer vitima de qualquer doença endemica de exaltada virulencia casual: tanta mocidade é anualmente ceifada por doenças tifosas. Que inglório seria vestir uma farda e cair assim! Não. Iria combater. A ocultas de sua mãe pedira a transferencia dizendo-lhe — piedosa mentira — que fôra por ordem superior mudado de corpo.

E a dedicada mulher, tão habituada a sofrer, soube dominar a sua dôr para incutir coragem ao filho.

— Tantos têm ido e tantos têm voltado com gloria, filho — comentou ela com um meigo sorriso mas sem levantar os olhos do trabalho para que não fossem vistas as lagrimas que os humedeciam.

— O seu coração diz-lhe que será esse o meu destino, não diz, minha mãe? — perguntou ele tomando-

lhe a cabeça para a beijar. — Para que são essas lagrimas? Não vê o meu enthusiasmo?

— Vejo, Alberto! São involuntarias. Nunca te separaste de mim, é natural que me penalise a tua ausencia. Pensarei durante ela no regresso. Que alegria será a de nos tornarmos a vêr! Mas dize-me cá, não tens alguma coisa ou alguem a recomendar-me? Déste-me vagamente a entender ha tempo que havia uma imagem no teu coração. Era um aféto verdadeiro?

— Era e é. E precisamos falar d'ele.

— E' então uma pessoa de quem me possas falar, meu filho? — perguntou D. Albertina com interesse.

— O' minha mãe, eu falaria d'este modo se assim não fosse? Se a conhecesse... mas vae conhece-la, e bem cêdo. Depois me dirá o que pensa da minha escolha. Quero vê-las juntas no regresso.

E Alberto com o braço passado á volta do pescoço da mãe, sentado junto d'ela, contou-lhe quanto sabia de Luiza de Freitas.

Era filha de um guarda-livros que auferindo bons lucros a internára n'um colegio inglez no intuito de lhe dar uma educação util, para lhe aproveitar com criterio as aptidões que ela de muito creança revelára.

Ainda não completára a educação quando seu pae cegou. E faltando os proventos Luiza ficou no colegio como monitora até á morte d'aquele, sobrevinda pouco depois.

A saude precaria da mãe, a necessidade de olhar agora por ela mais de perto obrigaram-na a sair do colegio onde fôra educada e d'onde levou referencias taes que lhe abriram imediatamente as portas d'outra casa de ensino onde ficou lecionando externa com regulares honorarios. D'eles viviam muito modestamente mãe e filha. Aquela foi peorando sempre de uma enfermidade que não perdôa e entrava agora no transe extremo.

Luiza ia ficar só no mundo; Alberto ia partir; deixava um logar na casa... não: deixava uma filha. E esta encontraria nova mãe. Pois não era bom assim?

Ambas lhe sentiriam menos a ausencia. Juntas teriam a noticia dos seus triunfos, juntas falariam d'ele, juntas iriam lançar-se-lhe nos braços quando ele chegasse vitorioso e coberto de gloria.

* * *

Amanheceu o dia da partida. O tempo que nas ultimas semanas estivera de puro inverno pareceu dar finalmente treguas aos pesados aguaceiros e ao vento agreste que de bocado a bocado os puxava com violencia do sul. Ténues nuvens brancas que orlavam o horisonte ao amanhecer dissiparam-se vagarosamente e deixavam transparecer farrapos de azul puro de um céu que ao meio dia era verdadeiramente o nosso alegre e limpido céu, o céu da nossa terra.

O embarque das tropas estava marcado para as quatorze horas. Mas desde as onze que o povo se

aglomerava nas ruas, convergindo para as grandes arterias por onde se faria o percurso da expedição em cujos soldados a maior parte tinham parentes, amigos ou conhecidos que iam saudar na partida.

Era quasi a hora de reunir e nas casas dos que partiam trocavam-se as ultimas palavras de despedida.

O sentimento, no geral dos que iam, era de alegria.

As aventuras, as terras longiquas, o desconhecido, teem para o homem uma atração poderosa que lhe exalta o animo n'uma embriaguez salutar e o fortalece mesmo nas horas de provações previstas. E se algum mais timorato ou agarrado ao lar se sentia triste, por brio e honra da farda não o demonstrava no semblante.

Nos que ficavam, uns, sugestionados por aqueles, mostravam-se alegres tambem. Outros, em geral mulheres, mal podendo subjugar a dôr que as oprimia, com dificuldade continham o pranto, receosas de perigos ignorados, saudosas antecipadamente dos esposos ou dos filhos que temiam não tornar a vêr.

Em casa do alferes Soares Viana, o quadro era mais de ternuura que cena de dôr. Da parte dos que ficavam confiada resignação; da parte do que partia, as exortações varonis que o amôr e o entusiasmo da mocidade sabe encontrar para transfundir a vida e o calor do seu proprio sangue nas veias dos que ama e incutir alma ousada e valorosa nos lances decisivos.

Na sua cadeira de rodas Sebastião Viana, imbecilisado pela doença, sofrendo as influencias do tempo, acordára bem humorado n'aquele dia. E quando Alberto se lhe aproximou e o beijou na testa com enternecimento quiz retribuir o beijo proferindo uma das poucas palavras que dizia ao acaso e que por coincidencia singular n'aquele momento parecia propositada: Queridos! Queridos!...

D. Albertina, cujos olhos se não despregavam do filho, recalcando a angustia que a estrangulava, stereotipára nos labios um sorriso meigo, como se quizesse que a sua serenidade se gravasse — imagem indelevel — no espirito de Alberto e lhe fosse fanal protetor nos perigos que ia afrontar, e companheira inseparavel.

Luiza, vestida de luto, com a alma ainda abalada pela dôr da sua recente orfandade, com o braço passado á cinta de D. Albertina, como a escudar-se n'aquela mulher de animo varonil preparada para todos os revezes, procurava mostrar-se forte e sorria tambem.

Depois de beijar seu pae, que não podia já entendel-o, Alberto voltou-se para as duas mulheres enlaçadas deante d'ele. Pousou brandamente as mãos no hombro a cada uma e beijando-as uma após outra disse-lhe carinhosamente:

— Quero vêl-as muito alegres. Como eu estou, vêem? Se o amôr da patria não tem nas mulheres a veemencia que tem nos homens outros estimulos poderosos lhes dão coragem: são os sentimentos afeti-

vos e os do bem pessoal. Lembrae-vos de que vou em busca da vossa felicidade e da minha propria. Será esse sentimento egoista o mais imperioso tambem em mim? Ignoro-o. A alma do homem é feita de luz e de lôdo. O que sei é que vos amo a ambas. A si, minha santa mãe, pelo muito que de si me deu; a ti, minha querida Luiza, pela ventura que de ti espero. Por ambas iria aos confins do mundo com a convicção de que voltaria triumfante. E por amor de vós terei cumprido talvez mais corajosamente os meus deveres de patriota e de soldado. A felicidade e a consciencia do dever cumprido... que se póde desejar mais?!

* * *

A's dezeseis horas levantava ferro o vapor que levava a seu bordo muita mocidade inconsciente, delirante de comunicativo entusiasmo; raros desanimos; entranhadas saudades de grande numero; nobres e legitimas ambições de alguns, muitas esperanças vãs; ardentes e firmes propositos de desagravo em prol da patria e da humanidade ultrajadas de muitos outros; e entre estes ultimos, uma alma de eleição, absorta na visão interior de uma miragem de ventura povoada de imagens simbolicas de gloria e de renome — a de Alberto Viana, espirito iluminado pela presciencia do triunfo, sublime intuição do genio que alucinando o homem faz d'ele o heroe.

No exilio

Era ao romper do dia.

Descendo da montanha Butte de Saint Gilles, vasto deposito de hulha das respétivas minas, em larga exploração na provincia de Liége, avançava lentamente uma carroça carregada, sustida por seguro travão, e guiada por um homem espadaúdo e vigoroso, de olhos grandes e vivos luzindo sob um chapeu de abas largas n'um rosto cujas feições mal se distinguiam, enegrecido pelas poeiras do carvão. O olhar desasocegado do carroceiro seguindo irrequieto as curvas do caminho á volta do veículo, sempre pronto a ter mão no animal, denotava ao menos perspicaz observador que o homem não tinha a prática do mister.

Quando chegava a um cruzamento de estradas parava, tirava do bolso da camisola de lã um pedaço de papel em que só se viam traços a tinta formando angulos de varias aberturas, estudava-os com atenção, tornava a guardar o fragmento de papel amachucado

e sujo, e proseguia no caminho segundo a direção indicada no simulacro de planta que lhe tinha logar de guia, alongando a vista para um lado e outro n'um olhar prescrutador como se esperasse ou receasse algum encontro.

Contornando os arredores ao fim da tarde, achava-se ás portas da propria cidade de Liége á noitinha.

Era no terceiro mez da guerra. A Belgica estava isolada do resto das nações e no seu interior mesmo as comunicações eram quasi impossiveis.

Os estrangeiros, em colonias numerosas, tinham abandonado o paiz no começo da guerra conforme tinham podido; e os que restavam, pertencentes a nações não beligerantes, como os portuguezes, logo que os jornaes fizeram constar que Portugal se conservava fiel á aliança ingleza, vitimas de perseguições odiosas da parte dos alemães, tiveram de repente a noticia da suspensão de passaportes sem prévio aviso.

Era preciso fugir, vencendo dificuldades quasi insuperaveis, se bem que a vigilancia das fronteiras não fôsse ainda muito rigorosa, e todos punham as suas esperanças na Holanda para escolher aí residencia ou voltar á patria.

Para escapar ao furor dos alemães tomavam-se todos os disfarces e assim é que Luiz de Albuquerque, refugiado politico na Belgica desde a implantação da Republica em Portugal, habitando Liége com a esposa e um filhinho de peito, recorrera ao expediente, patrocinado por um belga, amigo dedicado dos portuguezes, de mandar construir uma carroça com um

fundo falso nas minas de hulha de Butte de Saint Gilles, e carregando-a de carvão sobre o tampo de um largo compartimento, a guiava ele proprio, descendo com todas as precauções até á cidade, onde tinha escondidos os entes que mais amava e que esperava transportar ocultos no fundo da carroça até a Holanda.

Um criado dedicado, sob o mesmo disfarce, devia trazer-lhe n'um fardo alguns alimentos e roupas para as primeiras necessidades e ter mão na carroça emquanto ele entrava na cidade a buscar a esposa, já munida com os trajes das mulheres do povo da região.

Como este, mais alguns portuguêses tiveram de fazer o seu exodo de algumas cidades da Belgica, onde a nossa colonia era relativamente importante, por processos analogos. Não faltam narrativas publicadas pelos que passaram por taes inclemencias, que o confirmam a quem possa atribuir esta descrição a uma fantasia romantica.

Havia quatro anos como disse que Luiz de Albuquerque, fidalgo provinciano de grandes bens, principalmente em propriedades ruraes, agora administradas por um feitor, se ausentára de Portugal.

Homem de coração mas despotico, e de criterio acanhado, sugestionado por correligionarios de idéas intolerantes, deixára o país, despresando as solicitações da esposa, filha unica, muito dedicada aos paes, fidalgos de boa linhagem cujos modestos haveres lhes não permitiam o luxo de uma expatriação voluntaria e que sabiam manter-se com dignidade n'um meio adverso sem exteriorisações partidarias.

Além do amor filial outra razão poderosa prendia á terra natal D. Maria Joana: a sepultura do primeiro filhinho, vitimado por uma meningite quando começava a tornar-se o encanto da familia pelo desabrochar das graças infantis.

Era essa uma ferida que sangrava sempre no coração da pobre mãe e que o lacerava quasi na hora do exilio.

Amando o marido como se ama por dever nos casamentos de conveniencia, ajustados pelos paes, sendo aliás amada vivamente por ele, nunca perdera um certo constrangimento, naturalmente originado no feitio intransigente de Luis de Albuquerque e todas as suas expansões tinham sido para o filhinho que perdera. Agora, que ao fim de quatro anos tinha a ventura de lhe nascer outro, vinha a desdita de o vêr quasi a fenecer de inanição, sem leite para o amamentar, sem o recurso de qualquer alimento que podesse convir a um recemnascido, tendo apenas bolachas que amolecia em agua para lhe matar a fome, um verdadeiro tormento.

As sombras do crepusculo e o traje insuspeito favoreceram a saída dos fugitivos que passaram a noite ocultos no seu esconderijo e ao romper da aurora a carroça punha-se em marcha guiada por Luis de Albuquerque sempre vigilante e acautelado por aquelas estradas ao longo do Mosa a cada passo patrulhadas por inimigos.

Dona Maria Joana, a esposa de Luis de Albuquerque era obrigada a manter-se estendida na mesma posição dentro d'uma caixa de tres palmos de alto,

onde o ar só tinha accesso por duas fileiras de orificios lateraes. Delicada de compleição, fraca de pulmões que muito se tinham resentido do clima humido da terra do exilio durante quatro anos, sofria uma opressão horrivel e sufocava-se por vezes em ataques de tosse que abafava, com receio de que o ruido a denunciasse.

A criancinha, nascída de poucas semanas, estorcia-se irrequieta sugando raras gotas de leite, insuficientes para lhe calmar a fome, no peito flacido que o terror da situação quasi secára. E como precisava têl-a aos peitos para que o chôro, ouvido na estrada não levantasse suspeitas, a pobre mãe sentia dôres intoleraveis do peito ás costas que as sucções vigorosas da creança esfaimada exacerbavam cada vez mais.

Patrulhas alemãs, encontradas de quando em quando, não deixavam de inquerir do carroceiro para onde ía, ao que elle respondia em alemão para se fazer passar por tal, que estava ao serviço de uma fabrica de gente da sua nação que ainda laborava nas margens do Mosa, para onde fazia o transporte da hulha das minas como o atestava o longo rasto de carvão deixado na estrada.

A' noite paravam metendo o veículo por algumas terras desertas, em descanço desde as ceifas, e agora completamente alagadas pelas aguas do inverno.

D. Maria Joana saía então do seu esconderijo com dificuldade, tiravam ambos o encerado que cobria o carvão, estendiam-no e sentavam-se sobre ele a comer o que traziam, bolachas e presunto, regado

por uma pequena ração de agua muito governada para durar até se avistarem as planicies verdejantes da Holanda e os prados extensos que dão pastagem aos seus enormes rebanhos. De madrugada faziam outra refeição e com os pulmões cheios de ar puro, que era para D. Maria Joana o mais apreciado dos alimentos, a pobre senhora voltava para a sua reclusão e do mesmo modo que na vespera continuavam a sua triste via sacra e tinham de prosseguir assim dias seguidos, ele extenuado de cansaço, ela enfraquecendo cada vez mais, sentindo o coração trespassado pela dôr de vêr o filhinho definhar de hora para hora.

Chegados finalmente ao termo da sua peregrinação D. Maria Joana pôde caminhar ao ar livre junto do marido até um logarejo onde obteve leite para a creança, cuja respiração era já tão fraca que mal se sentia, pés e mãos regelados, por mais roupas em que ela o envolvesse.

D'aí, onde já não havia perigo, fizeram-se conduzir á cidade mais proxima e tiveram de assistir, n'um leito de hotel, ao extinguir d'aquela luz que mal chegára a brilhar. D. Maria Joana, n'uma dôr concentrada e muda, Luis de Albuquerque sinceramente aflito e compungido pelo sofrimento da esposa que não conseguia suavisar, e pela perda do filho, desesperando já de ver vingar um herdeiro do seu nome, tão fracas creanças vinham d'aquela mãe debil, hereditariedade a que a sua robusta organisação era impotente para dar o corretivo.

Tendo reconsiderado na resolução levianamente tomada de expatriar-se, recebendo frequentes denuncias de que o seu feitor se estava enriquecendo á custa das propriedades que lhe confiára, já havia tempo que meditava na conveniencia que para eles haveria em regressar á patria, tanto mais que a saude alterada de D. Maria Joana urgentemente o exigia e Luis de Albuquerque, decidido a fazel-o, procurou dar á esposa essa consolação, dizendo-lhe meigamente:

— Temos sido tão infelizes, minha boa Maria, que estou resolvido a fazer-te a vontade; voltaremos para Portugal.

— Não, não! Não deixo cá o meu filho. Agora sou eu que não quero — redarguiu ela com insolita veemencia, conchegando o filho morto ao seio como se temesse que alguem lh'o tirasse dos braços. — Não deixo o meu filho — repetiu D. Maria Joana tremula mas firme no seu proposito.

Aquela feição nova no caracter de D. Maria Joana surprehendeu o marido que ficou por um pouco mudo a observal-a. Depois, como todas as pessoas que encontram deante de si uma resistencia irredutivel, embora habituados ao predominio, Luis de Albuquerque contemporisou.

— Pois bem, não iremos visto que não queres. Mas haveria um meio, embora dispendioso, de conciliar a repatriação com o teu desejo: fazer transportar n'uma urna o nosso filhinho...

D. Maria Joana deitou a creança com todo o cui-

dado como se temesse acordal-o dum passageiro sono e lançou depois os braços ao pescoço do marido n'uma convulsão de choro, dizendo-lhe por entre soluços:

— Como és bom, meu querido Luis! Como me consolas na minha imensa aflição! Sim, leval-o-hemos para junto do Manuel... Dormirão ao lado um do outro, os meus queridos filhos... até que eu vá fazer-lhes companhia debaixo da lage — concluiu ela mentalmente, convencida de que iria breve partilhar o mesmo frio recinto no carneiro do jazigo familial.

E por largo espaço ficaram os dois abraçados, soluçando calados a contemplar o pequenino cadaver tão branquinho, tão definhado...

Transferido

Adelina Bartolini foi uma estrela coreografica de ha uns bons vinte anos que conheceu a ribalta dos mais célebres teatros do mundo. Por essa epoca remota fez furor em S. Carlos nos bailados.

Formosa sem ser bela, cabelos e olhos negros, pele branca e diafana sulcada de tenues veias azuladas, a gracil bailarina, moldadas as formas d'uma plastica impecavel n'um finissimo *maillot*, era o iman da mais notoria falange de *dilettanti*, que só aparecia nos seus logares á hora dos bailados, como bem recorda ainda o publico de S. Carlos d'esse tempo.

Adelina Bartolini deixára na sua demorada passagem por Lisboa um *bambino* e uma *bambina*, dois gemeos parecidos nas feições mas profundamente dissemilhantes no encéfalo, debeis creaturas gestadas debaixo das baleias inflexiveis dum espartilho-couraça apropriado a dissimular o avolumamento do ventre sob os tules vaporosos que em curtos folhos teem

nas bailarinas logar de saias. Estes meninos eram filhos de um idoso fidalgo português de antiga linhagem, assignante perpetuo d'um *fauteuil* da opera e secreto amador de figuras coreograficas.

Um belo dia a bailarina, tendo na alma a volubilidade dos calcanhares, aborreceu-se dos ademanes fidalgos do seu protetor e foi-se para Italia com um baritono, deixando as duas mimosas creaturinhas nos braços das respectivas amas.

O fidalgo encarou a situação com fleugma e confiou a uma irmã, donzela independente, que tendo aliás o mais profundo desprezo por *bastardinhos*, segundo a sua expressão, os recebeu por condescendencia fraterna no seu palacio sem temer a maledicencia do mundo de que os seus sessenta invernos a punham a coberto, sendo os meninos de tão tenra edade.

Todas as prediléções do pae e da tia cujos laços de parentesco as creanças ignoraram sempre, eram para o rapazinho, destinado a ser senhor d'uma grande casa e d'um grande nome se o velho conde, cortado pela parca o nó matrimonial, tivesse um dia possibilidade de reconhecel-o, para se lhe não extinguir a gerarquia. Para a menina eram todos os rigores desde a primeira infancia, tendo esta norma educativa como resultado, auxiliada pelas dissimilhanças congénitas, trazer mais tarde para a sociedade uma mulher de merecimento e de caracter e um mancebo inepto, orgulhoso e malévolo, ridiculamente ignorante.

Aí pelos quatro anos foi-lhes dada uma mestra inglêsa mandada vir do seu país, com a clausula imprescindivel de ser catolica, a cujos cuidados D. Tereza confiou Nuno e Maria da Luz.

Permitiu D. Acaso que a mestra sahisse modelar. Sabedora sensata e reta, *miss* Lucy Tenison desempenhava a sua missão com a mais escrupulosa probidade profissional e o mais judicioso criterio. E se a cada momento via Nuno rebelde ao mais leve esforço de atenção, não menos vezes linha de moderar o ardor com que Maria da Luz, inteligente e aplicada, se entregava ao estudo. Ambos se iam robustecendo com exercicios fisicos adequados á sua edade e longos passeios por sitios saudaveis, ensejo aproveitado para palestras agradaveis e instrutivas que faziam as delicias da Maria da Luz, e eram perturbadas por diabruras inéditas do endemoninhado Nuno, sempre indisciplinado, a despeito de todos os processos ensaiados por *miss* Tenison para o submeter.

Aos treze anos Nuno era um diabrete, insuportavel de malicia e de estulta vaidade. Fugia das salas e escoava-se pelas escadas interiores do palacio, subtraindo-se á vigilancia de *miss* Tenison que algumas vezes o foi surpreender na cosinha ou na copa arengando sobre uma mesa aos creados n'uma linguagem que arrancava á corréta ingleza um *shoking* de indignação.

Miss Tenison entendeu afinal que era do seu dever expôr a D. Tereza as difficuldades com que lutava

para o fazer enveredar pelo bom caminho e solicitou uma audiencia.

D. Tereza que avelára nos seus setenta e tantos, cada vez mais rispida acolheu-a mal.

— Já sei o que vae dizer-me — foram as suas primeiras palavras — Maria da Luz é um portento, uma oitava maravilha do mundo. Nuno é um parvo, um estupido, um insolente.

— Nunca empreguei taes qualificações a respeito de Nuno. E' certo que não é dotado d'uma grande sagacidade e que não se submete ás minhas advertencias.

— Pois olhe — interrompeu D. Tereza cada vez mais azeda — se os discipulos são desobedientes a culpa é de quem os educa. E demais, a minha fortuna permite-me poupar esse menino, de quem me encarreguei por filantropia, ás contingencias do comercio ou d'essas vidas em que os rapazes são obrigados a quebras de cabeça com os livros. O que ele precisa agora é adquirir maneiras para se apresentar com distinção na sociedade. Precisa um precetor e já tenho um muito recomendavel indicado pelo nosso capelão. E como Maria da Luz já sabe mais do que se exige de uma menina, aviso-a de que pode reclamar do meu mordomo o dinheiro da sua passagem para regressar a Inglaterra, visto não ser precisa.

— Retirarei hoje mesmo da casa de v. ex.ª — respondeu *miss* Tenison com dignidade.

— Pode continuar no palacio até ao seu embarque. Não é sangria desatada.

— Agradeço a v. ex.ª mas provavelmente sairei. Tenho propostas para educar outras creanças em Lisboa. Julgo que me será permitido visitar algumas vezes Maria da Luz a quem sou muito dedicada...

— Sim, regular-se-ha isso — respondeu D. Tereza secamente pondo-se de pé como quem dava por finda a audiencia.

A separação da sua bondosa mestra foi o primeiro desgosto de Maria da Luz, fazendo-lhe verter lagrimas sentidas, acolhidas pelos comentarios trocistas do mano Nuno, propenso a ridicularisar todas as manifestações de sentimento.

* * *

Passaram sete anos. Vamos encontrar D. Tereza de Castro pergaminhada. O mano conde que a morte ceifára antes da esposa, não tivera tido ensejo de reconhecer os filhos adulterinos. O mais que pudera fazer em beneficio de Nuno fôra deixar-lhe em testamento a sua pingue terça, agora completamente dissipada em orgias e bambochatas pelo tresloucado rapaz.

Conhecido nos camarins dos teatros e em todos os logares publicos, tanto se mostrava nos restaurantes afamados procurando a capitosa embriaguez do Muet et Chandon em ceias que duravam até á madrugada, como se entregava ao embrutecimento traiçoeiro da popular agua-pé mal lhe fosse inculcado que apare-

cera á venda no Rocio ou na Anunciada pelos *serenos* que o levavam a casa ao romper do sol, após as suas noites de orgia.

Conhecendo por sua vez toda a gente, era de vêr o sorriso escarninho com que acolhia o deslisar de cada figurante se acontecia atravessar do Arco do Bandeira até á embocadura da rua do Ouro com um grupo dos seus companheiros de esturdia a vêr desenrolar a fita no cinema das cinco. Zombeteiro e sético, apesar de fazer parte de varias irmandades e confrarias, não havia para ele homem honrado nem mulher recatada. Mas onde era certo pela tarde era no limiar da *tendinha* enrosetadas as faces e o gesto brigão, o pé irrepreensivelmente calçado, o fato da melhor tesoura, os labios premindo charutos das melhores marcas.

De leitura não fazia uzo; apenas por desfastio folheava o *Blanco y Negro*. Não dispensava as touradas de Sevilha, era socio do Club Tauromaquico e da Sociedade Nacional de Esgrima, empunhando garbosamente o florete e cahindo em guarda com firmeza. N'isto se cifravam todos os seus meritos.

Em perfeito contraste, Maria da Luz passava uma triste mocidade, um isolamento completo, que tinha, contudo, para o seu carater concentrado um certo encanto. Achando vasto alimento para a sua curiosidade intelectual na rica biblioteca do palacio, entretinha-se horas e horas completando os seus estudos de ciencias historicas e naturaes n'aquele enorme salão onde não entrava viva alma; outras vezes fazen-

do diversão para a arte, era a pintura que a absorvia, produzindo telas de valor como inspiração e como colorido, que só a *miss* Tenison era dado admirar nas suas raras visitas e em que a aptidão da discipula, que em tudo a excedera, a deixava maravilhada.

Maria da Luz, a não ser á hora da missa dominical na capela do palacio, raro via D. Tereza, que sob o pezo dos seus oitenta janeiros bem puxados, passava os seus dias liquidando contas com Deus e com os homens, toda entregue a exercicios espirituaes ou a minutas de testamento, rabiscando-as e inutilisando-as cada vez que lhe ocorria ter-se esquecido de contemplar algumas das irmandades a que pertencia ou refletia que eram excessivos os legados de que dispuzera em favor dos creados, tão decrepitos como ela, tendo-lhe aturado as caturrices de toda a vida, ou os filhos de seu irmão mais novo, o general Almeida de Castro, unicos parentes legitimos; para Nuno, o seu predileto, nada achava demasiado e contemplava-o com largueza n'um legado quasi egual ao que destinava ao seu capelão.

Maria da Luz passava, pois, uma triste mocidade, como ficou dito, não vendo pessoa alguma a não ser os velhos famulos da casa. Nas raras vezes que saía com a governanta, quasi tão rabujenta como a propria D. Tereza, a peregrina formosura de Maria da Luz não podia deixar de impressionar quem a encontrasse e alguem houve de facto em quem essa impressão foi duradoura e se gravou profundamente: foi o tenente Francisco Lima Pestana, filho d'um jornalista

e publicista eminente, de ideias avançadas e de politica liberal.

De um olhar e de um sorriso radioso nasceu o amor, como todos os amores, entre Francisco e Maria da Luz, que julgou ver rasgar-se uma nuvem espessa no seu tenebroso céu entremostrando-lhe uma nesga de azul no dia em que os seus olhos se encontraram pela primeira vez com os de Francisco, dia que não pôde casualmente esquecer porque foi aquele em que completou vinte e um anos.

Seguiram as coisas os seus tramites habituaes até ao dia em que Nuno, recolhendo para jantar, notou um gesto de entendimento feito pelo oficial que passava na rua defronte das janelas do palacio e viu Maria da Luz por detraz da vidraça corresponder a este gesto com um sorriso.

No dia imediato Maria da Luz foi intimada a comparecer no quarto de D. Tereza.

— Menina — perorou esta mal se fechou a porta — o que eu tenho a dizer-lhe é muito grave. No meu tempo as raparigas não aceitavam a côrte de um homem sem autorisação dos seus paes ou tutores; os costumes hoje perverteram-se. Acabo de saber que a menina se porta indecorosamente e anda de namoro com um figurão qualquer, filho de um pedreiro livre, de um inimigo da religião e do trono. Advirto-a de que não admito semelhante leviandade, percebeu?

— Perdão, minha senhora — respondeu Maria da Luz com voz firme — o homem que amo é digno de

todos os respeitos e pretende desposar-me dentro em pouco.

— O quê, o quê? — interrompeu D. Tereza irada pelo arrojo da resposta — a menina perdeu o juizo. Desposál-a! Isso era bom que eu consentisse em tal. Não faltava mais nada. Eu é que a governo, percebe bem? A menina era uma creança miseravel que a doida da sua mãe abandonou e que eu enchi de beneficios até hoje; ha de fazer o que eu quizer. Tinha que ver: sair de minha casa com um figurão d'aqueles, um liberalão, um Lima Pestana, que toda a gente da nossa sociedade despreza. D'essa a livrarei eu. Sai á sua digna mãe, não ha que vêr!

— Minha senhora — replicou Maria da Luz ferida nos seus mais puros afetos — peço-lhe que não invoque o nome de minha mãe. Quanto aos inumeros beneficios que de v. ex.ª recebi, as suas palavras acabam de os apagar todos na minha memoria. Sou maior. Tenho habilitações para ganhar o meu pão. Nunca mais comerei o de v. ex.ª, que me rebaixaria a meus proprios olhos. Permita-me que me retire.

— Só faltavam as doutorices. Era melhor que tivesse mais recato. Mas não pense que ha de fazer a sua vontade. Eu ainda posso alguma coisa e não a deixarei casar. Saia da minha vista, saia — concluiu D. Tereza ofegante sob o imperio da colera.

Maria da Luz, de uma palidez de cera, entrou no seu quarto dominada por um sentimento de revolta que não podia reprimir.

Toda a sua vida se lamentára intimamente de não

ter mãe. O seu nascimento rodeava-se de um vago misterio que ninguem lhe explicára. Diziam-lhe que era orfã, nada mais pudéra saber. E agora feriam-n'a no seu culto filial, no sentimento de ternura infinita que a palavra *mãe* acordava na sua alma, embora não tivesse conhecido a mulher que lhe dera o ser e que instintivamente invocava nas suas horas de desalentos. Insultar sua mãe era apagar n'ela toda a gratidão pelos beneficios recebidos. Largo tempo se deteve meditando a resolução que devia tomar, quando, depois de escrever a Lima Pestana, pedindo-lhe que não voltasse a aparecer defronte do palacio sem que ela tornasse a dar-lhe noticias, lhe bateram discretamente na porta. Era *miss* Tenison.

— Que transtornada, minha querida Maria! Houve uma cena muito violenta, não é verdade?

— Como sabe?

— Diabruras abençoadas do telefone. Estava em casa de uma discipula telefonando para o colegio quando deixei de ouvir a resposta que pedia para distinguir a voz da sr.ª D. Tereza falando com o general. Exigia-lhe que pedisse ao ministro de guerra a transferencia imediata do tenente Lima Pestana para um dos corpos da expedição que parte depois de amanhã. Não sei o que ele respondia mas ouvi retorquir:

«— Obtenha essa graça do ministro e dar-lhe-hei a minha quinta da Charneca que o mano cubiçou tanto sempre; é pegar ou largar, tenho bens para comprar os meus caprichos.

«Depois ainda lhe ouvi:

«— Bem, bem, conte com a quinta se assim fôr.

«Calculei que tudo fôra descoberto e corri a ampara-la na sua aflição, que deve ser grande, minha boa Maria. Diga-me agora o que sucedeu por cá.

Maria da Luz descreveu a ominosa cena que se passára e confessou o seu firme proposito de sahir do palacio n'aquele mesmo dia.

— Conto consigo, *miss* Tenison. Não tenho ninguem. Arranje-me um logar em algum dos colegios onde leciona. Não me julga habilitada a ganhar a vida?

— Perfeitamente.

— Bem, comunicarei a minha resolução a Francisco que a não desaprovará. Tenho a convicção de que me não quererá menos por isso. E esperarei que ele volte glorioso, se efetivamente vae partir.

* * *

Dois dias depois em casa de *miss* Tenison faziam-se despedidas comoventes. Francisco, indignado com a inicua transferencia que nenhuma razão justificava, ia comtudo partir cheio de esperanças e de coragem. Não hesitava um instante em cumprir o seu dever, só o molestava a injustiça; mas informado agora do que a motivára, não protestava. Desde que lhe pertencesse o amor da sua adorada Maria da Luz sentia-se feliz e partia com a alma a transbordar de nobres aspirações e ambição de renome para

enaltecer a escolhida do seu coração aos olhos dos que manifestavam por ela tão grande desdem.

— Hei-de trazer-te um nome glorioso, minha querida Maria.

— Bem careço d'ele, não passo d'uma engeitada... murmurou ela tristemente deixando pender a cabeça sobre o peito de Francisco para que ele não visse uma lagrima de vergonha por um crime que não era seu.

— O meu amor será para ti o resumo de todos os amores, de pai, de mãe, de esposo, centuplicar-te-ha as caricias que te recusaram, não te bastará?

— Oh! meu adorado Francisco...

Um soluço convulsivo cortou-lhe a voz na garganta.

Sangrando

Era mais que fanatismo, era cega idolatria o sentimento que o velho professor experimentava por aquella deliciosa creança, a sua discipula diléta.

Nem póde haver encanto comparavel aos que ele achava na suave intimidade d'aquelas lições, perfumada de todas as delicadezas.

Duravam duas horas durante as quaes o digno velho, aquecido ao brando calor de um astro, cuja ascenção réta ele media com amor, se esquecia, remoçado, dos homens e do mundo. Esquecia-se da sua sobrecasaca lustrosa e coçada nos cotovelos, das joelheiras das suas calças pretas no fio, dos seus tremores senis, das suas miserias todas.

Vê-la! Ouvi-la! Respirar durante duas horas o ar que ela respirava, só os dois, para o lado do jardim, no discreto gabinete de estudo, onde não havia espelhos que o advertissem do grotesco dos seus inoportunos entusiasmos, traduzidos fielmente no seu ra-

dioso sorriso, que era o esgar de uma boca sem dentes, no seu olhar enlevado, que o arco senil amortecia. O céu!

Izabel era a propria candura. Todas as inocencias, todo o mimo de uma donzela adolescente creada no maior recato.

A arte era a sua paixão. A paizagem era o que mais cultivava em telas grandes, de extensa perspetiva.

O mestre entrava familiarmente á hora da lição sem fazer ruido e ficava-se mudo por detraz d'ela, sobraçando o inseparavel guarda-chuva de orleã, embevecido no grato prazer de a contemplar uns instantes antes que ela désse por a sua presença.

Era o amor da arte que triunfava ás vezes d'esse outro amor que insidiosamente se lhe instalára no coração e o traía por um *bravo* ou por um estalido peculiar da lingua contra o céu da boca, expressão inevitavel do seu descontentamento quando a via, a ela, a sua *artista*, fazer um traço empastado, errar uma nota de colorido. Uma distribuição de luz discordante, um contorno duro eram faltas que não podia perdoar-lhe. E emquanto ela corrigia, calada, afeita já as suas manifestações de desagrado, novo estalido, agora mais forte, impaciente, ou um gesto mudo de aprovação acompanhado de um sorriso que o senso artistico de Izabel adivinhava, segundo o retoque dado ao quadro, vinha revelar a impressão má ou boa que o trabalho da discipula n'ele produzia. E só então ela se voltava para o bom Seromenho e

lhe dizia risonha ao tomar-lhe das mãos o guarda chuva e o chapeu:

— Ora viva o meu querido mestre! Aquela voz harmoniosa, um gorgeio de ave, instilava mel na alma do pobre homem.

O amor dos velhos!

Um *ridiculo* lhe chama a crueldade inconcebivel mas real dos moços firmemente persuadidos de que *vingt francs et vingt ans ne finiront jamais*. Um mixto intraduzivel de todos os amores, é o que é. Uma beatitude em adoração perpetua capaz de todos os sacrificios e de todas as renuncias. Tal era o estado de alma do pobre Seromenho.

Fôra em tempos professor da Academia de Belas Artes. Doença grave na edade adulta afastára-o do trabalho e levára-o no seu prolongamento á miseria extrema da pobreza envergonhada. O que lhe valeu foi que nunca tomára encargos de familia; comtudo passava grandes necessidades quando um seu velho amigo, oficial reformado, tendo sabido que o coronel Cerqueira, viuvo e pae de uma filha unica a quem fazia todas as vontades, procurava arranjar á filha um professor de pintura cuja edade avançada fosse segura garantia de seriedade, lhe arranjou aquela lição.

O coronel vivia bem, muito melhor que o soldo lh'o permitiria e todos o supunham rico se bem que ninguem soubesse a proveniencia da sua abastança. Vivia n'uma boa casa com a filha, uma governanta idosa, a cozinheira e o impedido. Tinha poucas visi-

tas e recolhia tarde. Uma vez ou outra levava a filha ao teatro quando havia companhias de opera, algum raro passeio ao campo se ela instava, preferindo tel-a em casa ocupada de musica ou pintura para que ela mostrára precoce vocação.

Havia o quer que fosse misterioso na vida do coronel, que ele ocultava cuidadosamente, mas que uma ruga da fronte, vestigio de constante preocupação, denunciaria a um observador perspicaz.

Procuravam-n'o com frequencia pessoas que não eram da sua posição social e o impedido tinha ordem terminante de as introduzir n'uma saleta que deitava para a escada e servia de escritorio, sem permitir que falassem com as mulheres da casa, que por macula do pecado original, curiosas em extremo, não raro escutavam o que se dizia na saleta e frequentes vezes ouviam altercar, sobresaindo sempre a voz do visitante, abafada pelos reposteiros. Intrigava-as o misterio, mas ainda não tinham podido profundal-o. O impedido era um lôrpa que nada sabia dizer. Com a menina não contavam, porque não se detinha a ouvil-as e toda se entregava aos seus estudos predilletos no outro extremo da casa.

Assim corriam as coisas ao tempo em que se organisaram as primeiras expedições á Africa.

Um dia, quando ninguem o esperava, saia na ordem do exercito o nome do coronel Cerqueira, indicado para tomar parte n'uma expedição.

Esta noticia, trazida por um camarada do coronel á hora do jantar, produziu n'ele uma tão penosa im-

pressão, que mal a poude encobrir, apesar do sangue frio, com que encarava as contingencias da vida.

Izabel deitou-lhe os braços ao pescoço, acarinhando-o.

— Que longa viagem, paesinho, e que perigos vae correr! Que pena eu não poder ir comsigo! Não se póde, pois não?

— Tonta! E não é o que me preocupa menos, ter de deixar-te só. Emfim, só a morte não tem remedio. Não te inquietes por mim, que hei de voltar. Entretem-te com os teus estudos e verás como o tempo passa depressa — concluiu o coronel beijando-a e levantando-se da meza.

Passou ao escritorio com o camarada que lhe trouxera a noticia, o general Campos, cujo filho partiria na mesma expedição com o coronel e fecharam-se os dois.

Eram amigos desde a Escola do Exercito, afastados pelas circunstancias da existencia de cada um, o que em nada entibiára a sua velha amizade.

Mal fechou a porta atraz de si, o coronel lançou-se nos braços do general Campos, exclamando n'uma explosão de dôr.

— Não posso ir, não posso ir!

— Que é isso, homem, fraquejas, tu?

— Enganas-te, não me falta a coragem, mas não posso ir.

— Que ha então? Que razão é essa tão forte que te faz sofrer assim, meu velho?

— Não te lembras já do meu desgraçado vicio?

— O quê, pois isso ainda dura ? Fizeste algum desatino ?

— Sim, estou na miseria. Primeiro foi-se o que era meu. Atraz a legitima da filha. Na esperança de recuperar, rebati os soldos, contraí dividas, assinei letras com um juro fabuloso... um horror de vida. Se transpira que eu sáio d'aqui, tudo me cae em cima, penhoram-me a casa. Mal sabes que lutas se dão entre as quatro paredes d'este cubiculo, onde os credores me procuram com insistencias que chegam ás ameaças. Se não fosse aquela adoravel creança, já teria metido uma bala na cabeça.

— Refinaste então n'essa loucura.

— Uma fatalidade, meu João. E'-se arrastado, atraído para aquilo por uma força irresistivel, apesar dos mais firmes propositos. Eu prometo a mim mesmo mil vezes não tornar a jogar; mas á vista d'aquela maquina infernal perco a cabeça... E' só uma parada... póde-se ganhar tanto de uma vez só... Se eu recuperasse a legitima de Izabel não jogaria mais. E' questão de sorte e de calculo...

— Mas que não sae certo se não ao banqueiro, desgraçado, — murmurou o general deveras compungido.

— O diabo da sorte foge de mim. Mas este azar ha de ter um termo. Se eu ainda pudesse...

— Não estás em ti, homem! Encara bem a tua situação, para vermos como has de sair d'ela airosamente e não queiras afundar-te mais. Tens de partir por força. Estes deveres não se declinam. O que é

preciso é arranjar as coisas sem desdouro para o teu nome.

— Não sei como — disse o coronel com desanimo, deixando pender a cabeça sobre o peito, ao passo que duas lagrimas ardentes lhe deslisavam lentamente nas faces sulcadas de rugas precoces.

Seguiu-se um demorado silencio, que foi interrompido pelo general Campos.

— O Antonio Manuel, aquele sobrinho de minha mulher, que lá em casa encontraste no dia dos anos d'ela, é um lavrador riquissimo, um tanto pé de boi, mas bom rapaz, que anda estonteado com a formosura da tua Izabel. Cazemol-os. Expões-lhe a tua situação. Ele liberta-te as tuas propriedades para lhe pagares quando poderes e já t'as aceitam n'uma primeira hipoteca para fazeres face aos compromissos urgentes, até ele mesmo talvez.

— A minha Izabel, a unica alegria da minha vida, vendel-a, oh! isso não. Fui um grande criminoso, julgas-me capaz de tudo, tens esse direito, mas isso não. Tu não medes o que me propões — bradou o infeliz coronel no auge da dor.

— Mas que diabo! quem te fala em vendel-a? Estás desorientado. A rapariga tem edade de casar, com alguem ha de ser. Com a educação que tem levado, toda inocencia, não tem preferencias e anuirá á tua vontade. O rapaz, concordo em que não é rapaz de sala, será mesmo abrutado; mas sente; tem um grande coração; pode fazer a mulher feliz, a seu modo.

— Ainda assim, não devo.

— Deixo-te esta ideia. E' o que te salvará. E volto amanhã para resolvermos o caso, que não ha tempo a perder!

* * *

Izabel voltou para o seu gabinete de estudo apoz o jantar em que soubera da partida de seu pae para a Africa, relembrando as palavras do general Campos e os nomes que ele citára, incluindo o do filho, o tenente Julio Campos.

— Julio — repetia Izabel melancolica.

«Meu pae e Julio, ambos vão. E' um rapaz tão delicado, de olhar tão meigo... faz lembrar o da minha pobre mãesinha. Que pena se o não torno a vêr. E a meu pae, tão meu amigo... Para que haverá guerras, meu Deus! Pois se os homens são todos irmãos porque não hão de amar-se em vez de se guerrearem? Que de perigos vão correr, o meu pae e Julio...

E para ali ficou, até lhe trazerem luz, a scismar, associando inconscientemente aqueles dois nomes. N'isto apareceu-lhe o pae.

— Minha Izabel, tenho que te dizer, — começou ele com voz mal firme — como ouviste, parto brevemente para longe. Não quero deixar-te só. Estás uma senhora, fizeste os teus dezeseis anos, penso em casar-te para ir tranquilo.

— Ah! meu paesinho, sou tão nova, não tenho in-

clinação nenhuma para o casamento. Resolva as coisas d'outra maneira, sim? Pede-lhe a sua Izabelinha — suplicou ela abraçando-o carinhosa — não me quero casar ainda.

— Isso é criancice, filha.

— Mas eu não gosto de ninguem...

— Tu gostarás se tiveres um marido bondoso, teu amigo, que te faça as vontades, que te deixe o teu capricho da pintura, o que mais aprecias por agora.

— Não é bem assim, meu pae — replicou Izabel com firmeza. Hei de primeiro amar o homem com quem tenha de casar. Em quem pensa o meu pae? — indagou ela a medo.

— N'um rapaz de grande alma e de grande fortuna, que te proporcionará uma existencia de opulencia, de felicidade e de amor.

— E é...?

— O Antonio Manuel, o sobrinho do meu amigo Campos.

— Não, não, o sobrinho não. Não o quero. E' um labrêgo. O' meu pae, não pense n'isso.

— O sobrinho não — murmurou o coronel — dar-se-ha o caso... — e concluiu em voz alta: — Bem, filha, isto tem de ser. Amanhã trata-se de tudo.

— Não caso, meu pae. Escusa de insistir que não caso — replicou a rapariga levantando a cabeça e encarando de frente com o pae.

Este, em face de uma resistencia a que não estava habituado, retomou os seus modos bruscos de comando e retorquiu.

— As raparigas não teem vontade sua. O que os paes mandam é o que se faz. — E saiu do gabinete deixando Izabel dominada por uma resolução tão firme de resistir como a do pae de impor a sua vontade.

Nem um nem outro dormiram essa noite.

O pae inflexivel mas sangrando-lhe a alma pelo sacrificio que exigia da filha idolatrada que ele suspeitára ter já o coração preso pelas palavras que lhe ouvira; a filha que pela repugnancia á ideia do casamento reconhecera ter gravada n'alma a imagem d'outro homem, decidida a revoltar-se, suspeitosa de que o pae já a não amava como d'antes, sentindo apesar d'isso remorso de lhe desobedecer, sangrando das suas primeiras feridas.

De pé mal rompeu a aurora, deu uma grande volta pelo jardim e logo que foi dia voltou ao quadro que estava no cavalete, a paizagem esboçada n'um passeio de arredores onde pela primeira vez vira o tenente Campos.

Retocava aqui e ali quando ouviu a voz sibilada entre a falha dos dentes de Seromenho exclamar atraz de si.

— Genial!

Voltou-se. Ele mirou-a com um olhar enternecido a que nada escapava e perguntou inquieto:

— Está doente?

— Não que eu saiba. Só d'alma...

E n'uma necessidade irrepremivel de expansão ajuntou:

— O sr. Seromenho é muito meu amigo, pois não é?

— O' menina...

— Como se fosse minha mãe?

— Não é bem o mesmo, mas... sim, como se fosse sua mãe.

— Então vou contar-lhe as minhas desditas: meu pae vae para a Africa.

— Não pode ir.

— Não pode porquê? Digo-lhe que vae. E quer-me deixar casada com um homem que não é o meu escolhido.

O velho Seromenho sentiu uma onda de sangue subir-lhe á face n'um grande afrontamento. Esteve um pedaço a respirar fundo sem responder e indagou depois timidamente:

— E quem é o escolhido?

— O cavaleiro que passa ao fundo n'aquela paizagem, não vê? — disse Izabel apontando a tela com desanimo.

— Ah! E o noivo proposto?

— Um rapagão enorme, um camponio grosseiro que vem á cidade de jaqueta de alamares e grilhão muito grosso com grandes berloques. Dizem que é muito bom homem, mas o meu gosto não é aquele genero. Que é muito rico; mas que me importa isso! Não preciso da sua riqueza. Tenho bens de minha mãe. Meu pae vive na abundancia. E que assim não fosse, o dinheiro não é que dá a felicidade.

— Completa-a.

— O ótimo é inimigo do bom diz o sr. Serome-

nho ás vezes. Já disse a meu pae que não caso e não caso.

— Pois eu digo que casa, minha querida menina. E que seu pae corre um grande perigo se a menina regeitar esse casamento.

— Um perigo, meu pae ? Um grande perigo ?

— Sim. Conheço a situação em que ele se encontra pelo amigo que me apresentou cá em casa. Tem os negocios por tal forma embrulhados que não poderá partir para a Africa se lhe não valer alguem com dinheiro, muito dinheiro. A esposa do tal Antonio Manuel, por exemplo que será rica — concluiu Seromenho em tom sarcastico. E, depois, pezaroso da expressão, ajuntou insinuante: — Case. A sua recusa seria a morte de seu pae, a desonra.

Isto foi dito quasi ao ouvido de Izabel, olhando para todos os lados como se receasse ser ouvido.

Izabel tremia toda n'uma convulsão.

— Jura-me que isso é verdade ?

— Juro-lh'o... por si.

* * *

O almoço correu em silencio.

Quando acabou o serviço e ficaram sós, pae e filha, esta lançou-se-lhe ao pescoço, beijando-o ternamente e cofiando-lhe os cabelos grisalhos.

— Perdôa á sua Izabel as suas creancices, não perdôa, meu paesinho ?

— E então ?

— Então, a vontade de meu querido pae foi sem-

pre a minha, não é assim ? Como o meu pae ha de ter muitas coisas a tratar antes da sua partida, faz-se isso á capucha, sim ? De manhã cedo, na egreja e no civil, sem aparato, isso é que eu queria. Com esta tristeza da sua partida, não tenho disposição para festas.

O coronel agarrou a cabeça da filha e cobriu-a de beijos n'uma comoção extrema, compreendendo a grandeza do sacrificio, sem comtudo suspeitar o mobil d'ele.

Imediatamente se tratou do casamento e se regularisaram os negocios do coronel Cerqueira.

Dias depois, á despedida, no caes de embarque, emquanto Izabel, largando o braço do marido se abraçava ao pae o tenente Campos, já no convez, tendo entre as suas as mãos de seu pae, que apertava n'uma contração involuntaria, olhava-a com um sorriso de amargura. E junto a um pilar em terra, o velho Seromenho sorria igualmente, n'uma expressão intraduzivel de carinho, de abnegação e de melancolia ao passo que dos seus olhos sem brilho lhe caiam lagrimas que vinham dos mais intimos recessos da alma, sangrando tambem, como a do tenente, perdidas as suas ilusões; a do pae, advinhando a dor que ferira o coração do pobre rapaz, a do coronel, lacerado pelo remorso, e a da infeliz creança, sacrificada a um vicio que faz tão irremediaveis desventuras, que reduz tão numerosos lares á mais absoluta miseria, que leva tantas vezes á desonra e ao crime.

Casamento e mortalha...

Branca de Mendonça escolhera os sabados para os seus chás.

Não é dizer que a gentil viuva do conselheiro Mendonça desse elegantes *five ó clock teas* do *newest style;* não. Quando digo os seus chás refiro-me a singelas e pacatas reuniões de uma meia duzia de velhos amigos do falecido conselheiro, sempre os mesmos, que sentiam um indefinivel bem estar dumas horas passadas no conchego daquela confortavel casa antiga, em que o sentir delicado de Branca puzera uma nota subtil de vida, rejuvenescendo-a ao calor do seu generoso sangue de trinta anos, e onde se estava perfeitamente á vontade conversando, ouvindo musica, jogando, se apetecia, até por essas onze da noite, hora a que se servia habitualmente chá e leite, as torradas e os bolos, ou antes dele, no verão, os refrescos primorosamente preparados por Branca.

E tão bem se sentiam ali que raro e só por caso

de força maior algum dos amigos da casa faltava aos serões em que as afaveis brszileiras, Branca e sua mãe se mostravam prodigas de atenções e de disvelos.

O mais novo dos assiduos frequentadores destas singelas reuniões era o major Manuel Pereira Loureiro, homem muito austero, muito considerado como militar, sempre correto, concentrado, idealista, solteiro, pobre, quarenta e dois anos duma vida irrepreensivel.

Estivera em comissão no ultramar donde trouxera um filho de côr, creança de cinco anos agora, que o major reconhecera e que adorava. E surpreendendo as manifestações de viva inteligencia do rapazinho passava ele os seus bons momentos de ocio, que não os melhores, absorvido nesses por uma fantasia, irrealisavel a seus olhos, nascida de um impulso do seu coração insubmisso: o amor recôndito que Branca lhe inspirára e que recalcava lá bem no intimo com toda a sua força de vontade temeroso do ridiculo de que se julgaria alvo se o deixasse transparecer, mas que não lograva sufocar embora as suas firmes teorias sobre o casamento excluissem a mulher rica do seu ideal de esposa.

O sentimento que o atraía para Brança de Mendonça era por ele serenamente analisado e o resultado dessa analise frequentes vezes repetida era sempre o convencimento de que só aquela mulher poderia fazer a sua ventura porque nela reconhecera os dotes que desejaria encontrar naquela que despo-

sasse; que a adorava com toda a sinceridade da sua alma; que o principal obstaculo a essa ventura era talvez a fortuna de Branca ou antes a sua altivez que o impedia de se declarar em condições de manifesta inferioridade. E subordinando o seu proceder a esse indomavel orgulho comquanto lhe sangrasse o coração, tudo via tenebroso no horisonte da sua vida.

Branca era livre e virtuosa. Testemunhava-lhe estima sincera não era licito pô-lo em duvida. Mas o casamento, a seu ver, teria um grande contra: Branca era rica; ele era pobre e digno. O pensamento de que Branca, se ele lhe falasse de amor, o tomaria por um ambicioso que a vil cubiça dos seus bens tivesse atraído, era-lhe intoleravel e todo o seu ser se revoltava á ideia angustiosa de que tal suspeita o pudesse ferir. Sentia que nada poderia haver mais afrontoso para ele do que uma tal suspeita.

E sem poder desviar o pensamento da interessante mulher que o cativára, após mil projectos de afastamento definitivo ia-o adiando e voltava sempre a intoxicar-se com o veneno lento daquele doce filtro que se escoava gota a gota da sedução inconsciente de Branca de que ele se impregnava cada dia mais e mais.

Passaria este sentimento desapercebido á propria Branca?

E' permitido duvidar.

Ele era impenetravel, é certo. Mas raro, ainda da mulher mais candida, mais inocentemente recatada o homem mais firme na resolução de ocultar um

amor verdadeiro, logra eficazmente esconde-lo. E' o ardor do olhar, colhido de surpreza e logo apagado ? E' a doçura de um sorriso fugitivo fixado de subito numa mascara de impassibilidade que inconscientemente o revela ?

Não sei.

Sabe-o a mulher amada.

E Branca, por sua parte ?

E' para notar a singularidade nos dois da concordancia de criterios, da unanimidade de vistas, da identidade de sentir.

Tenho para mim que o amor *amor* não nasce, como nenhuma força se cria. E' uma modalidade particular de atração universal que liga entre si duas almas absolutamente identicas. Já existia virtualmente antes de se encontrarem os dois entes que vae ligar. Eis porque instintivamente se adivinham, se reconhecem e se compreendem quando se encontram ; eis porque pensam do mesmo modo ; porque as suas almas vibram a unisono na mesma harmonia divina pelo mesmo ignorado diapasão.

As uniões perduravelmente felizes são as de dois entes nestas condições indissoluvelmente ligados pela lei que lá de cima rege de modo ignorado os destinos das creaturas.

As outras, as infelizes são igualmente talhadas, no ceu, como diz o proloquio, mas para expiação, para provações, por designios impenetraveis para nós do Arbitro dos arbitros, que umas vezes se patenteiam, outras ficam só na memoria imperecivel dos pacien-

tes quando deles forem conhecidos no ajuste final de contas.

Baldado empenho seria o nosso de as querer explicar.

Branca não ignorava tambem o que sentia.

Mas com o natural pudor de mulher recatada guardava no seu intimo o segredo do seu afeto e vivia feliz na doce intimidade das horas passadas familiarmente nos seus serões ao lado de Manuel, nunca procurando, que ele se apercebesse, sondar o misterio daquele coração, mas senhora dele, sem apreensões pelo futuro que na sua fantasia se lhe mostrava risonho.

A situação esclareceu-se mais depressa do que ela esperava.

Um sabado de Agosto, noute de grande calma, quando Branca abriu a sorveteira para distribuir aos habituaes convidados dos seus chás a refrigeração de um aromatico sorvete de fructas preparado a primor, o major Loureiro exclamou em tom pesaroso:

— Aqui está uma deliciosa coisa que eu talvez não torne a ter o prazer de tomar e de que me lembrarei em Africa como um dos mimos dos seus serões, Senhora Dona Branca.

— Em Africa? — indagou Branca admirada olhando-o com mal dissimulado susto.

— Sim, em Africa — replicou o major sorrindo — Devo seguir depois de amanhã com a expedição que vae para Moçambique.

As ultimas palavras de Manuel Loureiro regelaram

o sangue nas veias de Branca que empalideceu fitando-o com o olhar repassado de tristeza e observou com voz apagada:

— Ainda nos não tinha dito que partia...

O resto da noite passou-se desanimadamente.

Falou-se dos contingentes da guerra, da sorte provavel dos que partiam, da dôr dos que ficavam, mas as frases por parte de Branca e de sua mãe que lhe adivinhára o sentir, saiam mancas; de todos os amigos da casa, penalisados com a noticia que ia privá-los da companhia do major, as palavras traduziam descontentamento; e dele proprio, apezar da sua impassibilidade habitual, a concentração do seu pesar não permitia mais que banaes e curtas frases, de modo que a conversação caía a cada momento.

A' despedida Branca perguntou a Manuel Loureiro:

— Ainda vem ver-nos antes de partir, não é assim?

— Não poderei faltar a esse dever, minha senhora. Amanhã virei receber as ordens de V.^{as} Ex.^{as}.

.....

Branca de Mendonça tinha passado a sua noite em claro. Levantou-se despedaçada, com os olhos pisados, mas forte de alma, escudada na firme resolução de não deixar fugir a miragem da sua ventura.

Estava sosinha na sala olhando a folha do Album em que se enquadrava a fotografia do major quando a creada assomou á porta para o anunciar.

Branca estremeceu e levantou-se de um salto fechando com precipitação o album como se quizesse encobrir um acto criminoso e estendeu a mão a

Manuel que seguira a creada com a liberdade que tinha em casa das suas boas amigas Mendonças.

Olhando-o bem nos olhos Branca perguntou-lhe com a tonalidade dolente e arrastada da sua nacionalidade, vicio que não curava agora de corrigir preocupada como estava por ideias penosas.

— E' já a despedida ?

— Pois se parto amanhã. . .

— O seu pequenino ?

— Ai, minha senhora, não falemos nele que me falece a coragem. . .

— Falemos, — insistiu Branca com firmeza.

— Que quer que lhe diga!? Vou deixá-lo num colegio. . . aos cinco anos incompletos. . . é inconcebivel a angustia que me oprime!

Nas faces do major crestadas pelo sol dos tropicos, rolaram lentamente duas perolas cristalinas e foram perder-se nos fios de prata que já lhe manchavam o bigode.

— Porque é que mo não deixa ? Eu nunca tive filhos e adoro as creanças. Ele virá dar-me uma deliciosa ilusão chamando-me «mamã». Que ventura ! Não mo dá ?!

— E' o céu que se abre deante dele, minha senhora.

— Mas depois não mo tira quando voltar, ouviu ? Eu vou fazer dele um filho meu e seria uma crueldade sem nome arrebatar um filho a sua mãe. . .

— O' minha senhora, o meu reconhecimento será eterno. Não sei como hei de testemunhar-lho.

— Quer saber? Eu lhe digo: varrendo do seu espirito umas ideias esquisitas que lá brigam e lhe estão fazendo muito mal — respondeu Branca enchendo-se de coragem. — O orgulho e outros sentimentos que lhe parecem incompativeis estão em luta dentro de si — prosseguiu ela com ar resoluto. — Para que serve o orgulho? Para fazer infelizes e mais nada. No desprendimento dessas fraquezas é que está a verdadeira grandeza da alma. Vá depurar-se dessa miseria de que está enferma a sua lá por essas terras extranhas, doença que o céga de todo e volte-me numa fase nova, que eu espero por si...

— Abre-me tambem o céu a mim? — atreveu-se Manuel a inquirir alheado de si proprio e esquecido momentaneamente dos seus preconceitos.

Um sorriso duma ternura infinita descerrou os labios de Branca. E tudo que um olhar pode ler de amor num olhar poz termo a esta despedida sem adeus que apertou em nó indissoluvel o laço espiritual que desde sempre os tinha unido.

No seu posto

— Cartas de França, madama. Vieram na primeira distribuição — gritou de baixo, obsequiosamente, o porteiro com a mira nas alviçaras, ao avistar madame Bonard transpondo já o patim do terceiro andar no predio em que residia.

— Obrigada, senhor, vem cá acima buscar «pourboir» — respondeu ela no seu portuguez de franceza, trepando rapidamente os lances da escada que a separavam do quinto. Ofegante, puxou com força o cordão da campainha, impaciente por entrar na sua habitação perto do telhado, em cujo beiral saltitavam já as andorinhas, nuncias da primavera, piando tristemente, debruçadas n'aquelas alturas.

Cartas de França! O coração parecia querer sair-lhe do peito no estranho sobresalto, mixto de jubilo e receio, que a alvoroçava.

— Noticias, Julia? perguntou a extremosa mãe a sua nora mal esta abriu a porta.

— Sim, Mario escreveu. Doente — concluiu ela

afastando-se e conchegando nos braços a criancinha adormecida, o pequenino Mario, que a avó beijára de leve, receando acordal-o.

— Doente, o meu Marius...

Madame Bonard entrou de rajada, precipitou-se sobre a correspondencia que estava em cima da mesa de jantar e devorou a carta que lhe era dirigida por aquele filho ausente. Aquele filho que era toda a sua alma e que ela enchera de mimos á custa de heroicas privações; aquele filho por quem ela trabalhára valorosamente a vida inteira, para quem só vivia e que no cumprimento do seu dever civico tinha partido para a frente da batalha, sendo rejeitado como combatente por fraco, mas aproveitado como telegrafista. E, metido n'uma barraca, por vezes com agua até aos joelhos, transmitia despachos dia e noite desde o principio da guerra, dormindo, quando era possivel dormir, sobre um feixe de palha humida em tarimba estreita, exposta ao sol e ao vento.

Mario Bonard tinha um dia de descanço em cada semana. Mas ia já em oito dias que descançava na ambulancia com a pontada lancinante de uma pleurisia provocada pelos frios penetrantes do fim do inverno e dizia que ia ser transportado para um hospital de medicina de Paris. Com palavras do mais comovente amor filial, prevenia a mãe, que ele adorava, do seu estado precario; sofrendo mais que o mal fisico, a dôr de não poder abraçal-a e beijar o filho antes de morrer, a linda criança que deixára recemnascida após dez mezes de noivado com uma

boa rapariga que prezava, apesar de se reconhecer incompreendido por ela, pobre criatura sem energia, sem valor moral de especie alguma, porém de muito coração, de muito sentir, o que lhe ganhára bem depressa o afeto de Mario e a benevolencia carinhosa de sua mãe, espirito esclarecido e aberto a todos os sentimentos generosos.

Depois da mãe, que Mario custodiava no sacrario do seu peito, era o filho o que mais amava; e trazia sempre na carteira, bem chegados ao coração, uma série de retratinhos tirados quasi diariamente por madame Bonard, que tinha para esse fim comprado um *kodac* e os reagentes necessarios. E ela propria, para proporcionar alegrias ao filho idolatrado, que sabia tão amoravel, a cada passo, nos intervalos das lições, de cujo produto mantinha a familia, tirava instantaneos do netinho, ensaiando os primeiros passos, mostrando os primeiros dentes, a dormir, a brincar, por quantos modos ela o achava interessante e desejava que o pae o visse, tão gordinho e gracioso, com a sua cabeça de anjo, coberta de aneis de cabelo naturalmente encaracolado, olhos irrequietos, boquinha sempre risonha.

O desgosto de saber o filho doente não lhe abateu a coragem. Madame Bonard achou palavras eloquentes para incutir animo no espirito deprimido de sua nora e prometeu-lhe leva-la a vêr o marido. Como? Como arranjaria dinheiro para a passagem das duas? Nem ela propria sabia. O que sabia é que iria vêr o filho custasse o que custasse.

Madame Bonard passára parte da sua existencia lecionando a sua lingua pelos colegios de Lisboa desde que lhe morrera o marido, antigo adido á legação franceza, deixando-lhe nos braços um filho de seis anos. Sem recursos, a não ser o conhecimento da sua lingua, que falava com a pureza de Paris, lutou muito mas creou o filho, deu-lhe o curso do comercio e dispendeu dia a dia quanto ganhou até conseguir coloca-lo numa casa bancaria.

De si nunca pudera fazer caso. Ratonamente vestida, percorria as ruas de Lisboa com o maior desassombro, mostrando não perceber os reparos que o seu trage suscitava. E se alguma alma caritativa d'umas que ha... — lhe fazia notar as suas ratices, respondia invariavelmente:

— Sou estrangeira.

E quantas excentricidades passam á conta de singularidades estrangeiras, que afinal, estudadas na sua causa, traduzem miseria valorosa mas ignorada!

Eram assim as de madame Bonard.

O poucochinho que poupára emquanto o filho, depois de colocado, auxiliára as despezas, despendera-o totalmente mantendo a casa na ausencia d'ele. N'esta conjuntura a pobre creatura não possuia uma joia de que se desfizesse, um objeto de valor. E todavia não desanimava. Tinha uma reserva de energia em todo o seu ser inexgotavel; um cerebro previlegiado onde buscava e encontrava sempre a solução dos mais complicados problemas da sua vida.

Ir a Paris, por terra, na sua situação, era impra-

ticavel. Mas quasi todos os dias saíam do porto vapores que tocavam em terras de França. Madame Bonard deu todos os passos precisos para obter a sua repatriação gratuita pelo consulado. Depois foi a uma agencia de vapores e ajustou-se como creada de bordo n'um belo barco pronto a levantar ferro para Bordeus. E, ao embarcar, fez-se substituir no logar para que não tivera dificuldade em se fazer aceitar, na sua qualidade de franceza, que facilitava o serviço de passageiros estrangeiros, por sua nóra, menos expedita embora, mas cheia de boa vontade.

Assim conseguiu embarcar, levando o neto nos braços e tres dias depois tomava em Bordeus o comboio para Paris.

Mario fizera saber a sua mãe na carta que lhe escrevera onde eram alojados os invalidados nos serviços auxiliares e onde previa que seria conduzido.

E logo de manhã madame Bonard, chegada á capital do mundo, pozera em campo a sua incansavel atividade, conseguindo entrada no hospital de medicina em que fôra internado Mario Bonard e levára-lhe junto do leito o filhinho e a mulher.

Dolorosa surpreza as esperava. Mario, reclinado n'um trono de almofadas em plano inclinado, unica posição em que algum ar podia penetrar ainda nos alveolos dos seus arruinados pulmões, só era reconhecivel pelo olhar. Aos vinte e sete anos estava um velho. Os cabelos tinham-lhe embranquecido totalmente. A pele, mal irrigada, tomára-lhe um tom amarelado. Os olhos tinham-se-lhe encovado no fun-

do das orbitas e a côr rubra dos labios esfoleados e secos, a roseta vermelha de uma das faces, contrastavam com a palidez geral, atestando a combustão de coisa toxica, que lhe escaldava o sangue dessorado.

Ao vêr junto de si os entes que tanto amava e já não contava encontrar na terra, Mario não fez o mínimo gesto; mas a luz dos seus olhos amortecidos reacendeu-se com um brilho intenso. Volveu um olhar ardente á creança, da creança a sua mãe, da mãe á mulher, e tornou a fixa-lo no menino onde se demorou enternecido, embaciando-se com duas grossas lagrimas que rolaram lentamente pelas suas faces descarnadas.

A mãe beijou-o na testa, emudecida tambem por uma grande angustia, olhando-o de olhos enxutos pela concentração de toda a sua dôr, emquanto Julia lhe tomava uma das mãos n'uma convulsão de chôro irreprimivel, apesar dos significativos olhares de M.me, impotente para fazer conter aquela explosão que não podia deixar de abalar a sensibilidade do pobre doente e agravar-lhe o seu estado.

Passada a comoção que o empolgára Mario dirigiu-se á mãe mostrando-lhe o pequenino com o olhar.

— Educa-o como me educaste a mim. Faz d'ele um francez, mãe. Não para me vingar, que nesta hora suprema de despedida ao mundo não ha idéas de vingança. A patria tem direito á vida dos seus filhos. Que ele a honre em qualquer posto, por mais

obscuro que seja, como eu a servi no meu. Nestes momentos derradeiros em que se começa a ter a presciencia do além, o que nos enche a alma é a consciencia de termos cumprido o nosso dever. Não se aflijam que isto é uma separação temporaria. Havemos de nos tornar a vêr...

Mario voltou a cabeça para o lado da mulher. Descerrou os labios para lhe falar mas a voz não se ouviu. O bafo saiu pela ultima vez exalando-se num leve sopro com a serenidade com que as almas destes doentes, já quasi desprendidas na hora final, se soltam do seu envolucro terreno.

Foi só então que a atribulada mãe se deixou vencer e caiu sobre o leito do morto inundando de lagrimas o cadaver daquele que ela julgava houvesse de lhe fechar os olhos um dia, segundo a lei natural da vida, e que parecia só ter retardado a sua partida do mundo para lhe legar o encargo do filho estremecido, prendendo-a a ela na terra, ligando a velhice á infancia, conjurando todas as suas energias para lhe amoldar moralmente com a mesma mão esperimentada e valorosa, o cerebrosinho de cêra mole que ele queria á imagem do seu.

De regresso

Após quatro horas de renhido combate contra forças inumeraveis, a infantaria desorganisou com a queda do comandante.

Investiram então os dragões n'uma arremetida furiosa. Mas o inimigo, em massas compactas, envolveu o bravo esquadrão apertando-o entre dois fogos. Era incessante o troar da artilharia e por entre a fumarada das descargas mal se distinguiam uns aos outros os combatentes que, do nosso lado avançam com impeto, dizimando os alemães; mas estes eram tão numerosos que o seu triunfo não podia falhar. Em breve foram aprisionados grande numero d'aqueles cuja retirada os valentes dragões tinham procurado proteger e as proprias unidades do esquadrão derrubadas foram levadas para o interior onde o inimigo tinha por si o gentio que, por insinuações e dadivas, conseguira revoltar contra o nosso dominio.

Terminado o combate e dissipado o fumo da pol-

vora podia vêr-se o chão juncado de corpos que não davam signal de vida, baixas inumeras dos alemães, algumas dos nossos.

Pelo anoitecer alguns pretos do Cuamato vieram sobre Calueque como um bando de aves de rapina com o proposito de despojar os mortos.

Um d'aqueles servira muito tempo de guia aos dragões na sua demorada exploração pelo mato e fora-lhes fiel, em parte fascinado, em parte intimado pelo gesto imperioso do tenente.

Reconhecendo entre os que jaziam no campo uma praça com quem acompanhára mais de perto e que com ele repartia ás vezes tabaco, demorou-se a olha-lo e julgou vêr-lhe fazer um movimento. O soldado tinha o braço direito despedaçado.

Supersticioso como todos os pretos teve medo de que a alma do tenente que todos diziam morto viesse a persegui-lo se não valesse a um dos seus soldados que ainda respirava. Abaixou-se, humedeceu-lhe os labios com aguardente que trazia á cinta n'uma cabacinha, desabotoou a farda do ferido e esfregou-lhe o peito vigorosamente.

A pouco espaço o soldado de dragões Lourenço Gaspar recobrava o conhecimento soltando um debil gemido.

Então o negro, ajudado por outros sobre os quaes parecia ter uma certa autoridade, levou o dragão para uma clareira do bosque de espinheiros vizinhos, arranjou-lhe uma cama de folhas secas e deixou-o ficar ali entorpecido acendendo a distancia uma fo-

gueira para afastar os animaes ferozes que pudessem ser atraidos para aquele sitio.

De madrugada voltou com um feixe de hervas carnosas, pisou-as com um masso dentro de um côco á maneira de gral e fez uma pasta.

Aparou depois com a sua faca os frangalhos de carne pendentes do hombro do ferido que soltava gritos lancinantes durante a barbara operação, cobriu tudo com a pasta de hervas balsamicas envolvendo o côto do braço perdido em panos que trouxera e atando-o com tiras.

A' tardinha voltou com uma beberagem escura que deu a beber ao ferido e pareceu acalmal-o fazendo-o adormecer.

Seguiram-se dias e dias em que o negro vinha regularmente de manhãsinha e á tarde pensar-lhe a ferida e trazer-lhe de comer, tendo sempre a cautela de juntar ramos secos a um lado da clareira para lhe deixar lume toda a noite.

E ao passo que se ia fazendo a cura, Lourenço Gaspar, sósinho no bosque dia e noite, devorado pela nostalgia da patria e dos seus, revivia a sua passada existencia relembrando episodios desde creança, primeiro atraz da charrua com o pae, admirando a profundidade dos sulcos abertos na terra, mais tarde mondando as hervas daninhas na horta, brincando aos domingos com os rapazes da sua creação no adro da egreja, tomando depois em edade precoce a direção da lavoura por morte do pae, tendo de erguer-se com estrelas no céu para dar vencimento ao ama-

nho das suas geiras e gostando ainda, depois da ceia, todo ensonado, de se sentar n'um degrau da cosinha terrea, junto do logar onde a mãe seroava, para lhe deitar a cabeça no regaço.

Viera afinal o amor perturbar o desabrochar da sua mocidade, o doido e cego amor que lhe apontára a mais bonita e mais ladina mocinha dos seus sitios, uma engeitada creada na freguezia que viéra um verão com outras á ceifa nas seáras de Lourenço Gaspar.

A mãe do rapaz notára-lhe logo diferença. De dia via-o distraído do trabalho; á noite, se vinha ainda procurar-lhe o regaço para descançar a cabeça não era atordoado com sono como d'antes, mas de olhos abertos, taciturno, soltando suspiros reprimidos que a faziam cismar.

— Obra de amores, pensou ela. E passou a observar. A rapariga já lhe dera nas vistas pelos seus modos singulares e pelos enfeites do cabelo, que outros não podia ter, com que procurava sobresair ás mais. O espelhito comprado ao bufarinheiro com o salario d'um dia de trabalho ensinára á jornaleira Laurentina os sorrisos melancolicos e os olhares vagos que mais quadravam ao seu semblante delicado, as ondulações perfidas que reavivavam a sua gracilidade e a astuta rapariga aprendera cuidadosamente a lição sabendo impôr naturalidade a olhos inexperientes.

Ambiciosa e soberba da sua formosura, jurára a si mesma que não havia de acabar de pé descalço

como andava e que havia de prender nas malhas de bem tecida rede algum rapaz de teres que a desposasse; porque o seu sonho de ventura era poder ataviar-se com bonitos fatos e mostrar-se desdenhosa com as que a olhavam com ares de proteção, lastimando-a pelo seu nascimento. Criada sem afagos, aos baldões da sorte, tambem não tinha afeição a ninguem. Era egoista e malevola.

A melancolia que afetava despertou sincera piedade na alma amoravel e compassiva de Lourenço Gaspar que a tomou a sério e da piedade ao amor medeou, como em geral sucede, a espessura d'uma linha de cambraia.

A mãe do enfeitiçado rapaz é que viu ás claras aquele manejo de sedução e surpreendeu na rapariga expressões de semblante que desdiziam da modestia que simulava em presença de Lourenço.

Ficou de pé atraz.

Quando Lourenço se abriu com ela dizendo-lhe que estava decidido a casar com Laurentina mostrou-se pouco risonha. E á pergunta de Lourenço, que indagava se não lhe parecia que houvesse de ser feliz com a sua escolhida, a mãe fechou os olhos, concentrou-se como se quizesse lêr no futuro e com a presciencia das mães respondeu passados instantes:

— Cuido que não.

Lourenço aterrorisado como um espirito supersticioso em face d'um vaticinio adverso, atreveu-se a perguntar:

— Mas julga mal d'ela?

— Não te sei dizer nada, filho. Sinto que não te virá ventura d'ali. Mas não te tolho sendo da tua vontade. Se é esse o teu destino tens de seguil-o — concluiu a aldeã oom o fatalismo da gente do povo.

Este dialogo com a mãe tinha ficado gravado na mente de Lourenço e muita vez mais tarde se lhe avivou na memoria, reconhecendo o genio altivo e imperioso da mulher com quem casára, ouvindo-a altercar com sua mãe, sobre cujas determinações a sua vontade havia sempre de sobrelevar com despreso de todos os ditames da experiencia que acolhia em ar de mofa, observando-lhe modos desabridos quando não satisfazia os seus caprichos.

Veiu um filho ao tempo em que Lourenço caiu nas sortes.

A paternidade calou fundo no seu coração sensivel e Lourenço veiu para o serviço com pezar maior ainda por se afastar da criancinha de poucos mezes que de tudo mais.

Rendia-se-lhe o coração ao contemplar aquele entesinho tão mimoso a que dera o ser e desfez-se em recomendações á mulher e á mãe sobre os cuidados que no seu entender ele requeria.

Queria receber sempre noticias; e quando conseguia obter uma licença aí aparecia ele na aldeia a beijar o filho e a admirá-lo.

Lembrava-se bem de que o pequenito já lhe deitava os braços ao pescoço e lhe dizia «pae» com uma meiguice que lhe instilava na alma uma doçura infinita, quando o mandaram para a Africa.

Sem que fosse cobarde nem que tão pouco tivesse prosapias de valentão, aquela nova foi para ele uma punhalada. Sentiu uma dôr imensa ao pensar que poderia deixar orfão tão pequenino aquele filho que era o seu encanto e que o consolava da desarmonia que se dava entre o genio de Laurentina e de todos de casa. A mulher tinha sempre para ele a mesma atração fisica; mas perdera a estima do excelente rapaz que se indignava de a vêr desrespeitar-lhe a mãe a quem ele votava no sacrario da sua alma um verdadeiro culto; e nas horas em que a razão dominava o instinto sentia-se assediado por aquela vaidade tão falta de senso, aquela futil soberbia.

O filho, o filho sim, esse é que ele levava atravessado na garganta e que via sempre depois em sonhos e nos desvarios da febre, quando as sezões apertavam com ele n'aquelas terras insalubres.

Tudo isto perpassava sem cessar na mente de Lourenço retido no bosque que anceava por abandonar.

E com tudo isto vinham-lhe tambem á lembrança as noticias que já em Africa recebera da terra. As cartas da mulher, secas, sem carinho, falando da criança com enfado; as da mãe, saudosas, significativas nas entrelinhas: que era muito preciso lá, que um homem fazia muita falta em sua casa; sempre era outro respeito; que tomára vêl-o de volta; mas que resava para que ele soubesse cumprir o seu dever, visto que o tinham chamado e devia dar boa conta de si. E ensinava o menino a pôr as mãosinhas pelo pae.

Então havia alguem que desrespeitasse a sua casa?

Que queria dizer aquilo?

Nos meados de março Lourenço conseguia reunir-se, depois de fadigosas jornadas por sitios requeimados de sol, aos camaradas aquartelados em Mossamedes que o julgavam morto, tendo já vindo o seu nome para a metropole na lista dos falecidos.

Inutilisado agora pela perda do braço direito foi mandado regressar á patria e desembarcando em Lisboa, depressa tomou comboio que tinha apeadeiro perto da sua aldeia.

Foi uma surpreza a sua aparição quasi sobrenatural á entrada da terra para amigos e conhecidos. Alguns chegaram a dizer-lhe que mais valia ás vezes um homem cair debaixo das balas inimigas para não se tornar a levantar, que ter de passar certos desgostos; que n'uns barracões que lhe pertenciam poucos passos adiante encontraria sua mãe vestindo o seu luto embora ela dissesse a todos que uma voz interior lhe segredava não lhe ter morrido o seu filho. Ela lhe daria as novidades.

Efetivamente Lourenço avistou a uns cem passos de distancia uma mulher vestida de preto pondo a enxugar a uma porta uma roupinha de criança.

Quando os dois se reconheceram apertaram-se peito a peito doendo-se no intimo a pobre mãe de mais aquele golpe ao vêr o filho mutilado, sem um braço para a cingir.

— Bem m'o dizia o coração, meu Lourenço. Adi-

vinhava que sofrias; mas nunca acreditei que tivesses morrido — repetia-lhe a mãe banhada em lagrimas de comoção.

— Mas porque estão aqui, mãe? Houve algum fogo na nossa casa? O menino? A Laurentina?

— Peor que fogo, filho! Essa má mulher lá está... casada com outro.

— Não me diga isso, mãe! — bradou Lourenço fóra de si, levando ao peito a mão que lhe restava como se o tivessem apunhalado.

— Não me acordes o menino — rogou a bondosa mulher indicando um esteirão ao fundo da casita, onde a criança dormia tranquila apoiando a cabeça na mãosinha rosada.

Lourenço fitou os olhos no pequenito adormecido e deixou-se invadir por uma onda de ternura que lhe tomou a fala.

— Ela queria por força o filho mas eu tirei-lh'o e trago demanda para nos darem o que nos pertence. Havia de poder deixal-a na palha! Oh! mas agora é o que lhe vae acontecer.

— Se ela me julgou morto não temos de que a censurar. Estava no seu direito. Quem é ele?

— Um fadista que passa os dias em descantes, comendo na taberna o que é teu com outros que taes e que lhe bate se ela lhe não dá dinheiro á ufa.

— E' o José do Moinho?

— Pois nem ha outro na terra peor do que aquilo.

— Foi tão infeliz na escolha... como eu — concluiu Lourenço com amargura.

— Resta-te o menino, meu Lourenço. Vês-lhe aquela mecha de cabelos brancos na fronte? Aquele sinal é teu, bem sabes, já era de teu pae. Este juro eu sobre umas Horas que é teu filho.

— Este?! Ha outro?

Um debil «sim» descerrou os labios da mãe.

— Atraiçoou-me então na minha ausencia, a perversa? — bradou Lourenço com veemencia.— O caso agora é outro. Porque não disse isso logo, mãe? Vou matar aquela desalmada.

— O' filho, lembra-te deste inocentinho que não tem mais ninguem — suplicou a pobre mulher no auge da aflição. — Não te desgraces. Ela já tem o seu castigo. Quando aquele vadio não lhe puder comer mais nada mata-a com pancada. Deixa-lhe essa tarefa a ele. Sae da terra, não te armem alguma cilada e pede o divorcio. Abençoada lei que põe termo a tanta desgraça! Ainda podes achar uma mulher que te estime como mereces. Vamos crear o nosso anjinho longe d'aqui.

Os olhos de Lourenço volveram-se para a criança que despertava com o risinho alegre, enchendo de luz a alma do infeliz. Tomou nos joelhos o pequenito, que lhe lançou os bracitos ao pescoço, derramando-lhe n'alma o precioso balsamo que é a palavra «pae», proferida assim, como uma caricia, por uns labios infantis.

O aboletado

Era uma familia de pai e filha, Hubaldo Ostade e Gúdula Ostade.

O escritorio alemão fornecedor de drogarias e farmacias em competencia vantajosa com as fabricas de produtos quimicos nacionaes, no bairro comercial de Bruxelas, isto é, na cidade baixa, acabava de fechar, declarada a guerra.

Hubaldo Ostade, antigo gerente da casa onde passára vinte anos da sua vida ficára sem pão.

As drogas, que melhor distinguia entre si que os proprios dedos, eram a sua especialidade; mas as industrias de toda a especie paralisaram e Hubaldo não achou colocação.

Abalado fundamente pela morte recente da esposa com quem passára a mocidade no mais amoravel convivio, a invasão do seu paiz que tanto amava, agora a perspetiva da miseria, tudo influiu terrivelmente em Hubaldo acordando n'ele a hereditariedade ne-

vropatica. Impertinente, por vezes intratavel, outras d'uma docilidade infantil, já se mostrava d'uma alegria exuberante, já taciturno, abatido, preocupado da saude, chegando a ter medo de andar, julgando cair a todo o instante. E á marcha hesitante viera juntar-se um certo tremor na voz que lhe dificultava a palavra.

N'uma progressão rapida seguiram-se falhas de memoria; ausencias de personalidade que a ninguem deixariam adivinhar a alteração dos orgãos nobres do infeliz.

A filha, compleição delicada mas sã, formosura perfeita de corpo e de alma, vinte anos incompletos, espirito ponderado e genio meigo, educação esmerada, era a luz dos olhos do pobre Hubaldo nos seus largos periodos de lucidez.

Servidos por uma criada do tipo vulgar, viviam os dois n'uma pequena casinha irrepreensivel de aceio, com uma varanda florida, situada n'uma das ruas mais sós do bairro comercial da cidade, perto do escritorio onde Hubaldo consumira o melhor da sua existencia, gerindo os negocios da firma que tanto acreditára e que acabára no inicio da guerra locupletada de capital, deixando o que a tinha engrandecido votado a todas as desditas, a começar pela fome, sem um misero subsidio para a inabilidade na hora tragica em que o flagelo da guerra, desencadeado no paiz, agravava todos os males.

A doença prolongada da esposa, a tuberculose cronica, fôra o sorvedouro de quantos lucros, ordenados

e percentagens, Hubaldo pudêra auferir nos ultimos anos.

Objetos de valor tinham desaparecido todos, vendidos ou empenhados. Onerados ainda ao tempo na farmacia, na mercearia, Gúdula fazia verdadeiros prodigios na administração da casa para ir amortisando todos os mezes as contas em atrazo, um pouco a um, um pouco a outro, até lhe serem cortados de todo os viveres.

No começo de setembro, o ultimo anelito de Gúdula, uma medalhinha de ouro que trazia ao pescoço com o retrato da mãe, o relogio da casa de jantar, a maquina de costura tudo tinha saido a pouco e pouco.

Gúdula respondêra a todos os anuncios que pediam empregadas de escritorio, governantes de crianças, mestres de linguas, floristas, costureiras.

Quando chegava logo de manhãsinha aos locaes indicados, a chusma das pretendentes era tal que já não havia logar para a maior parte.

Uma manhã, farta de subir escadas em vão, exausta de forças, perguntou á criada ao regressar a casa:

— Está tudo pronto, Joana?

— Tudo quê? retrocou esta com modo insolente.

Gúdula reprimiu um suspiro, refletiu que lhe devia dois mezes de ordenado e respondeu com brandura:

— O almoço, pois o que havia de ser.

— O almoço! O almoço, essa não está má! No talho não quizeram fiar o bife para o seu pae. O padeiro diz que sem lhe pagarem o pão da semana passada, não deixa ficar mais. Na tenda é a mesma his-

toria. Que queria que eu fizesse? Sempre julguei que trouxesse alguma cousa de fóra para o almoço. Olhe que estas cenas já me vão arreliando. Para passar mal passo na minha casa. Se a menina me pagasse as minhas soldadas, já era uma boca a menos.

Gúdula enguliu a afronta até ao fim e contemporisou com uma promessa de pagamento logo que recebesse dinheiro, o que foi acolhido com outro ultrage.

— Dinheiro já a menina o teria se quizesse. Não seria eu que me ralaria com taes canceiras, passando necessidades, se tivesse assim um palminho de cara.

Gúdula teve medo de compreender. Mas desviou-a da passagem com repulsão, dizendo-lhe:

— Sáia d'aqui, mulher.

— Pois sim, sim, — foi Joana resmungando. — Faze-te de manto de seda que te ha-de durar muito.

O passo leve de Gúdula entrando na sala não passou despercebido ao pae, sentado junto da varanda toda entrelaçada de verdura, como era seu costume mal luzia a aurora.

— Meu paesinho — disse Gúdula beijando-o carinhosa — ralhe comigo. Saí sem me lembrar de determinar o almoço e agora é tão tarde, que já não ha carne no talho. Vae ficar mal sem o seu bife. Mas olhe, o pae gostava tanto d'uma sopa de coentros que eu lhe fazia... temo-los ali tão frescos n'um vazo... a sua Gúdula vae fazer-lhe uma sopa muito bem feitinha e o pae fica assim por hoje. Poderemos jantar hoje mais cedo, não é verdade?

— E olha que gosto bem d'essa tua sopa — repli-

cou Hubaldo com alegria infantil. — Como depois um pouco de queijo e tomo uma chavena de café.

— Sim, parece-me que ha algum queijo.

— Jantarei melhor se o não houver. O jantar é que te recomendo porque temos hospedes.

— Hospedes? Que hospedes, pae? — perguntou Gúdula assustada, prevendo algum desatino de Hubaldo.

— Hospedes não, um hospede. Um dos voluntarios que encontrei na tabacaria onde fui na tua ausencia e sem dinheiro por sinal. O que vale é que todos me conhecem. Ah! minha Gúdula, que orgulho tenho em sermos ricos para poder oferecer a nossa casa aos defensores da nossa patria — continuou Hubaldo com exaltação. — Imagina que falei com muitos voluntarios estrangeiros, que veem combater pela nossa querida Belgica, francezes, italianos, de varias nações. A' entrada da tabacaria deu-me esta fraqueza de pernas que conheces. Cairia se me não amparasse um mocetão de belo aspeto, muito simpatico, um dos voluntarios que procuravam informar-se alí sobre os alojamentos que poderiam encontrar na cidade em particulares, emquanto não conseguem juntar-se aos combatentes. Se tivessemos mais casas — continuou o infeliz na mais completa inconsciencia — tel-os-ía alojado todos. Que diferença nos faz isso a nós! Como só posso oferecer o meu quarto, propuz ao tal rapaz aboletal-o em nossa casa. A principio aceitou para pagar. Mas fiz-lhe ver que não precisavamos do seu dinheiro. Seria uma indignidade deixar

pagar hospedagem aos que veem defender-nos. E convenci-o a aceitar um aboletamento de favor. Vem hoje.

Gúdula deixára expandir-se a loquacidade de seu pae sem o interromper, mas cobrira-se de suor frio á medida que ele proseguia.

Era impossivel de remediar aquele disparate.

Hubaldo impressionado com o semblante da filha teve um lampejo de razão.

— Isto não te deve causar transtorno, pois não é verdade? Onde comem dois comem tres. Eu é que tambem já tomaria alguma coisa — concluiu Hubaldo timidamente.

Gúdula, como um automato, foi colher os coentros, migou os pedaços de pão duro que poude encontrar e preparou a sopa de que constava o almoço n'uma especie de embrutecimento de que não conseguia tiral-a a tagarelice de seu pae, girando sempre em torno d'ela, referindo as peripecias do encontro, e sugerindo disposições luxuosas para receber confortavelmente o hospede que ele queria considerar o seu aboletado e ao qual cederia o seu quarto.

Finda a triste refeição, Gúdula mandou fazer as alterações precisas para receber o estrangeiro que tão pouco a proposito seu pae atraira para casa e, fechada no seu quarto, procurou mais uma vez o jornal do dia em busca de anuncios a que podesse responder. Recortou ainda tres e saiu sem prever d'onde lhe proviria dinheiro para o jantar.

O unico pedido que lhe sorriu era para praticante

de escritorio. Apresentou-se. Fizeram-lhe escrever uma carta comercial como experiencia. Gúdula ignorava a linguagem tecnica. Foi regeitada.

O segundo era tocar piano n'um café durante duas horas todas as tardes.

Apareceu-lhe um homem bojudo, de faces rubicundas e olhar amortecido, para a ajustar. Era o dono do café, já meio «tocado», que lhe volveu um olhar cupido e acolheu a sua estranha formosura com um gracejo torpe.

Gúdula, espavorida, só se julgou em segurança no extremo oposto da rua.

Restava o ultimo anuncio, um modelo para pintor. Se este não désse, faltar-lhe-ia a coragem de todo. Queria morrer.

Era n'um bairro afastado, um palacete elegante. Fizeram-na entrar para uma salinha de espera, onde lhe apareceu um homem novo, de olhar bondoso e modos cortezes, que a mirou dos pés á cabeça, acabando por exclamar com ar satisfeito:

— Achei finalmente.

Gúdula esperou.

O artista continuou a observal-a em silencio.

Visivelmente enleada com este exame, Gúdula decidiu-se a perguntar cheia de rubor:

— Que é preciso fazer?

— Nunca serviu de modelo?

— Não, nunca.

— Tanto melhor. Podemos ter já hoje uma sessão.

— De quê?

— Um esboço de cabeça simplesmente, por hoje.

O rosto da pobre rapariga desanuviou-se. Previa coisas horriveis e dissipava-se a sua previsão.

— A'manhã tambem serei precisa?

— Sim, ámanhã começaremos a figura que me falta, a «Candura», n'um grande quadro que quero expôr este inverno. E' uma pose de nú, mas não se aflija com isso. Os artistas não são homens. Só vêem o que ha de ideal na forma, como os medicos nos orgãos só vêem as lesões.

Este frio raciocinio dissipou um pouco as apreensões de Gúdula, cujas circunstancias desesperadas obrigavam a encarar a horrivel contingencia de se despojar das suas roupas intimas diante de um homem.

Gerardo Maus, o pintor ilustre, estava tão satisfeito, como artista, com o seu modelo, que, conhecedor do mundo como era, e vendo diante de si a genuina imagem da Candura, que procurara em vão, não queria atemorisal-a melindrando-lhe suscetibilidades.

— Vamos então esboçar a cabeça para se habituar á pose. Mas primeiro dir-lhe-hei as minhas condições. Tenho urgencia do meu trabalho, que pago bem e adiantado, concluiu ele metendo a mão no bolso.

Gúdula recebeu algumas moedas de ouro com grande surpreza sua e sujeitou-se á pose com a maior docilidade.

* * *

A's sete horas a mesa estava posta com tres talheres.

Emquanto seu pae conversava na casa de jantar com o estrangeiro, Gúdula cosinhava rapidamente dois pratos da sua maior competencia que tinham o mais apetecivel aspeto quando a criada os pôz sobre a toalha alva de neve. Tal qual como estava, faces afogueadas pelo calor do lume, olhar vago e fatigado, depressão fisica da pessoa que trabalhou um dia inteiro, privada de alimento, grande avental caseiro, Gúdula veiu sentar-se á mesa entre o pae e hospede, absorvida pelas suas responsabilidades de chefe de familia que lhe impunha a perturbada mentalidade de seu pae, dissimulada habilmente pela piedade filial com a mais submissa veneração, ao mesmo tempo extenuada pelas emoções deprimentes d'um dia que contára para ela por dez anos de vida.

Não se entusiasmando facilmente, todos os elogios que seu pae fizera ao estrangeiro tinham sido postos de remissa, e era pela atitude d'este, singela e correta, que a discreta rapariga ia fazendo o seu juizo, sempre, como a proposito de tudo, reservada.

Demorando-se todos á mesa depois do jantar, Gúdula teve ensejo de ouvir, sem fazer perguntas, que o seu hospede era oriundo d'uma provincia do norte de Portugal, onde possuia propriedades administradas por um feitor, que se chamava Antonio de Vasconcelos, que tendo ido á Suissa acompanhar um irmão ao sanatorio de Davos, fôra surpreendido lon-

ge do seu paiz pelo desencadeamento rapido da guerra, que não viera por ardor belicoso, mas por sêde espiritual de justiça, colocar-se ao lado dos que se desafrontavam de toda a especie de ultrages n'uma luta sem treguas contra a horda de barbaros que de novo pretendia avassalar o mundo, deixando no seu rasto a ruina e a morte. Encontrára-se com muitos outros homens de varias nacionalidades, todos animados de eguaes sentimentos, os quaes tinham chegado n'esse mesmo dia a Bruxelas e deviam fazer parte d'um corpo lá organisado, o batalhão de voluntarios estrangeiros, e que, em tres ou quatro dias, partiam para os campos de batalha.

Tudo isto fôra dito com simplicidade, sem bravatas de valentia, sem prosapias de vaidade, com mascula energia no semblante e uma suavidade penetrante no olhar com que se dirigia a Gúdula.

Era já tarde quando cada qual se recolheu aos seus quartos. Hubaldo presa de maior confusão de idéas pela excitação da conversa, com a lingua completamente paralisada em tremores estranhos. Antonio de Vasconcelos fundamente impressionado pela formosura e discrição de Gúdula, tocado de aquele quadro de desgraça em que se lhe desenhára nitidamente a demencia de Hubaldo, apercebendo-se da miseria que existia na casa do homem que de manhã lhe descrevera a sua existencia desafogada de capitalista. Todas estas considerações o tiveram desperto durante a noite e o fizeram saltar do leito com a cabeça em fogo mal amanheceu, levando-o á casa

de jantar onde abriu a porta da varanda para expôr a fronte ao ar puro da madrugada.

Pela sua parte, Gúdula, n'um desasocego inexplicavel, não tinha posição; e só de madrugada fechou os olhos caindo n'uma modorra povoada de pesadelos horriveis, imagens de guerra, lutas corpo a corpo de homens fardados, que tinham todos, mais ou menos desfiguradas, as feições de Antonio de Vasconcelos e de Gerardo Maus, furias monstruosas com o parecer carregado de Joana, que lhe arrancavam as roupas e a expunham despida n'um grande salão onde toda a gente vinha admiral-a pregada á parede.

E as visões do dia, com as suas idéas associadas, interferindo n'uma incoerencia extrema, davam a este sonho uma mobilidade aflitiva de caleidoscopio que a deixou com os membros despedaçados ao despertar e uma opressão enorme.

Entrando na casa de jantar estranhou a ausencia de seu pae, que conservava o antigo costume de se levantar ao romper do dia. Junto da varanda viu Antonio de Vasconcelos, que lhe veiu ao encontro.

No seu olhar lia-se-lhe uma firme resolução.

— Preciso de lhe falar n'um assunto muito sério— disse ele estendendo-lhe a mão.

— Então aqui estou para ouvir.

— Peço-lhe toda a atenção e toda a franqueza, porque, pela minha parte, vou falar-lhe com toda a sinceridade da minha alma. Desde que a vi, desde que falei comsigo, tive a convicção de ter encontrado a mulher que escolheria para esposa. Sou muito firme

nos meus propositos, e desejo saber com o que posso contar. Devo partir dentro de tres ou quatro dias para a guerra. Se é livre, se tambem me quer, casaremos antes da minha partida, fal-a-hei sair para Portugal com seu pae e esperará o meu regresso na nossa casa. Se me disser que tem o coração preso, sairei d'aqui hoje mesmo, com a alma dilacerada. Mas não se decida por compaixão por mim. Amor não lh'o peço desde já. Eu saberei inspirar-lh'o se esse sentimento ainda não desabrochou na sua alma. Como a exijo é como uma tabua rasa onde eu possa gravar as formulas do meu culto. Diga-me lealmente: é livre?

— Sou.

— Posso então esperar?

— Permita-me que reflita - respondeu Gúdula baixando a cabeça para evitar o olhar indagador de Antonio de Vasconcelos.

— Até quando? — perguntou este tristemente.

— Até...

— Menina, menina, o pae está mal — gritou Joana.

Gúdula correu ao quarto em que seu pae se acomodára e debruçou-se sobre o leito onde o infeliz Hubaldo jazia em coma apopletico e resfolegava com respiração estertorosa.

Prevenida pelo medico da possibilidade do acidente, nem por isso o quadro foi menos augustioso para a desditosa rapariga.

Na casa de jantar onde Antonio de Vasconcelos

esperava na maior inquietação, Joana entrou a pôr a toalha para o almoço.

— Então o seu patrão? — perguntou ele, esperando algumas informações, que o tranquilisassem.

— Aquilo vae-se embora. Tambem é um descanço para a filha. Que agora não tenho dó d'ela. Já arranjou alguem.

— Que diz, mulher?

— Que as coisas já não vão tão mal. Hontem de manhã não havia um pão em casa. Mas ela lá se demorou por fóra e veiu com muito ouro. Aquilo foi algum ricasso com certeza... Ah! que se eu tivesse uma cara assim...

— Você é uma vibora, mulher! — bradou Antonio de Vasconcelos fóra de si, agarrando-a por um braço. Quem lhe dá o direito de inventar essa infame calunia?

— Ora, tomo-o eu! E o senhor largue-me o braço quando não eu grito, ouviu?

* * *

Pelas duas horas da tarde, Gúdula, com o coração a trasbordar de amargura, entrou no quarto de seu pae, agora ocupado pelo estrangeiro Antonio de Vasconcelos, que saíra desorientado depois da cena com a criada.

Gúdula apoiou os braços á beira d'um guarda fato antigo sobre o qual estava um retrato de sua mãe n'uma moldura de prata cinzelada, unica joia de que

a extremosa filha não quizera separar-se, e cravou por instantes os olhos nos da sua querida morta. Um sobresalto convulsivo abalou-lhe todo o corpo n'uma explosão de chôro que não tinha fim. Gradualmente foi acalmando.

— Os artistas não são homens — murmurou ela baixinho. — Só vêem o que ha de ideal na fórma como os medicos, nos orgãos, só vêem as lesões. Hontem parecia-me isto verdade... Não me revoltei. Hoje... ha em mim uma coisa nova, o quer que seja de sagrado, que eu não conhecia d'antes, a custodiar. Não posso, não posso! Ah! mas o dinheiro? Já não tenho o dinheiro todo para o restituir. Não me resolves isto, querida mãe? Que posso eu fazer?

Os olhos de Gúdula, como guiados pelos da morta que a sua superstição evocára, fixaram-se na moldura. A idéa que lhe despertou na mente como uma inspiração, fêl-a soltar um suspiro de alivio. Voltou o quadro, tirou-lhe a fotografia, embrulhou cuidadosamente a moldura n'um papel fino que tirou da gaveta do movel, tomou outra folha de papel e escreveu a Gerardo Maus, pedindo-lhe que a desligasse do seu compromisso e que aceitasse como penhor da quantia que faltava no seu salario de modelo a moldura de prata que ela resgataria o mais breve que podesse.

Relia ainda a carta quando sentiu um leve ruido atraz de si. Voltando-se viu Antonio de Vasconcelos que voltára a casa mais sereno, e julgando o quarto desabitado entrára.

Deparando com Gúdula a desfazer-se em prantos sentira-se movido pela mais profunda piedade e aproximára-se de mansinho, confiado ainda na sua honestidade.

Fitaram-se os dois.

— Gúdula, já me pode dar uma resposta?

— Posso — respondeu ela com meiguice — serei sua mulher.

Uma nuvem sombria toldou o semblante de Antonio, que perguntou:

— A mulher não pode ter segredos para o marido, não é assim?

— Não deve.

Antonio de Vasconcelos hesitou um momento como se lhe custasse o que ia dizer.

— Há um dinheiro cuja proveniencia eu queria conhecer a fundo...

— Leia — disse Gúdula apresentando-lhe a carta aberta ainda.

* * *

O retrato da morta foi reintegrado na sua rica moldura. A' hora da pose Gerardo Maus recebeu a quantia que na vespera entregára a Gúdula e uma carta, que Antonio exigiu fosse assinada por Gúdula de Vasconcelos.

Victimas obscuras

No gabinete de analises contiguo á sala Halstead d'um vasto hospital cirurgico de Londres, o dr. Follower, inclinado de madrugada sobre um livro aberto na mesa de trabalho, apoiando o cotovelo ao braço da cadeira e a fronte á mão, estava absorto em pensamentos de alta gravidade por certo, se ajuizarmos pelas frases soltas que de quando em quando lhe saíam dos labios, como os jactos intermitentes de vapor se escapam pela valvula de segurança de uma caldeira em tensão.

— Nenhum autor assinála... nenhum... Privativo d'esta bacteria... Inacreditavel, comtudo!... E' abominavel!...

O dr. Follower levantou-se, passeou de um lado para o outro em grande exaltação, deteve-se um pouco junto do microscopio e assaltado por uma idéa subita carregou n'um botão de campainha que havia perto, exclamando:

— Preciso de provas; provas irrecusaveis.

Apareceu um enfermeiro.

— Chame-me o interno.

— Está dando injeções de oleo aos doentes entrados hontem, que peoraram muito durante a noite, sr. doutor.

— Que venha aqui falar-me quando acabar.

Fechada a porta, Follower continuou a medir a passos largos o gabinete, soltando a espaços exclamações de indignação:

— E' odioso! E' revoltante!

Um quarto de hora depois entrou o interno da enfermaria.

— Então?

— Perdidos. Um, sobretudo, o rapazinho, teve uma generalisação pronta.

— Não admira, a circulação nas crianças é mais ativa.

— Interessei-me muito por ele porque tem uma historia comovente e um intimo encantador. Mas tudo é inutil.

— Vamos ao importante. Fez as preparações?

— De todos quatro. Todos apresentam o mesmo microbio inconfundivel.

— Identico ao das vitimas dos outros «raids»?

— Absolutamente. Está provado á evidencia que todos os zepelins trazem profusão d'estes micro-organismos nas bombas que despedem sobre nós.

— Faça culturas. Precisamos edificar o mundo inteiro no ajuste de contas com provas inconcussas de tamanha deshumanidade.

— Já as tenho de todos.

— E a sintomalogia, sempre a mesma dos primeiros casos que observámos?

— Sempre. Gangrena de rapida evolução, sempre mortal nos ferimentos extensos, como não se encontra na pratica hospitalar ordinaria. Extrema depressão. Toda a noite trabalhei sem resultado para levantar as forças aos feridos.

— E' uma atrocidade inaudita!

— Infamissima. Tenho todos os apontamentos coligidos para o relatorio.

— Bem, traga-m'os e conte que o seu nome figurará n'ele honrosamente.

O interno compreendeu a despedida, inclinou-se e saiu com o sereno contentamento de quem sabe apreciados os seus esforços, de mistura com uma certa tristeza que no seu animo produzira a inutilidade de quanto fizera para salvar os feridos confiados ao seu cuidado, e em especial uma criança de doze anos, muito expansiva e de uma mentalidade interessantíssima.

A sua alma compassiva e generosa, vibrando a unisono com as dôres que se avisinhavam, entusiasta de quanto via de belo á volta de si, enternecera-se com a historia tocante que o pequeno ferido lhe contára com o cunho de verdade iniludivel, que a candura da inocencia imprime ás suas singeles narrativas.

Tudo o que havia de mais humilde. Abandonado de pequenino em uma viela dum bairro miseravel,

fôra creado a expensas da assistencia publica e déra em mãos de uma boa creatura que, depois de amamentá-lo como mãe, continuára a mantel-o com o magro subsidio que recebia, só para não o entregar a gentes estranhas.

Privada sucessivamente de todos os seus pela morte, esfalfada de trabalho para se sustentar a si e á creança, que lhe tinha um grande amor, adoecera gravemente quando ele estava empregado de poucos dias num talho com insignificante salario para fazer areados e levar carne a alguns freguezes. Chegados á miseria extrema, a bondosa mulher definhava dia a dia, falta de alimento, prostrada num pobre catre de que Alberto se afastava todas as manhãs com os olhos rasos de lagrimas.

Um dia, depois da hora da distribuição aos freguezes, Alberto veio para casa muito preocupado, agarrou-se á chaminé e passado algum tempo chegava-se ao pé da mãe com uma tigela de caldo substancial.

Reanimada com os primeiros golos, veiu-lhe a reflexão:

— Como arranjaste carne? — pe.guntou ela com voz apagada.

Alberto titubeou.

A pobre mulher fitou nele os olhos aterrados.

— Desgraçado! Agora é que estamos perdidos de todo.

O pequeno criminoso, compreendendo a sua falta, lançou-se-lhe nos braços lavado em lagrimas.

— Foi para si, mãe...

Ao outro dia o freguez lesado fez a sua queixa e o servente foi despedido.

Todos os males se agravaram como consequencia daquela falta que a amoravel creança pagou com sentido pranto vendo a devotada creatura que ele amava como mãe privada de tudo em absoluto.

Tremia de frio e fome estendendo a mão suplicante aos frequentadores de uma taberna do seu bairro ao cair da noite quando foi atingido pela bomba de um aparelho aereo, num dos «raids» feitos pelos alemães sobre Inglaterra.

Os feridos foram transportados para um hospital cirurgico de Londres, onde o dr. Follower, diretor da enfermaria Halstead, impressionado com a anormalidade dos casos dos atentados anteriores, se consagrára de corpo e alma, com o seu interno, á investigação das causas de tão anomalas manifestações clinicas.

Alberto disséra confiadamente a sua historia ao caritativo interno fitando-o com um olhar inteligente e vivo, nas primeiras horas, depois sem brilho, amortecida a pupila pelo sofrimento fisico, que nada era, ainda assim, comparado com a dôr que lhe pungia a alma ao pensar no desamparo da mãe, confrontando mentalmente o seu relativo bem estar, estomago mudo e roupa limpa, com o desconforto da misera, num grabato infeto e sem alimento desde a vespera.

E com voz que já não era do mundo, entrecortada e dolente, suplicou ao interno, de novo debruçado sobre ele entristecido:

— Mande vir para cá a minha mãe, sim ? Mande...

E fechou os olhos, extinguindo-se-lhe a voz naquela suplica em que a sua alma, ao desprender-se, puzera reconhecida todo o seu amor pela infeliz que já o precedera na viagem, sem ele o presentir, e o chamava á vida de regiões melhores, á patria dos desditosos.

Do diario d'um soldado

Naulila, 25 de dezembro.

Minha querida mãe:

Desejo que passe bem o Natal e que esteja de saude, que a minha ao fazer d'esta não é lá grande coisa. O raio das sezões estão teimosas. Mas não lhe dê pena, que tanto quinino hei de tomar que se hão de ir embora. O que me arrelia é este descanço agora. Tomára que entrassemos outra vez na dança para dar cabo, á minha parte, de meia duzia d'aqueles cães. Não crio alma nova emquanto não vingarmos os que nos ficaram no vau de Calueque e o nosso tenente. A morte d'ele não me pode lembrar sem sentir um aperto cá por dentro que me estrafega a garganta; e não me tenho que não chore. A fuzilaria das metralhadoras já não bole comigo; mas ha coisas... E olhe que não estou amolecido; sou o mesmo que

d'aí partiu. Vocemecê bem viu que voltei as costas a tudo como um homem brioso... Tem-na visto? Não se zangue com a pergunta, mãe, que quer! Não se me varre da memoria aquela perversa. Bem quero eu esquecel-a e dal-a ao desprezo, mas ha de levar seu tempo.

Mando-lhe junto um caderno para que m'o guarde na arca da roupa. Se quizer saber mais pelo miudo o que por cá se tem passado peça ao nosso visinho boticário que lh'o leia quando lhe ler esta. Mas não m'o suma. Ainda quero tornar a viver n'ele quando já fôr velho, a minha mal aventurada mocidade que só n'estas terras de Africa achou algum alivio a tantas penas. Adeus, mãe. Grandes saudades para si e lembranças aos visinhos e á rapaziada dos nossos sitios.

D'este seu filho
Marcelino.»

Transcrevo agora uma parte do caderno enviado pelo soldado de dragões africanos á digna camponeza sua mãe, a Mariana do Outeiro, muito estimada na vila, lido á noite na botica á destinataria diante do mestre escola e do regedor, pessoas das mais gradas por aqueles arredores. Basta o importante:

«.....

«26 de outubro, Lubango.

«Estamos n'um quartel feito á pressa em quatro

casarões a poucas leguas do Bruco. Por emquanto só combates com o gentio do Humbe, em exploração. N'eles cairam alguns dos nossos. Quem me diria a mim que eu havia de lutar para vender cara a vida, eu que queria morrer no primeiro combate em que entrassemos. Assim não daria tanta pena á velhota: longe da vista... Agora? isso sim! Quando se entra na dança é como se um vinho forte nos subisse á cabeça. Nada nos contem. E' andar p'rá frente. O nosso tenente dá o exemplo. Aquilo é que é um bravo ás direitas. Uma criança, mais novo que eu, leva tudo atraz de si, mesmo os mais encolhidos. E fica a comandar o esquadrão, apesar de haver outros mais antigos. E' que o comandante já viu de que barro aquilo é feito. Tirassem-nos este chefe por quem nos deixariamos matar como um bando de codornizes e sempre queria ver para que serviamos, um punhado de homens contra um poder d'eles... Se ao menos viesse gente de Lisboa corriamos depressa com esses salteadores que estão sempre entrando pela nossa Africa. Ainda ha tres dias morreram dois dos nossos n'um recontro com uma patrulha de reconhecimento do inimigo. Contam para aí que os alemães são mais de 3.000 com basta artilharia. Se eles tomam a ofensiva antes de nos chegarem reforços estamos arranjados. Mas ha de lhes custar caro com gente como a nossa. Por mim estou disposto a tudo. Assim eu tivesse coragem para as minhas penas... Que hei de acabar com esta parvoice. Raparigas ha-as por lá bem seriasinhas, capazes de faze-

rem a felicidade de um homem trabalhador e honrado, como me dizia tantas vezes a velhota. Santa mãe. Não que ela já tem outra idade para vêr as coisas e conhecia bem aquela refalsada. Quando me lembro da malvada ainda me dão ganas de lhe fazer alguma... Seria a minha desgraça, a Penitenciaria, está bem de ver. Lá os rapazes da minha geração não m'o tomariam a mal, mas a minha velhota finava de desgosto, coitadita. Antes com honra pela barra fóra. Ah! que não possa eu esquecer aquela cruel! Uma mulher não é obrigada a gostar d'um homem qualquer. Não me queria, não me queria, acabou-se. Mas uma traição assim... e eu que gostava tanto da rapariga!... Quando a velhota me dizia que aquilo me não servia, que era uma dengosa, que só gostava de secias para enfeitiçar os rapazes, até me zangava com ela, tão minha amiga. Mãe, mãe...»

Aqui o diario interrompia-se. As letras mal se distinguiam. Manchas amareladas aos recortes salpicavam a espaços esta parte no caderno do soldado.

«4 de novembro.

«As maleitas não me largam. E quasi todos por aí na mesma. O nosso tenente tambem não traz boa cara. Hontem viu-me a tremer com o acrescimo e vá de arrebanhar mantas por onde as achava para me cobrir.

— A que horas principiou isso, ó 17?— perguntou-me ele aconchegando-me a roupa com a mão entrapada.

— A's dez, meu tenente.

— Vê lá então se amanhã de madrugada te esqueces do quinino.

«E lá se foi «trabalhar» os cavalos bravios que nos chegaram do Cabo para o picadeiro que se arranjou no cercado do quartel.

«Isto é que é superior! Assim a modos como um irmão dos soldados. Tambem se alguem se faz malandro, ferra-lhe um cascudo que o faz ver estrelas ao meio dia. E o sargento já lê pela mesma cartilha.

«Com gente assim, ninguem comete faltas.

«As patrulhas alemãs já tornaram a romper a fronteira. Isto vae mal. O gentio do Cuamato revoltado. Os cavalos doentes. Se os de Lisboa se não lembram de nós vae tudo p'ró major.»

«25 de novembro.

«Temos andado pelo mato em exploração. Por ali dormimos, comendo todos o mesmo, como se não houvesse patentes. E apesar de vivermos em liberdade, que disciplina! E' um feitiço, isto de saber levar os homens assim. Só me faz lembrar umas pedras que ás vezes achava em garoto no meio das terras lavradas, lá nos meus sitios e com que brincava arrastando uma mólhada de pregos sem lhes tocar. Era o pasmo da garotada. Eu não sabia o que fazia mexer os pregos. Perguntei ao mestre, ao boticario, ninguem sabia; e eu parafusava n'aquilo até que um dia o cirurgião, que tinha vindo á vila tratar o meu velhote que Deus tem, me disse quando lhe mostrei uma pedra:

— Isso é ferro magnetico, rapaz, pedra iman.

«Não fiquei sabendo mais. Mas deve ser a modos um condão assim, o do nosso tenente, que faz mexer os homens. Se lhe der na vontade, leva-nos atraz de si sem a gente saber. Se fossem todos os superiores d'esta força, não haveria dentro em pouco um inimigo com vida n'estes sertões da Africa. Que eu tenho para mim que devemos ir primeiro aos alemães, Aqui anda manigancia d'eles por força na revolta do gentio. Quem lhes atirára com um bom par de lanças para para cima dos lombos! Mas sem gente, que havemos nós de fazer? Ah! Lisboa, Lisboa, que és outra que tal, desnaturada. E queres então luxar com as riquezas d'esta grande terra? Pois manda gente p'rá defender, minha desatinada, minha traidora!»

«5 de dezembro.

«Os do Cuangar tudo massacrado. Isto é de uma pessoa se enfurecer. Cães! Não vir um raio que os parta! O nosso tenente está polvora. E os outros. Que ele ha por aí na infanteria oficiaes de mão cheia. E o comandante então é de alto lá com ele, valente, destemido a valer.»

«13 de dezembro.

«A noite passada é que foi uma coisa como nunca vi. Já de tarde tinham caido alguns debaixo do tiroteio dos alemães. Mas nada se pareceu com o da passagem do Cunene. O nosso esquadrão passou o vau, lá isso é verdade, mas sempre debaixo do fogo

inimigo. Era de ensurdecer. O que nos dava alma era o nosso tenente tão animoso, bradando a cada passo:

— Coragem, rapazes, p'rá frente.

«E passamos. Lá me ficou o pobre João da Ribeira, tão meu amigo, e outros. Mas o João dá-me grande pena. Tinhamos vindo juntos. Eramos da mesma creação. Com ele é que eu abria o meu peito que ninguem como ele conhecia as minhas desgraças. Quando já me tinha corrido o primeiro pregão para casar com aquela infame, foi ele que veio ter comigo mais uma vez, apezar de eu lhe ter virado as costas, esquecendo a nossa antiga amisade.

— Ainda estás a tempo, rapaz, não cases.

— Mas que sabes tu d'ela, homem?

— Pergunta á tua mãe, eu já te disse o que te havia de dizer. Não cases.

«Cuidei de endoidecer quando a velhota me disse tudo.

«Tinha-se combinado, a malvada e o fidalgo dos Lagares para me lograrem. Ele todo generoso queria fazer-me quinteiro lá na propriedade, visto eu ser trabalhador e bom filho, dizia, como se não fosse essa a minha obrigação. Era para a ter lá nas suas terras á vontade e pôr um nome ao que viesse, o infame... Mas ela, ela com a sua carinha de santa, a refalsada, a dizer-me que gostava de mim e eu tão cego... Aquilo só com a vida fóra. Tambem já não se me dá, é uma infeliz como ha tantas. Lá terá o seu castigo. Era o que me repetia João. Ninguem as faz que as não pague, homem, deixa lá. E o caso é

que já se ia gastando esta dôr á beira d'aquele amigo... Que diabo! As lagrimas são para as mulheres. Isto é lá de um soldado de dragões!...».

Nova interrupção no caderno manchado.

«17 de dezembro.

«Tive de largar de escrever por uns dias. Um homem amolece quando estas coisas do coração saem cá para fóra. Mas nada de fraquezas que o caso agora está de respeito.

«Os alemães vieram acampar perto do vau de Calueque. São em grande numero. Ha quem diga vinte e cinco mil, trinta mil, n'estas coisas exagera-se sempre. Mas que são muitos é verdade. Se fossem da força dos nossos seria uma razia.

«Temos a passagem do vau defendida por um destacamento de cavalaria. As nossas tropas foram postas em posição de combate. Mas o resultado é capaz de ser o massacre de todos nós. As forças são poucas, espalhadas, por diferentes sitios, em Calueque serão ao todo uns setecentos brancos, e duas companhias de landins. Isto vae ser bonito.

«18, ás quatro da manhã.

«Os alemães saíram do acampamento dirigindo-se para leste. Se atravessarem o bosque de espinheiros chegarão ao encontro dos nossos sem se dar por tal. Já avisámos os de Naulila do movimento. Oh!...

«19 de dezembro.

«Meu dito meu feito. A' traição. Que dia o de hontem! O nosso tenente... ai, não posso... não posso!...».

O diario aqui estava uma lastima. A escrita tremida atestava o soluçar convulso do dedicado rapaz, cujos olhos se tinham desfeito em lagrimas ao largar a pena. Coração amoravel de mulher em peito forte de soldado.

«20 de dezembro.

«Era madrugada quando eles romperam o fogo Haviam-se aproximado das nossas posições durante. a noite sem serem vistos. O troar da artilharia tinha-me surpreendido a escrever. Duas descargas como toque de alvorada. E não foram mais. Foi um vomitar de granadas que não tinha fim. O fogo castigou sem descanço a extrema esquerda da nossa frente de combate. A infantaria apanhou em cheio. Durante quatro horas o flanco esquerdo respondeu com vigor á fuzilaria do inimigo. As nossas metralhadoras aguentaram o primeiro combate. Depois a infantaria desorganisou-se, perdido o superior que a comandava n'um dos flancos. Todos valorosos, áparte um ou outro que não vale contar. O fuzilar era cerrado, medonho, quando acudimos de Calueque pela retaguarda do inimigo. Deslocam a reserva e colocam-nos entre dois fogos. Mal nos viamos uns aos outros quando o nosso tenente caiu como um heroe sem

um desfalecimento da coragem na hora extrema. Um bravo.

«E não foi morte inutil que se não fôra ele nem um só se salvava na retirada. Bem tentou o comandante contra-ataques. Valente tambem, aquilo! mas não se podia resistir a um fogo assim. Dezesseis metralhadoras, oito peças de artilharia de grosso calibre, cavalaria numerosa, tudo contra nós, tão de perto. O que admira é ter ficado algum vivo n'um destroço d'aqueles. E então para quê, quando caíram outros de mais valia para não se levantarem mais. Que importa lá que tenha grandes baixas o inimigo! Ainda ficam de sobra, olha a vantagem. Quando para os arrasar perdemos tantos dos nossos melhores. Ai, o nosso tenente... o que me ha de dar remedio a esta pena? Vinga-lo! Sim, levar tudo a ferro e fogo deante de mim mal entre em combate. Hão de m'as pagar todas já que me tiraram tudo.

«21 de dezembro.

«Estão da posse do posto, os ladrões. Até os barracões que serviam de hospital incendiaram, aquelas feras. O que vale é que tudo aqui é gente de alma, mesmo os cirurgiões. Salvaram-se a tempo os doentes todos. Como havemos de correr com estes salteadores de estrada se não vem tropa de Lisboa? E que a mandem: primeiro que cá chegue faça Deus bom tempo. Eu bem me lembro do que foi quando viemos. Ficamos todos aqui. Com quatro metralhadoras contra aquela massa de peças que podemos

fazer? E o gentio com eles. Morrer com honra. E acabou. Debaixo d'este chão não nos chegará o frio: estamos com sorte. Faz por cá uma calma...

«E lá se acaba o caderno, estou na capa. Vou manda-lo á velhota não me leve por cá sumiço O nosso tenente ainda me disse um dia d'estes:

— Saiste-me um letrado. Que diabo de garatujas andas para aí a fazer?

— Isto são cá desabafos, meu tenente — respondi eu envergonhado. Pois hão de me fazer companhia, lá para o deante quando eu já não tiver forças para cavar as terras e fazer a colheita, que não terei então ninguem, a minha velhota dormirá debaixo da terra e... mulher não me põe os pés da soleira para dentro, levada a minha santa mãe. Se eu não ficar por cá. E dou por bem empregado. Não fica o meu tenente?

Agora tenho de escrever para casa que vem chegado o Natal, dia de consoadas. Não me tens lá, mãe, mas has de gostar de ver as minhas letras que não esqueci o dia...»

.....

Como moralidade do conto direi:

Os verdadeiros heroes não aspiram a recompensas. Guiados pela irradiação de uma visão espiritual avançam ousados para a gloria pela morte ou pelo triunfo, inacessiveis a interesses mesquinhos, tendo na alma o sereno contentamento do dever cumprido ao fim da jornada, nos labios o sublime conceito da isenção:

«Se servistes a patria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ela o que costuma.»

Faça ela embora o que costuma; mas emquanto precisa dos seus filhos mais devotados que não atire com eles desajudados de todo o auxilio para os confins do mundo onde oscilam os mais solidos esteios da sua grandeza, onde caem prematuramente os defensores mais heroicos da sua independencia.

Mudança de naturalidade

Dispondo de numerosas forças que formavam doze corpos de exercito, os alemães procuravam romper ao longo da costa maritima até alcançar Ypres, no proposito de fazerem aí a anexação da Belgica; e, precipitando-se impetuosamente sobre os aliados, faziam uma ofensiva furiosa.

Por sua parte, o exercito francez, que sob o comando do general Urbal manobrava na Flandres occidental, entre o Lys e o mar, recebendo constantes reforços enviados por Foch, encarregado então de coordenar as operações dos exercitos do norte, resistia vigorosamente e sustentava as suas posições em Dixmude e nas margens do Yser.

Era meia noite quando o general Balfourier, reconhecendo a necessidade urgente de reforçar as suas tropas, reduzidas após violentos e frequentes recontros, requisitou um homem seguro, que fosse capaz de chegar antes de romper o dia ao acampa-

mento do general Dubois para entregar a mensagem em que requeria d'este parte das forças entrincheiradas a pouca distancia de Nieuport.

Seria preciso percorrer o mais rapidamente possivel, no trajeto da linha ferrea que liga Dixmude a Nieuport, a grande distancia que medeava entre os dois acampamentos, para que o importante documento fosse entregue a tempo de se prepararem os reforços para sair das trincheiras antes da acometida provavel do inimigo, prevista para a madrugada.

Acertou a escolha do mensageiro em Vasco de Sequeira, valoroso portuguez alistado entre os voluntarios estrangeiros, experimentado já em varias missões de confiança e conhecido entre os do seu batalhão, que combatia na frente, pela sua audaciosa intrepidez.

Chamado á presença do general, Vasco esperou respeitosamente que ele acabasse de escrever, na atitude do subalterno que recebe ordens do seu superior.

— Esta carta — disse o general fixando em Vasco um olhar penetrante — tem de ficar nas mãos do general Dubois antes da alvorada, suceda o que suceder, percebe?

— Suceda o que suceder, meu general, comprometo-me a entregal-a antes de romper o dia.

— Monte o melhor cavalo, examine bem as armas e parta sem demora. O nevoeiro vae embaraçal-o. Mas tambem o favorece contra as patrulhas de reconhecimento do inimigo. Sei que não se deixará apri-

sionar. Mas, no peor dos casos — concluiu o general com um olhar significativo — o segredo d'esse documento terá de morrer comsigo. Parta.

Feita a continencia militar, Vasco saiu da tenda do general. Por suas mãos selou o seu fiel cavalo, amestrado por ele na carreira e no campo de batalha, muniu-se de armas seguras, que examinou com cuidado, tomou uns golos de uma bebida quente e saiu do acampamento a todo o galope, seguindo á beira da linha por uma noite nevoenta e fria, d'um frio humido e penetrante, que lhe regelava o sangue.

As luzes tremulas das fogueiras, a que se reanimavam os soldados entorpecidos pelo frio intenso de um inverno rigoroso, não eram mais, a pouco trecho, que uns laivos encarniçados atraz do veloz cavaleiro que se perdia na escuridão.

Teria Vasco andado meia hora, quando lhe pareceu divisar ao longe um clarão de tons amarelados como partindo de um logar iluminado.

Não podiam ser ainda as fogueiras do acampamento do general Dubois, que sabia distantes. A densidade do nevoeiro tel-o-ía feito transviar e teria regressado sem o saber ás trincheiras d'onde partiria? Ter-se-ía aproximado de um acampamento inimigo? A linha ferrea cortava um bosque e guiando-se por ela, Vasco era por vezes obrigado a contornar um grupo de arvores por voltas d'onde se não divisava o caminho que devia conduzil-o.

Os seus receios começavam a inquietal-o.

De quando em quando Vasco de Sequeira sopea-

va o cavalo e prescrutava atentamente a escuridão da noite, resolvido a internar-se no bosque ao menor ruido suspeito, embora houvesse de alongar o caminho. Mas, por mais que apurasse o ouvido, nada lhe feria o timpano, a não ser o resfolgar da montada espumante.

N'uma marcha mais cautelosa agora, mas avançando sempre, julgou ver mais alastrada, na mesma parte limitada do espaço, a côr amarelada que já notára e que principiava a laivar-se de vermelho.

Não havia duvida de que a nevoa para aqueles lados era diferente. Só um incendio distante lhe poderia dar aquele aspeto.

O olhar de Vasco, mergulhado na obscuridade, fixou-se de repente n'uma mancha alvacenta; havia o quer que fôsse qne se movia e avançava rapidamente para ele, definindo-se afinal n'um vulto hamano.

Vasco apontou uma arma n'aquela direção, pronto a desfechar á mais leve suspeita d'um ataque.

Já muito perto, as fórmas delinearam-se.

Era uma mulher no desalinho d'uma carreira louca, faces lividas, cabelos ao vento, que parou junto de Vasco, fitando n'ele um olhar espantado, n'uma expressão indefinivel de angustia e de terror.

— Pertence aos aliados, não é verdade? — perguntou com voz sufocada.

— Sim. Que ha?

— Os uhlanos atacaram a nossa casa. Mataram minha mãe, que fez transviar hontem uma patrulha alemã, conduzindo-a no bosque por um caminho

oposto ao do acampamento do general Balfourier, meu padrinho, irmão de leite de meu pae, que é guarda florestal no bosque cortado n'este sitio pela linha ferrea. Quero ir pedir socorro a meu padrinho, mas já não posso correr mais. Acuda-me! — suplicou a infeliz com voz soluçante.

— E seu pae?

— Lutou quanto poude. Mas os monstros são quatro. Conseguiram amarral-o para o fazer presencear... horror!... horror!

E os olhos da aterrada creatura tinham tal expressão de anciedade e de medo que Vasco sentiu-se abalado até ao fundo da alma.

— Pude fugir d'eles não sei como. Meu pae redobrava de esforços percebendo as intenções dos malvados. O que me apertava largou-me para ajudar a contel-o e eu pude saltar pela janela e esconder-me perto de casa. Os soldados irritados precipitaram-se para fóra, procurando-me com urros furiosos, mas o nevoeiro não os deixou descobrir o logar onde me tinha ocultado. Tornaram por fim a entrar. Espreitei pela janela, receosa por meu pae, e vi-os fazer grande lume na chaminé. Abriram um barril de vinho que estava no poial e sentaram-se bebendo, insultando meu pae e ameaçando-o de o queimar vivo. Fugi então para pedir socorro nas trincheiras. A casa já arde, não vê? Acuda-me! acuda a meu pae!

Em presença d'aquela horrivel angustia, Vasco teve um momento de hesitação, que pareceu não acabar nunca á desolada rapariga.

N'esse curto momento passou um tropel de idéas pelo cerebro do cavalheiroso soldado. N'aquela hora Vasco não pertencia a si mesmo. Não podia sacrificar a sua honra a um impulso do seu coração. Os seus sentimentos de humanidade impunham-lhe o dever de salvar a vida ao desgraçado que em breve seria devorado pelas chamas; a sua delicada sensibilidade não lhe consentia permanecer indiferente á dôr d'uma mulher suplicante, mas acima de tudo havia as vidas de muitos homens, compromettidas fatalmente, se o combate se travasse antes da chegada de novos contingentes de tropas que só ele podia avisar do perigo iminente.

Arriscar a vida n'uma luta desegual contra quatro bandidos seria arriscar com ela a mensagem do seu general. Crime de alta traição, que lhe valeria a deshonra d'uma morte afrontosa: sofreria o vilipendio de ser exautorado e passado pelas armas como um infame, se saísse com vida de tão tresloucado empreendimento.

Vasco de Sequeira tinha ainda quatro horas diante de si para o desempenho da sua missão, tempo de sobra para o seu infatigavel corredor. Se podesse tentar um meio de salvação em que não comprometesse a vida que temporariamente lhe não pertencia, ainda chegaria a tempo ao logar do seu destino. Porque não teriam os malfeitores, cevados os seus instintos de crueldade, deixado sósinha a vitima indefeza a estorcer-se na tortura da mais horrivel das mortes?

— E' longe d'aqui? — perguntou.

— A cavalo talvez dez minutos. Venha, por caridade!

Vasco sentiu que esta voz suplicante acordava um éco de piedade no intimo da sua alma.

Apeou se, tomou a rapariga nos braços e colocou-a sobre o seu cavalo. Montou em seguida e partiu com ela segundo a direção indicada pelo clarão do incendio, que se tornava mais distinto de momento a momento.

— Estamos perto e poderemos ser presentidos — disse a rapariga a certa altura com voz tremula.

Apearam-se.

Vasco prendeu o cavalo a uma arvore do bosque e baixando a voz ordenou:

— Não sáia d'aqui. Aqui tem uma das minhas pistolas. Se aparecer alguem não se precipite. Deixe aproximar sem receio e desfeche á queima roupa quando não houver perigo de errar. E' uma arma segura.

Vasco avançou alguns passos cautelosamente procurando abafar-lhes o ruido. Em frente da casa do guarda d'onde subiam espessos rolos de fumo cortados a espaços por linguas de fogo, havia uma clareira que as labaredas alumiavam de quando em quando. N'um d'esses momentos em que o nevoeiro se atenuava Vasco viu tres homens tomando o estribo para montar. Falavam ruidosamente entre-cortando as palavras de gargalhadas alvares.

Um d'eles hesitava em montar a cavalo.

— E Hermann? — lembrou aos outros já dispostos a partir.

— Vae como um odre para o inferno. Regalado e de companhia que mais queria ele?

Novos risos estrondosos que fizeram estremecer de horror a infeliz rapariga oculta atraz da clareira.

Sem mais delongas os tres bandidos internaram-se no bosque ficando preso a uma arvore o cavalo do quarto companheiro.

Mal desapareceram, Vasco precipitou-se para a casa incendiada d'onde saiam densos turbilhões de fumo iluminados por chispas crepitantes.

No pavimento terreo da entrada, um dos uhlanos, estendido de bruços, resfolgava ruidosamente mergulhado na mais profunda embriaguez.

Mais dentro, n'um quarto interior onde mal se podia respirar, jazia o guarda florestal amarrado aos pés de um catre de ferro tendo uma pá de brazas junto ás plantas dos pés descalços e já cobertos de uma crosta avermelhada que começava a denegrir mostrando até onde chegára a atrocidade do tormento infligido pelos facinoras.

Narcotisado pelos gazes toxicos produzidos no incendio do quarto onde o ar tinha dificil acésso, o infeliz respirava fracamente.

Vasco puxou da espada e cortou rapidamente os lençoes com que tinham amarrado o guarda; e, envolvendo-o n'um cobertor, tomou-o nos braços com forças que ignorava em si até áquele momento, correndo para junto da arvore a que se amparava tremula de aflição a desditosa rapariga, exgotada a va-

ronil energia por tão horriveis comoções, receiosa pela salvação de seu pae.

— Socegue — disse-lhe Vasco. — Está vivo. E é preferivel que por emquanto não recobre a sensibilidade. Está horrivelmente queimado.

Mas a angustiada creatura não o ouvia. Ajoelhada junto do pae inclinava-se para ele procurando reconhecer na maior anciedade se efetivamente o sentia respirar; tão pouco se lhe movia o peito e tanto a espaços, que á pobre mulher pareciam horas da mais dolorosa incerteza esses intervalos.

Vasco pousou-lhe a mão no hombro.

— Sabe? — disse apontando para a casa — ha ali dentro um ser humano a quem espera uma morte horrivel.

— Um dos assassinos de minha mãe e de meu pae — respondeu ela com expressão feroz. — Que me importa!

— O seu amor filial pode desejar o casttgo dos algozes. Mas a sua alma de mulher o que lhe diz?

A estas palavras repassadas de comiseração a colera da infeliz fundiu-se n'um soluço convulsivo.

— Salve-o. Se ainda pode, salve-o e caíu chorando sobre o corpo inanimado do pae que cobria de beijos e de caricias delicadas procurando chama-lo á vida.

— Queria ouvir isso da sua boca. Iria arrancal-o á morte por vontade propria mas não sei que dôr me oprimiria se m'o não ordenasse - murmurou Vasco dominado por inexplicavel comoção.

E o corajoso rapaz avançou para a casa que principiava a desmoronar-se. Quási asfixiado pelo fumo, cabelos crestados, faces esbrazeadas, Vasco saía d'aquela ardente fornalha quando desabava o teto, arrastando pela gola da farda o herculeo uhlano completamente paralisado pela narcotisação da mais completa embriaguez.

Chegando junto do grupo formado pela rapariga debruçada sobre o rosto do pae, ouviu este proferir n'um debil suspiro — Maria.

Inconscientemente Vasco repetiu baixinho, tão baixo que só ele o ouviu como um éco apagado e longinquo parecendo sair do interior de si mesmo — Maria...

Não havia tempo a perder.

A filha do guarda florestal protegido como irmão colaço do general Balfourier, tendo passado largo tempo amímada em casa do padrinho em eras de paz, aprendera a montar a cavalo. Montaria o de Vasco por mais seguro e apressado em retomar o caminho das trincheiras. Aí arranjaria maqueiros para transportar seu pae ás ambulancias. Vasco devia partir imediatamente no cavalo do uhlano que jazia na clareira.

A aurora não tingia ainda o horisonte quando o mensageiro n'uma carreira desenfreada era reconhecido pelas sentinelas no acampamento do general Dubois.

Cumprida a sua missão, de regresso já perto dos logares onde se tinham passado os acontecimentos

da noite, Vasco de Sequeira, dissipado o nevoeiro aos primeiros alvores do dia, caminhava a descoberto ao longo da linha ferrea absorto em profundo meditar.

Aquela noite agitada por tão extraordinarios sucessos tinha operado n'ele uma completa transformação. A si proprio se desconhecia, não se julgando já o rapaz despreocupado e alegre que sempre fôra, se bem que a suave melancolia do seu olhar traduzisse o quer que fosse de sereno contentamento interior. Detendo-se por vezes n'uma especie de contemplação a dentro da alma, o seu ouvido foi despertado na quietação da madrugada pelo ruido já proximo de um tropel de cavalos.

N'um momento tem diante de si os trez uhlanos autores da orfandade de Maria.

Agora senhor da sua vida, Vasco não trepidou um instante. Investiu audaz contra os facinoras decidido a matar ou morrer.

A luta era efetivamente de vida ou de morte. Apezar de desigual, os uhlanos, trez contra um, não levavam a melhor. Mas Vasco, deixando os trez prostrados no bosque, com dificuldade atingiu as trincheiras dos seus esvaindo-se em sangue que corria abundantemente de uma ferida perfurada n'uma das coxas, e foi levado para a ambulancia á hora em que as forças do general Balfourier, cobertas pela cavalaria de Dubois defendiam vigorosamente contra o inimigo as posições tomadas no avanço dos dias anteriores.

* * *

Decorreram trez semanas.

As enfermeiras recrutadas voluntariamente em todas as classes, mostram-se infatigaveis e carinhosas junto dos feridos tendo só preferencias pelos que mais carecem de assiduidade. E esses são ás centenas, a todos os instantes postos fóra de combate exanimes n'aquela desditosa Flandres regada á flux pelo sangue generoso dos seus bravos defensores.

Maria, de pé junto de um leito de ambulancia, ageita com tato instintivo as almofadas sob o corpo dorido de Vasco de Sequeira chamado á vida por cuidados assiduos de longos dias, entrado agora em demorada convalescença, n'uma posição permanentemente constrangida, com um dos membros inferiores suportado n'uma goteira de arame, sempre necessitado de mãos piedosas que lhe minorem o sofrimento, variando-lhe as atitudes.

— Ficará então sempre suavisando as dôres dos que sofrem, como anjo consolador? — pergunta ele sorrindo-lhe enlevado na graciosa figura de donzela.

— Emquanto durar a guerra no meu desgraçado paiz não arredarei pé d'aqui. Não tenho ninguem no mundo, devo-me só á nação. Sou belga. O meu logar é ao lado dos meus irmãos de origem — conclue Maria com orgulho bem justificado aliás por pertencer ao abençoado recanto da terra cujos filhos sa-

bem efetivamente unir-se como irmãos na defeza da patria comum e no seu engrandecimento.

— E' essa a sua naturalidade, bem sei, Maria. Mas acabada a guerra? — indaga Vasco suplicante.

— Acabada a guerra não sei. Talvez me naturalise...

Portugueza?!...

Um troço de voluntarios

Grande numero de rapazes que tinham discutido acaloradamente os acontecimentos no pateo do liceu, fechadas agora as aulas, desceram a rua em grande algazarra vociferando e gesticulando todos ao mesmo tempo e vieram abancar n'um café proximo, habitualmente frequentado por estudantes das ultimas classes, muitos d'eles homens feitos, e pelos intelectuaes da terra.

Estes ultimos, satisfeitas as necessidades do estomago á mesa da familia, reuniam-se mais particularmente á noitinha e ali íam, a titulo de facilitar a digestão, perturba-la até por essa meia noite com a ingestão de venenos nervinos disfarçados sob a rubrica de café, biter, cognac, genebra e quejandas coisas. E ao passo que assim arruinavam lentamente as visceras digestivas e não digestivas, iam desfiando o provavel e o possivel de quanto se passava na sua terra e pelo mundo fóra sobre letras, artes e politica,

em cujos meandros complicados se embrenhavam como se estivessem no segredo de todas as chancelarias, de modo que á medida que a beberriquice os exaltava, de todos os lados surgiam alvitres salvadores que mais pareciam alucinações de dementes que cerebrações de individuos arrogando-se o direito ás homenagens dos conterraneos como luminares indigitados pela Providencia a reger os destinos dos restantes homens.

Aqueles, os estudantes, menos dignificados, porem mais simpaticos, juntavam-se de preferencia depois das aulas, ás horas em que os cerebros, vasios os estomagos, se espiritualisam nas concéções elevadas, e discorriam com o ardente e impetuoso entusiasmo da mocidade, nem sempre ajuizada, mas propensa sempre a abraçar os ideaes generosos, revolvendo todos os temas n'aquele modesto café de uma terra obscura de provincia. Interessados todos mais ou menos pelas relações sensacionaes dos periodicos chegados da capital no correio da manhã, o assunto dos ultimos dias era a guerra.

Os proprios «penachistas», ocupados a corrigir os apontamentos escolares, para formar as «sebentas» do ano seguinte, não se continham que não dessem a sua adesão ou o seu voto a algum parecer emitido nas mesas proximas, confraternisando todos no sentir e mais ou menos nos principios, mal definidos ainda pela maior parte, em cabeças de tão verdes anos.

A gritaria dos estudantes n'essa tarde era infernal.

Os jornaes da vespera narravam, com os mais

horriveis pormenores, atrocidades inauditas e violencias bestiaes exercidas pelos soldados inimigos sobre as fnfelizes populações da Belgica impotente, apezar do seu heroico valor, para tirar o desforço de taes ultrages. E a indignação dos generosos rapazes chegára ao auge. Tudo queria ir oferecer-se para combater ao lado do que restava d'esse corajoso povo e vingar as mulheres ultrajadas, as creanças mutiladas, os velhos enterrados vivos, as barbaridades e os crimes perpetrados com uma ferocidade tal que não resava a historia de cousa assim espantosa.

Entre todos o mais exaltado era Luiz Correia, aluno da setima classe, dezenove anos, robusto, alma entusiasta, sentir elevado.

As suas qualidades de caracter tinham-lhe grangeado amigos não só entre os condiscipulos mas tambem nos frequentadores do café onde os estudantes se reuniam depois das aulas.

Um dos que lhe consagrava imensa estima era Jeronimo Pereira, lavrador de modestos haveres dos arredores que desde os vinte anos, tendo perdido mãe e pae, administrava os seus bens indolentemente, n'uma certa indiferença pelas contingencias da vida, e habitava a casa arruinada que possuia na cidade, tendo por unica e fiel companhia a velha creada que o desmamára e que o amimava ainda, a boa Antonia, como quando era creança, ao seu *menino* Jeronimo, uns trinta anos feitos.

Por uma d'estas inexplicaveis afinidades, Luiz e Jeronimo tinham-se sentido atraidos um para o outro

e apezar da diferença de idades, amavam-se como irmãos. E Jeronimo, uma dezena de anos mais velho, com o cerebro mais amadurecido, olhando as coisas a sangue frio, todo fleuma, não poucas vezes conseguia acalmar, com razões bem ponderadas, o animo exaltado de Luiz, cujas fogosas expansões por vezes exageradas, aliás sempre generosas, encontravam no genio metodico mas bondoso do amigo, uma indulgencia quasi paternal.

Era egualmente afeiçoado aos dois, se bem que não em tão intima convivencia, o conterraneo Manuel de Souza Matos, que, tendo concluido o curso em Coimbra no ano anterior a estes sucessos, viera a abrir banca de advogado na terra onde lhe era forçoso viver (apezar de ambicionar um campo de ação mais vasto) para valorisar umas propriedades ruraes, restos da legitima materna salvos miraculosamente das mãos ávidas de um pouco escrupuloso tutor que lhe devorára o melhor dos seus haveres e morrera insolvente.

Casualmente á hora de todo aquele reboliço que sucedera á leitura dos jornaes do dia, tinham-se encontrado no café, decorado pomposamente com o epiteto de *academico*, e reuuidos os tres a uma das mesas mais retiradas, faziam a apreciação das noticias da guerra.

A voz de Luiz, no auge da indignação, sobresaia a todas as outras.

— Isto revolta-me, que querem vocês! E' contra todas as leis da guerra. E' selvagem.

— Os homens, quando n'eles acorda o instinto do

mal, são peores que feras — comentava Jeronimo socegadamente. — Mas não és tu que lhes poderás ir á mão. Talvez tivesses a pretensão de ir por aí fóra amançar os monstros!

— Mau gracejo na hora em que a todos indigna o procedimento d'aqueles barbaros. E' inacreditavel a tua flêuma quando se trata de crimes de lesa-humanidade!

— Sim, os gracejos não teem cabimento n'este caso, concordo. E sinceramente partilho a tua indignação, menino. Mas para que é todo esse fogo se lhes não podes dar uma lição que lhes aproveite, pelo menos a alguns d'eles, mandando-os para o inferno sem remissão?

— E porque é que não posso? — replicou Luiz na maior exaltação. — Está mais que resolvido. Vou oferecer-me como voluntario.

— Agora és tu que gracejas, não é verdade?

— Não, Jeronimo. Estou inabalavel. Vou.

O advogado que os ouvia calado até então, descerrou os labios n'um sorriso triste dizendo em voz baixa:

— Tambem eu vou.

— Bonito! Não faltava mais nada — exclamou Jeronimo voltando-se para Souza Matos cuja expressão melancolica o impressionou. — Tambem te deu para sentimentos guerreiros? Estamos arranjados!

— Os meus impulsos são menos generosos que os de Luiz. Vivo aborrecido n'este circulo acanhado da terra. Isto é monotono. Vou correr mundo, dissipar

o *spleen*. Talvez encontre alguem que procurei em vão por aqui.

— Alguma dama da cruz vermelha em que se transformasse a visão dos teus sonhos...

— Justamente li que está na frente da batalha.

— Vês, Jeronimo! — exclamou Luiz cheio de fogo. — Tambem lá anda uma portugueza. Não estou isolado no meu entusiasmo.

— Isso é invenção do Manuel. Pode lá ser!

— Afianço-te! —ponderou este serenamente. Noticiava um dia d'estes um jornal, que Margarida Ferreira, retida com uma amiga n'uma estação de aguas por algum tempo, tinha conseguido ganhar uma vila de França e ambas tinham prestado os melhores serviços nas ambulancias durante um dos combates mais mortiferos. Nem ela provavelmente se lembra já do humilde advogado que lhe tratou da demanda com os parentes do marido na contestação do testamento. Ele é que não esquece a encantadora mulher. Não pode esquece-la um momento.

— E queres ir morrer-lhe nos braços, já que a beldade se não digna de te cingir n'eles em situação menos romantica, aposto! O enredo dava lindamente para uns folhetins sentimentaes. Até as velhotas chorariam com a leitura — observou Jeronimo zombeteiro.

— Ri á tua vontade. Não me dissuades — insistiu decidido Manuel de Matos. Se não a encontrar, que é o mais provavel, n'um campo tão vasto, combaterei ao lado do direito e da justiça e morrerei cumprindo

o meu dever. A minha classe defende-a nas pugnas do tribunal, eu quero estar ao lado dos que a glorificam nos campos de batalha. Vou combater com os belgas.

— E eu fico para aqui enquanto os meus melhores amigos se fazem matar lá ao longe sem ter quem os cubra com uma pá de terra!! Pois não foste! contem comigo para coveiro, já que me tiram as honrarias de mentor. Vou tambem.

— Bem o previa — disse Luiz batendo-lhe amigavelmente no hombro. Era incapaz de nos deixar partir sós, o nosso dedicado Jeronimo!

— Tenho esta queda para aturar creanças, é que deves dizer. Bom, meninos. Vão ás oito horas a minha casa para estudarmos isso. Vou dizer ã Antonia que nos faça uma boa ceia e durante o festim discutiremos se é preciso arranjar camisolas de lã ou armaduras de ferro. Para mim basta-me uma enxada.

* * *

Quando Luiz Correia, ao sair de casa do amigo, ouviu bater na torre as dez, hora regulamentar fixada para recolher, que seu pae não permitia fosse ultrapassada de um segundo sequer, acelerou o passo, esperando ainda poder evitar a reprimenda, graças á fraude inocente de um desviosito nos ponteiros do seu zenith. E por um natural encadeamento de ideias, á medida que se aproximava de casa, chegava á conclusão de que não havia meio de

comunicar a seu pae a resolução tomada. Era tal o respeito que lhe infundia a autoridade paterna, que nunca se atreveria, via-o agora bem, a abrir a boca deante do pae, para solicitar a licença de partir para a guerra.

E tinha ficado assente em casa de Jeronimo, entrando no conluio a propria Antonia, apesar do seu temor pelos perigos bastos a que se ia expor o seu *menino* Jeronimo, por esse mundo fóra, que tudo ficaria pronto para marcharem dentro de oito dias.

Manuel e Jeronimo eram livres como o ar. Mas com Luiz não se dava outro tanto. Bem pelo contrario.

Quando este assomou á porta da casa de jantar, seu pae, repotreado n'uma cadeira de verga, dormitava socegadamente.

Ao leve ruido da cadeira que Luiz aproximou de sua mãe sentada junto á mesa a seroar, João Correia abriu os olhos. Era um velhote vigoroso, homem chão, de grande senso pratico e espirito recto, muito cioso da sua autoridade de chefe de familia, que se sabia impor singelamente pelo respeito de si proprio.

— Não te senti entrar. Mas devem ser as tuas horas. Que se diz da guerra lá por fóra?

— E' mesmo da guerra que estava falando, meu pae. Sucedem-se constantemente os atropelos a tudo quanto ha de sagrado. Os alemães teem-se mostrado verdadeiros selvagens. Contava agora á mãe — joelhada significativa que ela retribuiu com um sorriso sem levantar os olhos da costura n'uma cumplicida-

de inconsciente — o que se passou hoje á porta do liceu. Um grande numero de rapazes, indignados com tão estupendos crimes, resolveram ir oferecer-se para combater em França com os aliados.

— Impetos estouvados dos poucos anos. E esses rapazes não teem familia que os detenha?

— Têm, pae. Mas é tão revoltante o que se está passando!...

— Não digo que não. O que tambem é verdade é que não faltará por cá, dentro em pouco, se o meu olho me não mente, grande necessidade de gente folgada para fazer face á defeza do paiz. E na hora do perigo todo o homem bem formado estará ao lado dos seus e defenderá primeiro a sua terra que a dos estranhos. Talvez esses exaltados, por esperar, não perdessem a ocasião de lutar pela boa causa...

— Acorrerão mais adextrados a defende-la, meu pae — atreveu-se Luiz a comentar.

— Isso. Que vão fazer-se matar e voltem depois. E' bem lembrado. Discorrer de creanças. Mas deixemos esses disparates e vamos ao chá, que não pode erguer-se cedo quem tarde se deita e a luz do dia é que dá saude e vigor para o trabalho. Vamos a isto.

Estava percebido que, sem influencia estranha Luiz nada conseguiria, porque seu pae não admitia replicas. E, n'esta ordem de ideias, acudiu-lhe á mente com alvoroço a imagem do padrinho. Sim. Seria ele quem falaria e com certeza venceria o pleito, tanto imperavam as suas opiniões no animo de João Correia.

Amigos de pequenos cada um no seu meio, conservavam-se ligados sempre por uma solida afeição. O rico auxiliára o pobre, facilitando-lhe meios de se estabelecer, apadrinhara-lhe o filho, afeiçoara-se a este como seu, custeára-lhe os estudos, tratava-o com viva predileção, não havia emfim capricho que lhe não satisfizesse. Metodico em todas as coisas, deixára Luiz estragar-lhe algumas das melhores arvores do jardim, permitindo que ele as crivasse de balas, porque apetecia ao afilhado exercitar-se ao tiro, tendo-as por alvo.

Logo de manhã, ao outro dia, Luiz foi ter com o padrinho, que lhe prometeu obter a licença desejada e fornecer-lhe o dinheiro preciso durante a interrupção dos estudos, que Luiz prometera gostosamente logo que se fizesse a paz, voltar a seguir para obter o curso de agronomia, tanto da vontade do pae, e de que estava tão proximo, visto ter feito uns dias antes o ultimo exame do curso secundario. E com tal habilidade se houve seu padrinho junto de João Correia, que obteve, não sem relutancia, a permissão que nunca seria dada, sem tão poderosa intervenção.

Vencido este obstaculo aos desejos do valoroso rapaz, no dia marcado para a partida, em casa do Jeronimo, embarcava em Lisboa com destino a França, aquele pequeno troço de voluntarios, levados cada um por impulsos diversos, abrigando todos tres no peito nobres sentimentos de altruismo, sêde de justiça e coragem de sobra para feitos gloriosos que lhes honrassem os nomes e a patria.

* * *

Ferira-se a batalha do Marne, coroada de exito pelas manobras audaciosas dos exercitos aliados, sob a direção do general Joffre. Passado o Marne nos primeiros dias de setembro, os nossos continuavam a obter vantagens sobre o inimigo, á custa de violentos combates que precipitavam os alemães para o norte. Na frente, o segundo batalhão de voluntarios estrangeiros, onde se tinham alistado, os tres amigos, faziam prodigios de valor, combatendo com uma resistencia e bravura sem egual.

Luiz, Manuel e Jeronimo, ao cabo de um mês de luta extenuante, voltavam sempre ilesos á ofensiva, após curtas horas de repouso, com o mesmo ardor com que se lançavam ao inimigo nos primeiros dias. Dir-se-hiam titans invulneraveis.

No fragor da batalha pareciam perder a consciencia do perigo, insensibilisados pela embriaguez da luta e carregavam com vigor, cegos ao clarão do fogo, surdos ao ruir do combate.

Luiz Correia, com as faces em fogo, o peito arquejante, a fronte gotejando sangue, de uma cutilada apanhada de raspão n'um recontro, em que parte dos inimigos ficaram juncando o chão, parte repelidos em toda a ala, fugiam em debandada, procurava com o olhar entre os seus os dois companheiros que combatiam a seu lado e que já não via.

A' volta de si havia um montão de homens derrubados, alguns lutando ainda corpo a corpo, enla-

çados aos inimigos que tentavam subjugar. N'um d'aqueles reconheceu Souza Matos, que acabava de prostrar sem vida um soldado alemão.

Os dois amigos entreolharam-se, acudindo-lhe o mesmo pensamento: Jeronimo.

Começou então uma busca angustiosa no campo que o inimigo abandonára, rechaçado pelos aliados, deixando uma massa informe de cadaveres e moribundos, pesquiza em que era dificil reconhecer alguem porque os corpos dos atacantes, caidos na refrega, voltavam a face para a terra, derribados pelas filas dos que avançavam n'uma ofensiva desesperada.

O nome de Luiz, articulado n'um gemido, revelou, emfim, aos desditosos moços o lugar onde Jeronimo jazia quasi moribundo com o peito varado pela espada de um oficial inimigo.

Luiz e Manuel conseguiram improvisar uma pequena maca com os capotes de que despojaram inimigos mortos no campo, n'ela deitaram carinhosamente o ferido e tomando as varas feitas de espingardas, transportaram-no assim para a ambulancia, onde o cirurgião lhes disse que o golpe interessára o pulmão e que Jeronimo devia morrer d'aí a poucas horas.

As ultimas palavras de Jeronimo, enfraquecendo gradualmente até se lhe extinguirem na garganta, foram ainda um reflexo da estoica filosofia d'aquele espirito de eleição.

— Coragem, amigos, que é isso!

E os seus olhos volviam-se de um para o outro, desolados aos lados do leito.

— Faço menos falta que o pobre diabo que me feriu. Disse-lhe que se fingisse morto quando um dos nossos vinha sobre ele. Eu tinha-lhe visto rolar duas lagrimas ao despedaçar-lhe um retrato que trazia ao peito, vibrando-lhe uma coronhada já impotente para o prostrar. Talvez da mulher amada... ainda pode tornar a ve-la. Eu não tenho ninguem... Fica pão á velha Antonia; e umas courelas... como lembrança... aos meus coveiros. Inverteram-se os papeis... Bemvinda a paz...

Jeronimo expirou durante a noite.

Aos primeiros alvores do dia, Luiz e Manuel voltaram a combater, tendo cumprido o piedoso dever de confiar os restos de Jeronimo á terra extrangeira, que amoravelmente ia abrigando no seu seio os filhos proprios e adotivos, prostrados incessantemente nos campos de combate para a redimir.

* * *

O cordão das tropas aliadas, muito reduzido pelos recontros incessantes que se seguiram áquela memoravel batalha, tinham recebido durante a noite grandes reforços belgas, a que viera juntar-se um corpo inglez e continuavam a repelir os alemães para o norte em vigorosos ataques.

O dia que se seguiu á morte de Jeronimo tinha sido horroroso. Pela noite os feridos eram ás centenas nos hospitaes improvisados por toda a parte.

Entre os do batalhão de voluntarios, um ferido

alcançado por estilhaços d'uma granada, parecia em estado comatoso. Absolutamente imovel no leito sentia-se n'um estado de semi-inconsciencia mal podendo fixar as ideias confusas que lhe passavam no cerebro com a incoerencia do sonho. Com uma sensação estranha referida a um ponto da cabeça pareceu-lhe uma voz de homem dizer junto de si:

— Fratura da base do craneo com esquirola. Vamos fazer o trepano. — Pausa curta.

— Tenha os ferros fervidos que eu volto já, enfermeira.

D'aí a pouco tornou a ter a mesma sensação seguida d'um tempo de inconsciencia, de que despertou ouvindo o ruido que parecia de bróca. Mas, coisa singular, parecia vir de si proprio aquele som, cortado por uma voz suavissima que perguntava ao seu lado:

— Salva-se, doutor?

Que voz tão harmoniosa! E não lhe parecia desconhecida. Julgava que já poderia abrir os olhos mas não queria acordar d'aquele sonho que lhe dava um grande bem estar, um estranho contentamento interior.

— E' quasi certo — retorquiu o cirurgião — mas não deve fazer um movimento sequer. Compressas. — Tela. — Curto silencio. — Acabe de pôr a ligadura que vou a outro. Tenho o maior empenho no resultado d'esta operação. Confio em si, Margarida. Não se afaste d'aqui.

— Margarida!

Não havia duvida que Manuel de Matos ouvira distintamente. Reconhecia agora a voz referida áquele nome. Estaria acordado ?

Queria vê-la.

Quando Margarida n'uma volta da ligadura lhe roçou com a mão na face, Manuel beijou-lha enternecido abrindo os olhos, que logo fechou deslumbrado perante aquela aparição envolta em roupagens brancas marcadas no peito com uma cruz vermelha.

— Margarida — murmurou baixinho—E' um sonho.

— Não é, senhor Manuel de Matos. Sou eu propria. Mas não fale, peço-lhe.

— Faço o que quizer. Peça!

— Desobediente — ralhou Margarida, pondo-lhe sobre os labios a mão que ele tornou a beijar.

Luiz, de pé junto do leito, olhava-os profundamente comovido.

* * *

... por mim, minha querida mãe, escrevia Luiz das trincheiras um mês depois, julgo-me invulneravel. Não é para os alemães descobrirem o meu calcanhar. O meu amigo Manuel entrou em boa convalescença e anceia por se levantar para voltar a combater. Não quere ficar atraz da mulher que ama e que é o conforto dos que padecem e a enfermeira em quem os cirurgiões mais confiam pelo zelo incançavel, pela sua conscienciosa obediencia.

«Seria um crime de lesa-humanidade — dizia-me

ela um dia d'estes — abandonar os campos de batalha para ir fruir egoistamente a felicidade no amor que Manuel me oferece. O amor fortalece-se da esperança e não da realisação das suas aspirações. Deixemol-o robustecer-se.»

Este casamento só tarde, portanto, se realisará, visto ser opinião dos mais sabedores em materia de guerra que a atual se prolongará até fins do ano que vem.

Quando posso arranjar umas flores, ordinariamente estevas, que raro encontro coisa melhor, vou deixal-as com uma saudade d'alma na cruz tosca feita de ramos de arvores, que puz a assinalar a campa do meu querido Jeronimo, do inolvidavel amigo que tanto me quiz.

Os meus primeiros estudos praticos hei de fazel-os nas courelas que ele me deixou; mas se o pae tiver entretanto dificuldades no negocio, que não peça dinheiro a ninguem. Antes quero que as hipoteque. Os nossos bens são para os nossos males que não precisamos de dar a saber a todos.

Não se arreceiem por mim, que áparte uma cutiladasita de que levo a cicatriz como recordação da gloriosa batalha do Marne, conto voltar a abraçal-os são e escorreito no fim da guerra.»

A disciplina

Carolina Hofman fôra em 1880 com o marido e um filhinho de quasi dois anos procurar fortuna para o Havre, onde montaram uma salchicharia elegante, frequentada por boa roda.

Extremamente ativa e entregue a uma vida laboriosa, Carolina, verdadeiro chefe da casa, fez prosperar rapidamente o estabelecimento ao passo que o marido, que já viera debilitado da Alemanha, definhava de dia para dia, neurastenico, e morria em pouco menos de um anno fazendo jurar á esposa que mandaria educar o filho no seu paiz logo que ele completasse dez annos.

Não era Carolina propensa por temperamento a exageros de sensibilidade e, se bem que lhe tivesse causado sincero pezar a morte do marido, passado o primeiro ano de viuvez estava casada em segundas nupcias com o major André Robert, frequentador assiduo do estabelecimento, atraído ali mais pela formo-

sura de Carolina, uma radiante mocidade, que pelo aveludado das galantines que no mostrador incitavam á gula os transeuntes.

Carolina era realmente encantadora. E o major Robert, um mutilado da guerra de 1870, abrira um parentese no seu resentimento contra os alemães em favor da interessante mulher cujos encantos o tinham fascinado. A sua mal disfarçada invalidez que a prótese inabil denunciava nas articulações viciosas do braço artificial, não impediu que a gentil viuva o quizesse despozar e como natural consequencia d'esta união o pequeno Leopoldo teve um irmãosinho, de nome Alfredo, com quem brincar. Tomava-o timidamente nos bracitos, aliás bem seguro pela mãe, queria enfeital-o, embalal-o; consagrou-lhe emfim todo o seu pequenino coração.

E á medida que Alfredo medrava e a mimosa flôr desabrochava em graças e colorido, parecia que tambem o seu fatotactismo a inclinava toda para aquele foco, donde lhe vinha a luz vivificante de tão puro afeto, Leopoldo, o irmãosinho mais velho.

Era um encanto vêr o carinho reciproco dos dois irmãos.

O major Robert adorava-os como se fossem ambos seus. Fanatico pela carreira militar que a mutilação lhe interrompêra, conservando vivas recordações dos seus impetos belicos, invariavelmente comprava como brinquedos ás duas creanças, caixas de soldados, tambores, espadas, kepis, uma infinidade de apetrechos mavorcios, fardava-os, dirigia-os em mar-

chas e duelos, de modo que a pouco trecho os rapazinhos falavam com menos facilidade em termos correntios que em linguagem marcial, fazendo continencias militares com porte aprumado que deliciava o bondoso major.

Quando Leopoldo fez dez anos, os avós paternos insistiram com a mãe, cujo casamento em França lhes não fôra simpatico, para que cumprisse a promessa feita ao primeiro marido de mandar a creança para a Alemanha, e vieram busca-la vendo que ela se não decidia.

Ao abraçarem-se no caes do embarque os pequenitos desfaziam-se em lagrimas, apezar da esperança que alimentavam de passar juntos todas as férias de Leopoldo.

Essa esperança era bem fundamentada, porque a constituição fraca e linfatica de Leopoldo precisava de se tonificar com as brisas vivificantes duma cidade maritima como o Havre, tendo-se debilitado durante o ano em Stutgard, longe do mar.

Feitos os exames, Leopoldo ia anualmente retemperar na atmosfera salubre do Canal a sua debil compleição e afinar pelo diapasão dos ternos afetos de familia as notas da sua viva sensibilidade amortecida no frio ambiente da convivencia com os avós.

Se bem que houvesse uma certa preferencia de Carolina por Alfredo, extremamente amimado, essa predileção em nada alterou a reciprocidade do amor fraterno que unia Alfredo e Leopoldo, egualmente queridos de Robert, que nos seus passeios com eles

pela cidade não perdia ocasião de lhes fazer notar o garbo marcial dos mais aprumados militares que se lhes deparavam pelo caminho, fomentando assim os germens de idéas belicas que desde sempre lançára nos cerebros pequeninos dos dois rapazes.

Ambos com inteligencia clara, estudando com egual aplicação, natural era que enveredassem pelo caminho indigitado pelo major, que para eles representava simultaneamente o carinho e a autoridade. Assim foram ambos cursar escolas do exercito nas suas respetivas patrias.

Já homens, levavam o mesmo regimen de vida que na adolescência, reunindo-se no Havre durante as férias escolares, passando largas horas em passeios pelos arredores, escolhendo para estancia de confidencias o eden paradisiaco de Saint-Adresse, mata semeada de alcantis pitorescos, eriçados de chalets da mais fantasiosa arquitetura, maravilhosa paisagem que jámais pode apagar-se da memoria do viajante a quem foi dado contemplal-a e que pela quietação e pela beleza os atraía mais particularmente, para se comunicarem as suas juvenis aspirações, os seus ideaes generosos.

Alfredo e Leopoldo eram ambos alferes quando deflagrou a guerra atual: um, subdito do kaiser, outro alistado no exercito da Republica franceza. Estavam ambos no Havre, quando foram chamados aos seus corpos.

Carolina, com a sublime presciencia das mães, abraçou Leopoldo dizendo-lhe:

— Vae passar-se o que quer que seja de extraordinario na tua vida, meu filho. Jura-me que não combaterás contra teu irmão, quaesquer que sejam as circumstancias em que te encontres.

Leopoldo envolveu o irmão n'um olhar tão cheio de timidez e carinho como quando, em pequenino, o segurava nos bracitos.

— Confia a vida do teu Benjamin á minha guarda, mãe. Eu saberei defende-lo ou morrer com ele — jurou Leopoldo com voz firme.

Se bem que nos seus labios aquele nome não fosse uma censura á predileção de sua mãe, esta sentiu um rebate de consciencia, repesa da sua injustiça, e abraçou de novo Leopoldo, profundamente comovido.

— Quebraremos as nossas espadas, se nos defrontarmos, ou morreremos juntos — confirmou Alfredo vivamente, mas não com menos sinceridade que o irmão.

O major comprehendendo tambem a gravidade da situação em que os dois rapazes se iam encontrar, intimamente se acusava de os ter impelido para a mesma carreira, mas aparentando firmeza abraçou-os dizendo-lhes:

— Meus rapazes, a consciencia é a diretriz de todo o homem de bem. Atendei-a onde quer que estiverdes. O resto não é convosco. Deus julgará.

* * *

Após um renhido combate de infantaria em que os francezes tinham sido esmagados pelo numero, so-

frendo um morticinio total, foram aprisionados um alferes e alguns soldados que ainda se obstinavam com as armas na mão e que os alemães, iniciado o processo das crueldades inuteis, resolveram passar sumariamente pelas armas diante do regimento.

O alferes Hofman, como mais novo, foi incumbido de dirigir o fogo.

Hofman, dirigindo-se ao comandante, pediu que o exonerassem do desonroso encargo.

— Teremos traidores no nosso regimento ?! Cumpra.

— Recuso obedecer.

— Será fuzilado.

Hofman fez respeitosamente a continencia e avançou com passo firme para junto dos francezes, indo colocar-se ao lado de Alfredo Robert.

Imediatamente troou a descarga. Os dois irmãos de mão dada caíram juntos, proferindo a palavra «mãe».

E as duas almas subiram unidas, como unidas tinham sido na terra, para as regiões etéreas onde os irmãos teem todos a mesma nacionalidade, a mesma egualdade, se eguaes tiverem sido nos logares de provação em amor e em virtude.

O intruso

Num acanhado subterraneo de Liége, diverticulo das galerias que das minas de hulha, estraficada sob uma grande parte do territorio da Belgica, se estendem por debaixo da cidade, duas mulheres de mãos dadas, sentadas sobre um montão de hervas secas, soluçavam atormentadas por uma grande aflição.

De espaço a espaço a mais nova, vinte anos aproximadamente, apoiada a cabeça contra o peito da outra com um gemido abafado, estorcia-se sob a violencia d'um sofrimento horrivel que a deixava extenuada.

E quando, a pouco e pouco, recobrava forças, era para se lastimar amargamente numa resignação, forçada vertendo copioso pranto que só se estancava quando a dôr fisica lhe secava as lagrimas nas faces emagrecidas pelas privações e pela desdita.

Exclamava então, passado o paroxismo de intoleravel tormento a um doer gravativo, as continuas

lamentações dos seus males apertando convulsivamente as mãos da companheira.

— Que infelicidade, minha mãe, que infelicidade a minha!

E que infelicidade, realmente, a de Alice de Langres!

Ha pouco mais de oito mezes, Alice, pelos fins de julho, era a rapariga mais feliz do mundo inteiro.

Filha unica, estremecida da mais carinhosa mãe que dela fizera todo o seu enlevo, muito amada de seu pae, austero varão de nunca desmentida firmeza mas dedicado e bondoso, idolatrada pelo noivo, moço, inteligente, são e trabalhador, correspondendo-lhe com egual afeto, Alice vira tudo sorrir-lhe na vida.

Armando Langres, espirito ponderado apezar da sua mocidade, reto nas suas contas, de vocação decidida para o comercio, inovador prudente mas audaz, desenvolvera em poucos anos a casa comercial que herdara dos pais fazendo-a prosperar com transações habilmente encaminhadas.

Em circumstancias de poder criar familia, vira Alice, a interessante filha do administrador duma parte da região mineira, Ernesto Lamote, cativara-se dela e fôra bem acolhido pelos pais, que o conheciam e admiravam nele as suas qualidades superiores e grandeza de animo.

Combinou-se pela primavera que o casamento se faria no dia dos anos de Alice, em principio de Agosto.

E nesses trez mezes que faltavam para se realisar o desejado enlace que se afigurava de tão bons

auspicios, a vida correu risonha para Armando e Alice, movimentada pela vivaz alegria da mocidade, perfumada por todas as delicadezas de sentimento, idealisada pelo encantamento do idilio são de duas almas boas.

Viam-se muitas vezes ao dia. Falavam-se ás tardes em casa dos pais da noiva, que trabalhava junto da mãe no seu enxoval perto da varanda, onde floriam os nardos tardios, a madresilva e as ervilhas de cheiro, embalsamando o ambiente.

Emquanto a mãe de Alice costurava sem descanço, pousava ela a costura para ouvir Armando falar-lhe dos mil nadas que servem de tema á conversa dos namorados, encantados no antegoso da felicidade domestica tal como ele a idealisava nas suas horas de devaneio, descaminho a que não logram esquivar-se mesmo os espiritos mais positivos.

Compreendendo-se e admirando-se reciprocamente, havia entre os dois a mais completa unidade nas idéas que se associavam sem discordancia no traçado dos seus planos de ventura.

Não havia pois em todo o mundo casal que divisasse o futuro atravez d'um prisma tão irisado na hora em que a mão traiçoeira da adversidade veio solda os élos da cadeia que os unia para a despedaçar de seguida brutalmente no mais inconcebivel requinte de crueldade.

A 2 de agosto realisou-se o casamento em Visé, a pacifica cidade da Belgica situada na fronteira holandeza.

A 2 de agosto os alemães, tomadas rapidamente Limburgo e Verviers, batiam-se nas pontes do Mosa, onde encontravam porfiada resistencia na sua marcha sobre Liége, antes da qual encontrariam Visé; aí chegava a noticia assustadora das proclamações afixadas pelos invasores em Verviers, anunciando a anexação da cidade, á hora em que Alice saía da igreja pelo braço de Armando, envolvida no seu véu branco de noiva.

E desde logo ficaram separados, porque foram immediatamente chamados todos os homens validos para se opôr á arremetida dos alemães; e todos os civis marcharam para as pontes do Mosa a secundar a coluna de infantaria belga que abriu fogo sobre o inimigo quando pela segunda vez tentava reconstruir a ponte cortada, tendo julgado pela rapidez das marchas poder tomal-a de surpreza.

Na luta feroz que precedeu a tomada de Visé e em que os civis se bateram com heroismo, Armando caiu gravemente ferido ao lado de Ernesto Lamote, que parecia invulneravel.

A pouco trecho os inimigos vitoriosos invadiam Visé começando o morticinio na cidade conquistada e desenvolvendo-se o incendio que rebentava em vários bairros devorando rapidamente grande numero de casas, entre as quaes a moradia onde ia fazer o seu ninho aquele casal tão amante, contiguo á casa paterna de Alice, que foi egualmente pasto das chamas.

Na tomada de Visé iniciaram-se as brutalidades

dos invasores, exercendo-se toda a casta de violencias sobre os vencidos.

Os alemães matavam sem distinção os habitantes da cidade arruinada, cometendo atrocidades indescritiveis sobre homens e crianças, ultrajando as mulheres, no numero das quaes foi vitima a desditosa Alice de Langres, desposada de poucas horas, arrebatada dos braços da mãe, ambas desvairadas diante da casa em chamas, onde se reduzia a cinzas quanto possuiam.

Abandonada exanime num pateo onde o abominavel crime foi perpetrado, Alice julgou-se louca quando as terriveis cenas d'esse dia memoravel principiaram a aclarar-se no seu espirito.

Correu então alucinada pelas ruas da cidade incendiada até junto da casa que tinha habitado com seus paes, diante da qual avistou uma mulher chorando, inclinada sobre os residuos inflamados e lançou-se-lhe nos braços, reconhecendo a mãe.

A pobre mulher procurava entre os restos da feliz habitação de outrora encontrar algum dos objetos que tinha estimado, alguma joia que lhe tivesse pertencido, quando de subito lhe apareceu a filha.

Dominada pela maior amargura, Alice chorava a sua desdita increpando o céu e a terra no mais absoluto desvairamento e perguntando a cada instante:

— Que será de mim agora, mãe?

— Teu pae vai a caminho de Liége com toda a gente válida para reforçar ali a defeza. Suspeitou que me não afastaria d'aqui e conseguiu vir falar-me.

Disse-me que te procurasse por toda a parte e nos refugiassemos nas minas, onde deve suspender-se a exploração. Deu-me o dinheiro que tinha para vivermos até que pudesse ir ao nosso encontro. Deixou teu marido moribundo, confiado a uma bondosa familia dos arredores. Talvez se salve...

— Antes morra, minha mãe, e eu o chore a vida inteira, que ele me despreze quando souber a afronta que sofri. Não quero tornar a vê-lo, não quero — soluçou a infeliz escondendo a cabeça no seio da mãe.

* * *

Passaram quatro mezes.

Em principio de dezembro as duas mulheres que se tinham escondido nas galerias das minas onde a industria hulheira interrompera a sua laboração, levavam uma existencia miseravel, obtendo com dificuldade os alimentos de que necessitavam, minadas pelo desgosto da terrivel evidencia que o tempo e os sofrimentos de Alice se incumbiram de demonstrar.

O crime execravel de que a infeliz fôra vitima, tivera como consequencia uma gravidez. Alice gerara no seu ventre um inimigo, o filho de um opressor da sua patria, de um destruidor do seu lar, da bêsta abjeta que a violentara.

E ao horror que a si propria inspirava, juntava-se no animo de Alice um irresistivel enternecimento, um profundo sentimento de piedade pela criancinha que

gerara inocente do crime do seu infame progenitor.

Vagueavam as duas mulheres um dia pelas galerias desertas, quando avistaram ao longe dois homens que se aproximavam e que a principio não reconheceram.

Um presentimento subito poz em sobresalto o coração de Alice, que fixou os olhos desmedidamente abertos nos recemchegados, soltou um grito e caiu desmaiada, ao reconhecer o marido, que avançava a custo, amparado ao braço de seu pai.

* * *

Horas angustiosas as que se seguiram a este encontro, feita a triste revelação!

Ernesto Lamote, o pai de Alice, mostrava-se inflexivel. A filha procuraria um medico que destruisse o fruto do crime.

— Um medico — afirmava ele n'uma deliberação formal — não se recusará a destruir uma excrescencia maligna na carne de uma mulher sã. Basta-lhe para isso a aprovação da sua consciencia. Os tumores de má natureza envenenam os individuos em que se geram: extirpal-os é salvar a vida humana, é um dever. São conhecidas as reações biologicas que o filho determina na mãe durante a gestação, transmitindo-lhe propriedades suas, intoxicando-lhe o organismo dos seus vicios de origem. Sabe-se que os filhos dum segundo matrimonio muitas vezes se assemelham aos do primeiro em qualidades que estes

possuiam e que passaram atravez das modificações que a simbiose com o organismo materno lhe comunicou em modalidades persistentes. Não admito esse aviltamento. A minha filha nunca será o veículo de instintos perversos.

— Meu pae...

— Não quero observações. Demais, és uma mulher casada. Teu marido é um homem de bem. Dominada a legitima revolta do seu instinto, poderá esquecer a afronta e aceitar a mulher maculada, se não vir a cada instante um intruso no seu lar se não temer ver surgir nos seus proprios filhos os vicios d'esse intruso detestado, essa macula que vem destruir a unidade da familia e da raça, adulterando os produtos genuinos do seu sangue para os transformar num bando de malfeitores, de espiões, de algozes. Seria uma progenitura monstruosa. Ele não o admitiria, eu não o admito. Nunca terei por neto o filho d'um reptil imundo. Nem ha lei divina nem humana que condene o abortamento n'estas circunstancias. Essa criança não nascerá com vida. A esse horror prefiro ver-te morta — concluiu Ernesto Lamote na mais violenta exaltação.

Armando ouvia-o silencioso, respeitando a dôr do honrado velho.

Alice, quando este acabou de falar, disse humilde mas com firmeza:

— Meu pai prefere vêr a sua filha morta a vê-la amamentar esse intruso que ela traz no ventre. Pois bem: ninguem sabe onde eu estou, vista o meu luto,

todos pódem julgar que morri. Abandone-me ao meu triste destino. Quem perde mais sou eu, no melhor dos paes. Mas darei á luz a criança que a minha maternidade tem o dever de proteger. O filho tem direitos sobre a mãe. Será desprezivel para todos menos para mim. Um crime não justifica outro crime.

— Crime? Que juiz te condenaria por te livrares de um execravel intruso?

— A minha consciencia e... o meu coração.

— Amaldiçôo-te!

— A maldição do céu já caiu sobre mim. Nenhuma póde ser mais pesada.

— Pois bem: morrerás aqui ao abandono, filha desnaturada. Tua mãe vae comigo.

— Farei o meu dever de mãe como Alice faz o seu. Tambem ela tem direitos sobre mim — acudiu a digna mulher estreitando a filha ao peito n'um apertado abraço e confundindo com as d'ela as suas lagrimas.

Armando apoiando-se ao braço de Ernesto Lamote pousou a mão sobre o hombro de Alice dizendo-lhe piedoso:

— Não chores, mulher. O teu filho será o meu. Fica com tua mãe que voltaremos ambos para te acudir no dia em que tivermos vingado a tua imerecida desonra. Nem os nossos filhos terão conhecimento d'esse crime abominavel que lhes deu um irmão com direito ao nosso lar e todos serão igualmente abençoados por teu pae cuja severidade abrandaremos um dia. Não ha planta ruim que não se

modifique pela cultura. Esse intruso que se intrometeu na nossa existencia será um digno filho nosso, um homem de bem. E será essa uma nobre desforra.

E magnanimo, sublime, Armando pousou os labios de leve na fronte da esposa com a veneração com que oscularia uma imagem sagrada — bem sagrada era ela pelo augusto infortunio da sua maternidade — e afastou-se com Ernesto para a entrada das galerias.

* * *

Ernesto Lamote e Armando Langres batiam-se no Yser como heroes junto dos aliados ao tempo em que Alice abraçada a sua mãe na solidão das minas desertas se estorcia nas primeiras dôres da parturição.

INDICE

A's mulheres da minha terra 5
Mulher 7
Como se fazem heroes 17
No exilio 31
Transferido 37
Sangrando 51
Casamento e mortalha 65
No seu posto 73
De regresso 81
O aboletado 91
Vitimas obscuras 107
Do diario d'um soldado 113
Mudança de naturalidade 125
Um troço de voluntarios 139
A disciplina 155
O intruso 161

* De *Sangrando* foi extraída pela autora, conservando as mesmas personagens mas alterando a acção, uma comedia-drama em quatro actos intitulada *O Jogo*.

ERRATAS

Pág.	Linha	Onde se lê :	Deverá ler-se :
9	17	poder	poderem
14	10	inteletual	intelectual
23	19	mundo	modo
23	28	adentro	a dentro
70	6	dos contingentes	das contingencias
79	19	prendendo-a	prendendo-o
79	20	lhe amoldar	que ela lhe amoldasse
81	8	avançam	avançavam
82	9	intimado	intimidado
87	12	assediado	arreliado
127	24	partiria	partira
145	6	ter	terem
156	19	fatotactismo	fototactismo

PORTUGAL-BRASIL L.da

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA — 132, Rua do Ouro, 138

A. Corrêa d'Oliveira
Parabolas, enc. . . . . 1$00
O Pinheiro Exilado $50
Tentações de S. Frei Gil, enc. . . . . 1$20
Ara, enc. . . . . 1$00

A. M.
1.000 anecdotas $60

Affonso Lopes Vieira
Animaes nossos amigos, (ilustrações de Raul Lino) 1$20
O Pão e as Rosas $80

Alberto d'Oliveira
Eça de Queiroz . . . . . 1$00

Alberto Teles
Camilo Castelo Branco na Cadeia da Relação do Porto $80

Antonio Cabral
Camilo Desconhecido . . . 1$60

Augusto Fuschini
A Architectura religiosa na Idade media . . . . . 1$50

Camara Lima
Beco do Fala-Só . . . . . 1$00

Carlos Malheiro Dias
A Verdade Nua . . . . . 1$00
A Esperança e a Morte . 1$00

Celso Vieira
O Semeador . . . . . 1$00

Coelho de Carvalho
A Eneida de Vergilio . . . 1$00

Conde de Monsaraz
Obras do Conde de Monsaraz:
Catharina d'Athayde — O Grande Marquez—Lenda do Jesuitismo.
2 vol., broc. . . . . 1$60
Enc. . . . . 2$40

Conde de Sabugosa
Embrechados, br . . . . . 1$00
Cart. . . . . 2$40
Gente d'Algo (2.ª ed.) . . . 1$50

Consiglieri Pedroso
Contos Populares Portuguezes. . . . . 1$50

Eduardo de Aguilar
Tragedias de Roma . . . . 1$50

Eduardo Schwalbach
A Historia da Carochinha $50

Egas Moniz
A Vida Sexual . . . . . 2$00
Um ano de politica. . . . . 2$00

H. Lopes de Mendonça
Sangue Português. . . . . 1$00

Iracema
Cartas de Mulher . . . . . 1$00

João de Castro
Jornadas pelo Minho. . . $60

João Chagas
Bom Humôr . . . . . 1$00

João do Rio
A Mulher e os Espelhos . 1$00

Julio de Castilho
Fastos Portuguezes $80

Julio Dantas
Espadas e Rosas . . . . . 1$00
Mulheres (3.ª edição). . . . 1$00

Justino de Montalvão
França de Dôr e de Gloria $80

Manoel de Sousa Pinto
Castelo do Amôr . . . . . 1$00

Matheus d'Albuquerque
Da Arte e do Patriotismo. 1$00

Paulo de Gardenia
Leticia $80

Samuel Maia
Sexo Forte. . . . . 1$00

Urbano Rodrigues
A Duqueza da Baeta . . . 1$00
Coração $70

Teatro:

Augusto de Castro
Amôr á Antiga, 4 actos . . $60

Carlos de Moura Cabral
Comedia Intima, 1 acto . $20

H. Lopes Mendonça
Nó Cego, 3 actos $40

Julio Dantas
Carlota Joaquina, 1 acto . $40

Marcelino Mesquita
Almas Doentes, 2 actos . . $40

Vasco Mendonça Alves
Promessa, 4 actos $60

No prelo:

Augusto de Castro
Conversar
Ironias,

Basilio Tell
A Sciencia

João do Rio
Rosario d

Julio Dantas
Serão nas
Como elas amam.

Manoel da Silva Gaio
De Roma e suas conquistas.

Souza Costa
Paginas de Sangue.

1417392
EPISODIOS DA GUERRA